

DM

A violência no namoro em contexto universitário

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Sara Raquel Pereira Abreu

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2024

A violência no namoro em contexto universitário

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Sara Raquel Pereira Abreu

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

ORIENTAÇÃO

Liliana Maria Gonçalves Rodrigues de Góis

Agradecimentos

Mais um capítulo da minha vida se encerra, foram anos de muita dedicação, trabalho e esforço, mas que no fim, tudo compensou, e a prova disso é a presente Dissertação de Mestrado. Durante estes anos, tive o apoio e a ajuda de pessoas maravilhosas, das quais faço questão em agradecer do fundo do meu coração.

À Universidade da Madeira, que me acolheu ao longo destes anos, disponibilizando condições e ferramentas para que eu conseguisse alcançar todos os meus objetivos.

À minha orientadora, Professora Doutora Liliana Rodrigues, cuja orientação, ajuda (estive sempre disponível independentemente do dia e da hora para tirar-me dúvidas) e conhecimento foram essenciais para a realização desta dissertação.

Às entidades internas e externas, obrigada por me aceitarem para a realização deste estudo, bem como, a disponibilidade em ajudar-me ao longo do mesmo.

Às minhas amigas deste Mestrado, Carmo, Beatriz, Sara e Mariana, foram dois anos de muito esforço, de muito apoio e de muitas gargalhadas. Que continuemos sempre ao lado umas das outras e que partilhemos muitos mais momentos.

Às minhas amigas, Jéssica e Diana, obrigada por estarem sempre ao meu lado e por apoiarem-me mesmo à distância. Que esta amizade perdure durante muitos anos e que continuemos a partilhar os bons e maus momentos.

A minha família e ao meu amor, que estiveram sempre ao meu lado nestes anos, e que me deram força e motivação para ultrapassar qualquer obstáculo, não me deixando desistir em momento algum.

Estou sinceramente agradecida com todos por fazerem parte desta minha jornada académica.

Resumo

A violência no namoro é um fenómeno que tem ocorrido na nossa sociedade. No decorrer dos últimos anos, os números de casos de violência presentes na comunidade têm sido alvo de um crescimento significativo. Ainda assim, estes comportamentos na sociedade são cada vez mais insignificantes e atuais na vida dos adolescentes, do qual existe uma elevada preocupação para estas condutas adotadas pelos mesmos. Assim sendo, o presente projeto tem como intuito compreender o que os estudantes universitários entendem por violência no namoro. Deste modo, será realizado um estudo de caso numa Instituição de Ensino Superior (IES) na Região Autónoma da Madeira (RAM) e seguirá uma metodologia qualitativa, estudo de caso.

Serão elaborados guiões de entrevistas e inquéritos por questionários, de forma a recolher toda a informação necessária para o projeto. Para a análise e interpretação dos dados recolhidos recorrer-se-á a triangulação de dados e a análise de conteúdo.

Palavras-chaves: Violência no namoro, crescimento significativo, adolescentes e metodologia qualitativa.

Abstract

Dating violence is a phenomenon that has occurred in our society. In recent years, the number of cases of violence in the community has increased significantly. Still, these behaviors in society are increasingly insignificant and current in the lives of adolescents, of which there is a high concern for these behaviors adopted by them. Therefore, this project aims to understand what university students understand by dating violence. Thus, a case study will be carried out in a Higher Education Institution (HEI) in the Autonomous Region of Madeira (RAM) and will follow a qualitative methodology, case study. Interview scripts and questionnaire surveys will be prepared in order to collect all the necessary information for the project. Data triangulation and content analysis will be used for the analysis and interpretation of the collected data.

Keywords: dating violence, significant growth, adolescents and qualitative methodology.

Résumé

La violence dans les fréquentations est un phénomène qui s'est produit dans notre société. Ces dernières années, le nombre de cas de violence dans la communauté a considérablement augmenté. Pourtant, ces comportements dans la société sont de plus en plus insignifiants et actuels dans la vie des adolescents, dont il y a une grande préoccupation pour ces comportements adoptés par eux. Par conséquent, ce projet vise à comprendre ce que les étudiants universitaires comprennent par la violence dans les fréquentations. Ainsi, une étude de cas sera réalisée dans un établissement d'enseignement supérieur (EES) de la région autonome de Madère (RAM) et suivra une méthodologie qualitative, étude de cas. Des scripts d'entrevue et des questionnaires d'enquête seront préparés afin de recueillir toutes les informations nécessaires au projet. La triangulation des données et l'analyse du contenu seront utilisées pour l'analyse et l'interprétation des données collectées.

Mots-clés: Violence dans les rencontres, croissance significative, adolescents et méthodologie qualitative.

Resumen

La violencia en las citas es un fenómeno que ha ocurrido en nuestra sociedad. En los últimos años, el número de casos de violencia en la comunidad ha aumentado significativamente. Aún así, estos comportamientos en la sociedad son cada vez más insignificantes y actuales en la vida de los adolescentes, de los cuales existe una gran preocupación por estos comportamientos adoptados por ellos. Por lo tanto, este proyecto tiene como objetivo comprender lo que los estudiantes universitarios entienden por violencia en el noviazgo. Por lo tanto, un estudio de caso se llevará a cabo en una institución de educación superior (HEI) en la Región Autónoma de Madeira (RAM) y seguirá una metodología cualitativa, estudio de caso. Se prepararán guiones de entrevistas y encuestas de cuestionarios para recopilar toda la información necesaria para el proyecto. La triangulación de datos y el análisis de contenido se utilizarán para el análisis y la interpretación de los datos recopilados.

Palabras clave: Violencia en citas, crecimiento significativo, adolescentes y metodología cualitativa.

Sumário

Agradecimentos	1
Abstract.....	3
Résumé	4
Resumen	4
Índice de Figuras	9
Índice de Quadro	10
Lista de Siglas.....	11
Lista de Abreviaturas.....	12
Introdução.....	1
1. Problemática	2
1.1. Problema de investigação	3
1.2. Delimitação do campo de estudo.....	4
1.3. Questão de investigação	4
1.4. Objetivos.....	4
1.4.1. Objetivo geral	4
1.4.2. Objetivos específicos.....	4
2. Enquadramento teórico.....	5
2.1. Desenvolvimento Comunitário.....	5
2.2. A violência no namoro	8
2.3. Tipologias de violência no namoro	16
2.4. Programas e recursos nacionais e regionais de prevenção e sensibilização da violência no namoro	18
2.4.1. Programas nacionais	19
2.4.2. Planos regionais.....	21
2.4.3. Campanhas regionais.....	22
2.4.3. Estruturas de apoio	24
2.5. O impacto da desigualdade de género na nossa sociedade.....	25
2.5.1. Enquadramento teórico sobre a igualdade de género	29
2.5.2. As desigualdades de género existentes na nossa sociedade	35
2.5.3. A violência de género	40
2.5.4. A Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018- 2030	43
3. Metodologia.....	44
3.1. A pesquisa qualitativa.....	45
3.2. Estudo de caso	46
3.3. Técnicas de recolha de dados	48
3.3.1. Entrevista.....	48
3.3.2. Inquérito por questionário	51
3.3.3. Análise documental	55
3.4. Técnicas de análise e interpretação de dados	56

3.5. Categorização	58
3.6. Questões éticas	63
4. Tratamento e análise dos dados	65
4.1- Análise de conteúdo a entidades internas à Universidade	65
4.2- Análise de conteúdo às entidades externas à Universidade	87
4.3- Cruzamento das entrevistas às entidades externas e internas.....	108
4.5- Triangulação dos dados	128
5. Considerações finais	131
6. Referências	135
7. Apêndices	146
Apêndice 1.- Guião de entrevista ao P1	146
Apêndice 2.- Guião de entrevista ao Representante do Gabinete de Psicologia da UMa	150
Apêndice 3.- Guião de entrevista um representante do Provedor do Estudante	155
Apêndice 4.- Guião de entrevista a um elemento da Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania	159
Apêndice 5.- Guião de entrevista a representante de uma ONG que trabalha na área da igualdade de género	163
Apêndice 6.- Guião de entrevista a um representante de uma ONG que trabalha na área da violência no namoro	167
Apêndice 7.- Guião do Inquérito por Questionário	171
Apêndice 8.- Processo da Comissão Ética	176
Apêndice 9.- Pedido de parecer	179
Apêndice 10.- Consentimento informado.....	179
8. Cronograma	182

Índice de Figuras

Figura 1- Pontuação em Portugal- Índice de igualdade de género

Figura 2- Género dos participantes

Figura 3- Idade dos participantes

Figura 4- Cursos que os participantes frequentam

Figura 5- Resposta dos participantes à questão: “Sabe o que é a violência no namoro?”

Figura 6- Resposta dos participantes à questão: “A violência no namoro”

Figura 7- Resposta dos participantes à questão: “Já exerceu violência sobre alguém no namoro?”

Figura 8- Resposta dos participantes à questão: “Conhece alguém que já sofreu de violência no namoro?”

Figura 9- Resposta dos participantes à questão: “Se foi vítima de violência no namoro, onde aconteceu?”

Figura 10- Respostas dos estudantes à questão, “O que é a violência no namoro? De 0 a 5 identifique os comportamentos que são considerados violência no namoro”

Figura 11- Resposta dos participantes à questão: “Quais destes comportamentos podem ser considerados violência no namoro?”

Figura 12- Resposta dos participantes à questão: “Selecione as frases que são consideradas violência no namoro”

Figura 13- Resposta dos participantes à questão: “Conhece algum programa de sensibilização sobre a violência no namoro?”

Figura 14- Resposta dos participantes à questão: “Se respondeu sim, selecione os programas de sensibilização”

Figura 15- Resposta dos participantes à questão: “Conhece os apoios que são prestados às vítimas de violência no namoro?”

Figura 16- Resposta dos participantes à questão: “Selecione os apoios que são disponibilizados”

Figura 17- Resposta dos participantes à questão: “O que deve fazer quando é vítima de violência no namoro?”

Figura 18- Resposta dos participantes à questão: “O que se deve fazer quando se sabe que alguém é vítima de violência no namoro?”

Figura 19- Resposta dos participantes à questão: “O que se deve fazer se for vítima de violência no namoro na universidade?”

Índice de Quadro

Quadro 1: Categorização e Classificação - Análise de conteúdo das entrevistas

Quadro 2- Análise de conteúdo a entidades internas à Universidade

Quadro 3- Análise de conteúdo às entidades externas à Universidade

Lista de Siglas

APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

AVVD- Apoio às Vítimas de Violência Doméstica

CIG- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

EAVVD- Equipa de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica

ENIND- Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação

FEM - Associação Presença Feminina

GNR- Guarda Nacional Republicana

ISSM, IP-RAM- Instituto da Segurança Social da Madeira

ONU- Organização das Nações Unidas

PJ- Polícia Judiciária

PSP- Polícia de Segurança Pública

RAM- Região Autónoma da Madeira

RRCVD- Rede Regional Contra a Violência Doméstica

UMAR- União de Mulheres Alternativa e Resposta

Lista de Abreviaturas

RNAVVD- Rede Nacional de Apoio à Vítima de Violência Doméstica

PAIMH- Plano de Ação para a Igualdade entre Mulheres e Homens

Introdução

Este projeto tem como objetivo estudar a violência no namoro no contexto universitário, tendo como objeto de estudo todos os estudantes universitários de uma instituição de ensino superior (IES) da Região Autónoma da Madeira (RAM). O projeto “A violência no namoro em contexto universitário”, encontra-se dividido em cinco partes.

- 1) o primeiro capítulo introduz a Problemática, do qual menciona de forma reduzida o conceito de violência no namoro, assim como, alguns dados estáticos sobre a mesma e ainda a importância de estudar este problema. Além disso, este primeiro capítulo ainda aborda o problema de investigação, a delimitação do campo de estudo, a questão de investigação e, por fim, o objetivo geral, assim como, os objetivos específicos.
- 2) o segundo capítulo corresponde à revisão da literatura, do qual se desenvolve o enquadramento teórico da violência no namoro, ou seja, o conceito de violência no namoro, alguns dados estatísticos sobre a mesma, de seguida, se desenvolve as tipologias da violência no namoro, isto é, os tipos de violência que existem no namoro e o seu respetivo impacto nas vítimas, posteriormente, os programas e recursos nacionais e regionais de prevenção e sensibilização da violência no namoro e, por fim, o impacto da desigualdade de género na nossa sociedade que subdivide-se no enquadramento teórico sobre a igualdade de género, de seguida, as desigualdades de género existentes na nossa sociedade, posteriormente, a violência de género, e por último, a estratégia nacional para a igualdade e a não discriminação 2018-2030.
- 3) o terceiro capítulo aborda a metodologia, do qual faz referência à pesquisa qualitativa e o estudo de caso. No entanto, também são abordadas as técnicas de recolha de dados, mais especificamente, a entrevista, o inquérito por questionário, e a análise documental e as técnicas de análise e interpretação de dados, nomeadamente, a análise de conteúdo. Ainda no terceiro capítulo é abordado a categorização e as questões éticas, que diz respeito ao anonimato dos dados dos participantes.

- 4) o quarto capítulo corresponde ao tratamento e análise dos dados que aborda as análises de conteúdos das entidades internas e externas à Universidade, as conclusões das entrevistas, o cruzamento das entrevistas, a análise do inquérito por questionário, bem como, a sua conclusão e, por fim, aborda a triangulação dos dados.
- 5) o quinto capítulo apresenta as considerações finais, enquanto, o capítulo seguinte apresenta o cronograma. O penúltimo e o último capítulo aborda respetivamente, as referências e os apêndices.

1. Problemática

A violência no namoro não é um problema atual da nossa sociedade, sendo que se verificou por uma retrospção que o ato de violência era comum no passado e que começou a manifestar-se com maior evidência a partir da década de sessenta. A partir dessa década verificou-se uma maior inquietação relativamente à violência presente nos relacionamentos amorosos, o que tem incentivado vários investigadores a estudar esta problemática. Ainda assim, nos dias de hoje, os jovens envolvidos em relacionamentos amorosos, e que experienciam violência no namoro, começam a constatar a verdadeira dimensão de um acontecimento que ao longo dos anos foi omitido, devido à focalização “à centração da investigação nas relações maritais”(Caridade & Machado, 2006, p.486).

No entanto, grande parte dos jovens “estabelece relacionamentos positivos e saudáveis”(APAV, 2015, p.1). Porém, existem casos em que o desejo de reprimir e limitar o/a parceiro/a pode desencadear a violência (APAV, 2015). Assim sendo, a violência no namoro consiste num ato de violência, do qual pode ser praticada de forma contínua ou pontual pelo/a agressor/a. Esta violência pode ser manifestada de diversas formas, tais como a violência verbal, sexual, social, económica, física e psicológica. Além disso, a violência no namoro é baseada pelo desequilíbrio de poder numa relação entre parceiros/as, do qual o/a agressor/a utiliza como método de controlo (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2021a).

Em 2020, foi desenvolvido pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) um estudo nacional acerca da violência no namoro, do qual se verificou que na Região Autónoma da Madeira, os comportamentos relacionados a “perseguição corresponde a (27%), ao controlo (32%) e a violência sexual (22%), sendo estes comportamentos que a maioria dos jovens mais legitimam no relacionamento. No

entanto, ainda se constatou através dos indicadores de vitimização um maior predomínio da perseguição (18%), da violência psicológica (21%) e do controlo (20%)” (União de Mulheres Alternativa e Resposta, 2020, P.18).

No mesmo seguimento, a Guarda Nacional Republicana (GNR), registou em 2022 cerca de “1,421 crimes de violência no namoro, sendo que desses crimes, 244 vítimas se encontravam na faixa etária até aos 24 anos” (Divisão de Comunicações e Relações- Públicas, 2023, p.1). Em relação a 2021, foram registados “1,105 crimes de violência no namoro, em que 322 vítimas se encontravam na faixa etária até aos 24 anos” (Divisão de Comunicações e Relações- Públicas, 2023, p.1).

Após a averiguação desses dados, a GNR apela à comunidade afirmando que “A violência não é uma opção” (Divisão de Comunicações e Relações-Públicas, 2023, P.1). E “Denunciar é uma responsabilidade coletiva” (Divisão de Comunicações e Relações-Públicas, 2023, P.1).

Verificamos que a violência no namoro tem aumentado gradualmente, embora que seja realizado pelas diversas organizações e/ou instituições programas de prevenção, bem como, de sensibilização da violência no namoro (APAV, 2015). Desta forma, a violência no namoro é um crime, do qual incorpora “o quadro legal do crime de violência doméstica, no artigo 152 do código penal” (APAV, 2015, p.1).

À vista disso, se futuramente pretendemos impedir “a ocorrência e perpetuação”(Madeira & Nogueira, 2022, p.17) de comportamentos violentos, é essencial intervir nas situações de violência, acabando com as práticas abusivas (Madeira & Nogueira, 2022). Além do mais, ao desenvolvermos programas de prevenção de violência no namoro com os jovens, fazemos com que os mesmos se transformem em “agentes significativos e ativos na construção de realidades que espelhem os valores da igualdade, da liberdade e da não- violência”(Madeira & Nogueira, 2022, p. 17).

1.1. Problema de investigação

Tendo em conta o ponto anterior, o problema que se levanta nesta investigação é: o que os estudantes universitários entendem por violência no namoro.

1.2. Delimitação do campo de estudo

Este projeto “A violência no namoro em contexto universitário” tem como público-alvo, os estudantes universitários de uma IES da RAM, um elemento da Direção dos Serviços da Igualdade e Cidadania; P1; um representante de Psicologia de uma IES da RAM; um representante de uma ONG que trabalha na área da violência no namoro; um representante de uma ONG que trabalha na área da igualdade de género e um representante do Provedor do Estudante.

1.3. Questão de investigação

Face ao enquadramento, acima apresentado, coloca-se a seguinte questão de investigação: “Como é que a violência no namoro é percecionada pelos estudantes universitários?”

1.4. Objetivos

1.4.1. Objetivo geral

- Compreender quais são as representações que os estudantes universitários têm sobre a violência no namoro.

1.4.2. Objetivos específicos

- Identificar os tipos de violência no namoro;
- Descrever as representações dos estudantes universitários relativamente a violência no namoro;
- Elencar os programas nacionais e regionais de prevenção e sensibilização sobre a violência no namoro;
- Identificar os recursos disponibilizados pelas instituições no apoio à vítima de violência no namoro.

2. Enquadramento teórico

2.1. Desenvolvimento Comunitário

As Nações Unidas estabeleceram o conceito de desenvolvimento como processo cultural, económico, político e global, que pretende melhorar o bem-estar de todos os/as cidadãos/ãs, baseando-se na participação livre, ativa e significativa da própria evolução, bem como, da distribuição das vantagens que dele procede (Gómez et al, 2008).

Em 1995, Schuldt afirma que desenvolvimento é um termo e um ato complexo que deverá ser compreendido desde as mais variadas perceções, ajustando-se aos diversos espaços sociais e culturais em que se aplica. Porém, Caride e Meira, alegam que o desenvolvimento é uma construção histórica e social “em que confluem posturas confrontadas com a natureza e a orientação que adquirem as transformações sociais, nas suas dimensões materiais e ideias” (Gómez et al, 2008, p. 89).

É no seio do comunitário e da comunidade que o desenvolvimento deverá transmitir as suas realizações, bem como, as suas iniciativas em rostos e nomes específicos, solicitando e proporcionando a participação ativa dos indivíduos no processo de modificação que se induzem e precisam, uma vez que é importante identificar nelas a sua condição de indivíduo e não de mero instrumento da ação social (Gómez et al, 2008).

A educação é um fator fundamental para impulsionar o desenvolvimento de um país e de uma comunidade, “traz uma semântica de relevância social e se traduz em um olhar corporificado da função do conhecimento” (Oliveira et al, p. 102). Neste sentido, o desenvolvimento e a educação são realidades e processos que estão profundamente ligados, a tal ponto que não se deve criar uma “educação sem desenvolvimento, nem desenvolvimento sem educação” (Gómez et al, 2008, p. 10). Um estabelecimento educativo que auxilia no desenvolvimento comunitário é igualmente um estabelecimento atento às dificuldades, problemas e carências de uma comunidade. É a instituição educativa que oferece educação à comunidade para que os/as cidadãos/ãs possam se organizar; auxilia para colmatar a dinâmica associal das comunidades; analisa e interpreta os seus problemas e, por fim, identifica e conhece as necessidades de aprendizagem (Gómez et al, 2008).

As Nações Unidas, em 1954, apresentaram o significado do conceito de desenvolvimento comunitário, sendo que o mesmo integrou-se na linguagem internacional para denominar um conjunto de processos pelos quais os/as cidadãos/ãs de um país unem as suas forças aos dos poderes públicos a fim de melhorarem a situação social, cultural e educacional. O desenvolvimento comunitário consiste num processo educativo que está determinado a conseguir alterações qualitativas nos comportamentos e atitudes dos/as cidadãos/ãs. Ou seja, o desenvolvimento comunitário está destinado às comunidades que possuem poucos recursos disponíveis e/ou que se encontram em situação de subdesenvolvimento, sendo que o principal objetivo do desenvolvimento comunitário é a conseguir alcançar o bem-estar social que, conseqüentemente, irá melhorar a qualidade de vida dos/as cidadãos/ãs (Gómez et al, 2008).

Em 1959, o desenvolvimento comunitário surge através dos programas nacionais de desenvolvimento comunitário que estão direcionados para melhorar a qualidade de vida da população. Nos dias de hoje, os programas de desenvolvimento comunitário são essenciais para promover uma melhor qualidade de vida a todos/as cidadãos/ãs, bem como, às futuras gerações. Em relação a educação dos cidadãos/ãs e o nível de informação, tem possibilitado a elaboração e a evolução de comunidades e regiões para envolver-se no desenvolvimento global e nacional (Gómez et al, 2008).

Perante esta realidade, o desenvolvimento comunitário procura restaurar a “conduta racional e soberana dos cidadãos, regressando à vinculação social e concebendo a comunidade como a construção concreta de vínculos activos entre os sujeitos para satisfazer de forma activa as suas necessidades sociais” (Gómez et al, 2008, p.115). Além disso, o desenvolvimento comunitário consiste, assim como consta no “O Progresso social mediante o desenvolvimento” (Gómez et al, 2008, p. 101), em proporcionar o desenvolvimento equilibrado por meio da ação local. No “Progresso social mediante o desenvolvimento” (Gómez et al, 2008, p. 101) os elementos essenciais para o desenvolvimento comunitário assentam em três princípios, sendo estes, desenvolver a confiança na sua capacidade de iniciativa, estabelecer condições de progresso social e económico e, por fim, participação ativa dos/as cidadãos/ãs (Gómez et al, 2008).

Para alcançar o desenvolvimento comunitário é necessário promover a igualdade. Assim sendo, a promoção da igualdade de género contém uma perspectiva inclusiva e equitativa da comunidade (Universidade Católica Portuguesa, 2022). Uma vez que, a mesma é vista globalmente como “uma condição de justiça social e uma questão de Direitos Humanos” (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2021c, p. 1), essencial para que as comunidades se tornem mais igualitárias e desenvolvidas (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2021c). É, por isso, “um requisito para o desenvolvimento e a paz e, nos países democráticos, uma condição para o exercício pleno efetivo e pleno da cidadania”(Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2021c, p.1).

Além disso, a promoção da igualdade de género é essencial na prevenção da violência. A relação entre a violência e o género é considerada complexa. As desigualdades de género intensificam o risco de violência dos homens contra as mulheres e vice-versa, e impedem a possibilidade de as vítimas procurarem proteção. Existem muitas formas de violências. No entanto, a violência entre parceiros é a forma mais comum. Ainda que seja necessário realizar mais investigações, os dados demonstram que as intervenções dos meios de comunicação, da comunidade e dos estabelecimentos educativos, conseguem prevenir a violência e promover a igualdade de género, contestando os estereótipos que estão inseridos na comunidade (Who Health Organization, 2022).

Durante muitos anos, a promoção da igualdade de género tem sido uma parte crítica da prevenção da violência. Este incluiu intervenções que confrontam as normas culturais e as crenças estabelecidas, da qual a desigualdade de género se desenvolve, assim como esforços para abranger todas as esferas da comunidade na reparação dessas desigualdades, ambas consideradas para diminuir a violência do género (Who Health Organization, 2022).

As intervenções comunitárias dirigidas a diminuir a desigualdade de género, procuram normalmente fortalecer a sua posição económica e instruir as mulheres. As intervenções comunitárias têm em vista alterar não somente o modo como os/as cidadãos/ãs pensam e se comportam, como também mobilizar distritos inteiros para colmatar a violência (Who Health Organization, 2022).

As intervenções governamentais para proporcionar a igualdade de gênero, especificamente, legislação e políticas, podem desempenhar uma função fundamental na prevenção primária da violência (Who Health Organization, 2022). Portugal tem inserido “políticas públicas para igualdade, que têm sido norteadas por Planos Nacionais para a Igualdade” (Rodrigues et al, 2023, p. 8) e pela “Estratégia Nacional para Igualdade e a Não Discriminação” (Rodrigues et al, 2023, p. 8), que teve início em março de 2018 e terminará em 2030. Além disso, Portugal em 2013 aderiu à Convenção de Istambul, que se declarou como marco mundial na erradicação a esta problemática. Além do mais, nos últimos anos, Portugal tem revisto e atualizado a legislação, com o intuito de enquadrar e ajustar as diretrizes internacionais relativamente à violência doméstica à realidade comunitária (Rodrigues et al, 2023).

Em suma, o desenvolvimento é um processo que procura melhorar o bem-estar dos indivíduos abrangendo a sociedade, cultura e economia. A participação ativa e a educação são essenciais nesse processo, principalmente nas comunidades. As Nações Unidas, desde os anos 1950 proporcionam o desenvolvimento comunitário para melhorar a vida dos/as cidadãos/ãs em diversos setores da sua vida. A promoção da igualdade de gênero é primordial para impedir a violência e para proporcionar um desenvolvimento equilibrado numa comunidade.

À vista disso, a igualdade de gênero, a educação e o desenvolvimento comunitário são a base para desenvolver uma sociedade mais justa e desenvolvida.

2.2. A violência no namoro

A gravidade e a dimensão do fenómeno de violência no namoro eram desconhecidas, sendo que se tornaram desenvolvidas, somente em 1981, após Makepeace desenvolver um estudo pioneiro na área da violência na intimidade entre jovens (Caridade & Machado, 2013). Neste estudo constatou-se que “um em cada cinco estudantes universitários era afetado por este problema e que 61% da amostra revelava conhecer jovens com experiências de namoro abusivas” (Caridade & Machado, 2013, p. 92). A partir desse momento, presenciamos um acréscimo “dos estudos de prevalência e das dinâmicas violentas subjacentes a este tipo de relacionamentos” (Caridade & Machado, 2013, p. 92).

Deste modo, a violência (género, namoro, sexual e íntima) foi concebida como problema da sociedade na segunda metade do século XX. No entanto, o estudo sobre o fenómeno direciona-nos para o ano 1990, em parte influenciada pelas prioridades e legislações determinadas pela União Europeia e pela Organização das Nações Unidas, como também pelas ações dos movimentos sociais (Gama et al., 2017).

Assim sendo, no início do século XXI, em Portugal, surgiram as primeiras investigações sobre esta problemática (Santos, 2013, citado por Gama et al, 2017). Iguamente, a violência no namoro, em Portugal, tem sido caracterizada como “fenómeno social, midiático e jurídico”(Gama et al., 2017, p.78), sendo que a mesma conseguiu se tornar tema na “discussão pública e académica”(Gama et al., 2017, p. 78).

Segundo Madeira e Nogueira (2022):

[...] a violência no namoro não se reduz a comportamentos violentos isolados, tratando-se de uma dinâmica relacional em que um dos elementos do casal, através da violência, procura controlar, dominar e submeter a pessoa com quem namora. Falamos de um padrão de comportamentos de abuso recorrentes que tendencialmente, com o tempo, se tornam mais frequentes, graves e destrutivos (p. 41).

A violência no namoro desenvolve-se de forma cíclica, sendo que esta possui três fases. A primeira fase corresponde ao “aumento de tensão” (Walker, 1979, citado por Ferreira et al., 2019, p. 27), isto é, os problemas do dia-a-dia, do qual origina a segunda fase o “ataque violento” (Walker, 1979, citado por Ferreira et al., 2019, p. 27), como por exemplo, a violência psicológica ou a violência física. Posteriormente, dá-se a terceira fase, que se designa por “lua de mel” (Walker, 1979, citado por Ferreira et al., 2019, p. 27), que consiste por um período de acalmia, frequentemente relacionado com o pedido de desculpas da parte do/a agressor/a e do compromisso que irá mudar de comportamento. Este período varia quanto à duração, sendo que “em alguns casos, a escalada da violência não dá lugar a um período de reconciliação, oscilando apenas entre o aumento de tensão e o ataque violento, agravando o risco para a vítima” (Ferreira et al., 2019, p. 27). No entanto, a violência tem a tendência de aumentar em intensidade, perigosidade e frequência, no decorrer do tempo. Deste modo, é gradual o aumento do perigo e das repercussões negativas para a vítima, a par da noção de perda de autoconfiança, de controlo, de poder e de competência pessoal (Ferreira et al., 2019).

Dito isto, existem estratégias e comportamentos de violência que são normalizados e, em muitos dos casos, até mesmo romantizados, não sendo entendidos como violência, tal como, a culpabilização, o isolamento, a chantagem emocional, os ciúmes ou o controlo. Desta forma, é crucial proporcionar o reconhecimento de que as vivências de abuso sexual, físico e psicológico, vividas num relacionamento amoroso possuem repercussões negativas a curto e a longo prazo. A implicação da violência advém não somente dos recursos dos indivíduos, mas também da severidade e da natureza das ações abusivas, assim como, da durabilidade do relacionamento abusivo (Madeira & Nogueira, 2022).

Neste sentido, para realizar uma intervenção na área de violência no namoro é necessário reconhecer a magnitude do problema. À vista disso, tem-se constatado através de estudos que no decorrer dos anos, existe um número considerável de adolescentes que praticam comportamentos violentos no namoro, sendo este um aspeto preocupante (Madeira & Nogueira, 2022).

Segundo, o estudo do Observatório da Violência no namoro, realizado entre abril de 2017 e dezembro de 2022. As zonas geográficas da ocorrência de violência no namoro são: “0,2% em Viana do Castelo; 11,6% em Braga; 39,1% no Porto; 4,1% em Aveiro; 2,1% em Coimbra; 2,5% em Leiria; 2% em Santarém; 15,2% em Lisboa; 1,8% em Setúbal; 3,2% em Faro; 0,9% em Beja; 1,1% em Évora; 0,5% em Portalegre; 2,5% em Castelo Branco; 2% em Guarda; 2,7% em Viseu; 1,8% em Bragança, 1,8% em Vila Real; 0,5% nos Açores e 1,1% na Região Autónoma da Madeira” (Neves et al., 2023, p.1) Neste sentido, podemos constatar que houve cerca de “440 denúncias de violência no namoro, sendo que dessas 440 denúncias 44,5% são testemunhas, 47,5% são ex-vítimas, e cerca de 8,0% são vítimas atuais” (Neves et al., 2023, p.1).

No entanto, o “1,1% da Região Autónoma da Madeira (RAM)” (Rodrigues, 2017, p. 1) não coincide com a realidade, no sentido que a RAM é a zona do país com maior índice de violência sobre as mulheres. Segundo Rodrigues, “A Madeira tem o maior índice de violência doméstica por cada mil habitantes”, sendo que o “índice de violência na Madeira é de 4.09 por cada mil habitantes” (Rodrigues, 2017, p. 1).

No que diz respeito às vítimas, “87,5% são do género feminino, 11,4% do género masculino e 0,7% de outro género. Em relação à orientação sexual das vítimas cerca de 84,5% são heterossexuais; 3,4% são lésbicas; 2,7% são gays e 5,9% são bissexuais” (Neves et al., 2023, p. 2). Relativamente à nacionalidade das vítimas, “90,2% são de nacionalidade portuguesa, e em relação, a idade média das vítimas é de 23.07 anos. Por fim, no que se refere a área profissional, cerca de 58,6% são estudantes” (Neves et al., 2023, p. 2).

Em relação a caracterização da vitimação, cerca de “55,5% dos casos de violência ocorrem mais do que uma vez e 72,7% dos casos de violência ocorrem em diversos momentos do dia”(Neves et al., 2023, p. 3). Relativamente à forma como a violência é praticada cerca de “85% é violência emocional; 70,6% é violência psicológica; 83,8% é violência verbal; 49,5% é violência física; 62% é controlo; 35,5% é perseguição; 38% é violência social; 15,7% é ameaça de morte; 23,4% é violência sexual; 3,4% é tentativa de homicídio; 12% é violência económica e 0,7% é homicídio” (Neves et al., 2023, p.3).

No que diz respeito ao local de ocorrência de violência, “71,4% em casa; 50% na rua; 30,7% nos estabelecimentos públicos; 25,5% na escola e 23% nas redes sociais” (Neves et al., 2023, p. 3). Relativamente aos motivos atribuídos a violência no namoro, “3,4% consumos de outras substâncias ou consumo de álcool pela vítima; 5% problemas de saúde mental da vítima; 14,3% influência dos/as amigos/as; 23,3% problemas no seio familiar do/a agressor/a; 17,7% conduta da vítima; 22,7% consumos de outras substâncias ou consumo de álcool pelo/ agressor/a; 38,8% problemas mentais do/a agressor/a e 66,1% ciúmes”. (Neves et al., 2023, p. 4). No que se refere ao impacto da violência na vítima, “64,2% ficaram afetadas psicologicamente, 42,2% ficaram afetadas socialmente e 21,2% ficaram afetadas fisicamente” (Neves et al., 2023, p. 4).

Em relação às diligências realizadas pelas vítimas de violência no namoro, cerca de “4,8% recorre aos/as professores/as; 50,5% sozinhos/as; 7% a ajuda médica; 26,6% aos familiares; 28,4% aos psicólogos; 10% às autoridades policiais; 12,7% às estruturas de apoio à vítima e 48,6% aos/as amigos/as” (Neves et al., 2023, p. 4). Relativamente aos agressores/as, “10,7% são do género feminino e 88,9% do género masculino, sendo que desses número, 56,8% dos/as agressores/as são atuais namorados/as das vítimas e 42% dos/as agressores/as são ex-namorados/as das vítimas. As idades médias dos/as agressores/as são de 24,86 anos” (Neves et al., 2023, p. 2). Os dados que foram anteriormente referidos, salientam a diversidade e a extensão da violência no namoro

em Portugal, realçando a falta de ações de preventivas e de apoio às vítimas de violência no namoro.

Tendo em conta os dados anteriormente referidos, em 2024, a União de Mulheres Alternativa e Resposta realizou um estudo nacional acerca da violência no namoro. Assim sendo, podemos constatar que este estudo abrangeu cerca de 6152 participantes, sendo que desses “6152, 3331 (54,1%) são do género feminino; 2727 (44,3%) são do género masculino; 65 (1,1%) são de outro género e 29 (0,5%) não responderam” (União de Mulheres e Alternativa e Resposta, 2024a, p. 2).

Relativamente aos comportamentos da violência no namoro, cerca de 4188 dos 6152 participantes não concordam, pelo menos, 1 dos 15 comportamentos que são colocados em questão. Neste sentido, os comportamentos que os participantes não concordam são os seguintes: “599 (9,7%) violência física; 1664 (18,9%) violência através das redes sociais; 1845 (30%) violência sexual; 1912 (31,1%) perseguição; 2061 (33,5%) violência psicológica e 3356 (54,6%) controlo” (União de Mulheres e Alternativa e Resposta, 2024a, p. 5).

No que diz respeito, aos comportamentos de violência mais legitimados por forma de violência são as seguintes: “456 (8,9%) esbofetear ou empurrar sem deixar marcas; 903 (14,7%) insultar através da internet/ redes sociais; 1719 (27,9%) insultar durante uma discussão; 1759 (28,6%) procurar insistentemente e, por fim, 2285 (37,1%) entrar nas redes sociais sem autorização ou pegar no telemóvel” (União de Mulheres e Alternativa e Resposta, 2024a, p. 3). No que concerne à legitimação da violência no namoro, podemos constatar que o género feminino, o género masculino e os outros géneros legitimam mais o comportamento do controlo. Em relação aos comportamentos que menos legitimam no género feminino, no género masculino e no outro género é a violência física (União de Mulheres e Alternativa e Resposta, 2024a).

Em relação aos indicadores de vitimação, cerca 3932 dos 6152 participantes indicaram de já terem vivido um relacionamento ou estão a ter um relacionamento e cerca de 2477 dos 3932 participantes mencionam ter vivenciado pelo menos um dos indicadores de vitimação questionados. Desta forma os indicadores de vitimação que os participantes já vivenciaram são as seguintes: “434 (11%) violência física; 726 (18,5%) violência sexual; 802 (20,4%) perseguição; 812 (20,7%) violência através das redes sociais, 1568 (39,9%) violência psicológica e, por fim, 1791 (45,5%) controlo” (União de Mulheres Alternativa e Resposta, 2024b, p. 5). Estes dados confirmam que a

violência no namoro ainda está presente na nossa sociedade com elevadas proporções (União de Mulheres e Alternativa e Resposta, 2024a).

Relativamente à Região Autónoma da Madeira (RAM), a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) realizou um estudo sobre a violência no namoro a nível nacional, em que está contemplado somente os dados da RAM. Neste estudo, participaram cerca de 625 jovens madeirenses, sendo que “310 (49,6%) são do género masculino, 309 (39,4%) do género feminino e 6 (1%) são de outros géneros”(União de Mulheres Alternativa e Resposta, 2024b, p.2). Relativamente à idade dos participantes, a idade mínima é de 12 anos e a idade máxima de 19 anos, o que corresponde uma média de idades de 14 anos (União de Mulheres Alternativa e Resposta, 2024b).

Em relação aos comportamentos acerca da violência no namoro, cerca de 453 dos 625 jovens madeirenses não consideram, pelo menos, 1 dos 15 comportamentos que são colocados em questão. Neste sentido, as formas de comportamento que os jovens madeirenses não reconhecem como violência no namoro são as seguintes: “83 (13,3%) violência física; 227 (36,3%) violência psicológica; 181 (29%) perseguição; 383 (61,3%) controlo; 142 (22,7%) violência através das redes sociais e 205 (32,8%) violência sexual” (União de Mulheres Alternativa e Resposta, 2024b, p. 5).

No que diz respeito, aos comportamentos de violência mais legitimados pelos jovens são as seguintes: “243 (38,9%) entrar nas redes sociais sem autorização; 76 (12,2%) empurrar ou dar chapadas sem deixar marcas; 190 (30,4%) insultar durante uma discussão; 195 (31,2%) pressionar para beijar; 181 (29%) procurar e incomodar insistentemente; 188 (30,1%) proibir de sair sem namorado/a; 209 (33,4%) proibir de vestir uma peça de roupa e, por fim, 194 (31%) proibir de conversar ou estar com pessoa amiga ou colega”(União de Mulheres Alternativa e Resposta, 2024b, p. 3). No que concerne à legitimação da violência no namoro, podemos constatar que o género feminino, o género masculino e os outros géneros legitimam mais o comportamento do controlo. Em relação aos comportamentos que menos legitimam no género feminino e no género masculino é a violência física, enquanto nos outros géneros são a violência nas redes sociais e a violência física (União de Mulheres Alternativa e Resposta, 2024b).

Em relação aos indicadores de vitimação, cerca 234 dos 355 jovens madeirenses que indicaram de já terem vivido um relacionamento ou estão a ter um relacionamento, mencionam ter vivenciado pelo menos um dos indicadores de vitimação colocados em questão. Desta forma os indicadores de vitimação que os jovens madeirenses já vivenciaram são as seguintes: “54 (15,2%) violência física; 171 (48,2%) controlo; 74

(20,8%) perseguição; 70 (19,7%) violência através das redes sociais; 64 (18%) violência sexual e, por fim, 165 (46,5%) violência psicológica” (União de Mulheres Alternativa e Resposta, 2024b, p.7).

Em relação aos indicadores de vitimação, podemos constatar que os comportamentos de controlo e de violência psicológica são os comportamentos que apresentam maior preocupação, uma vez que esses comportamentos mostram uma maior percentagem relativamente aos restantes comportamentos (União de Mulheres Alternativa e Resposta, 2024b).

Em síntese, este estudo demonstra a relevância de os estabelecimentos de ensino aplicarem a prevenção primária da violência de género, recorrendo a um ensino integral e contínuo por técnicos qualificados, a fim de consciencializar as crianças e os adolescentes para relações de namoro e relações interpessoais saudáveis, bem como, a desconstrução da violência.

Relativamente à violência no namoro nos estabelecimentos de ensino superior, o UNi+ Programa de Prevenção da Violência no Namoro em Contexto Universitário realizou um estudo nacional sobre a violência no namoro em contexto universitário entre abril de 2017 e dezembro de 2022. Neste estudo participaram cerca de 4696 participantes, sendo que desses participantes “0,3% são não binárias, 17,8% são do género masculino e 81,9% são do género feminino. A média geral das idades é de 22.41, sendo que a idade média do género masculino é de 23.33 e a idade média do género feminino é de 22.21” (Correia et al., 2023, p.5).

Em relação à orientação sexual dos/as participantes cerca de “1,4% são outro/a, 4,3% são gays/lésbicas, 7,8% são bissexuais e 86,5% são heterossexuais”(Correia et al., 2023, p.5). Relativamente ao estado civil dos/as participantes, “92,4% afirmam estar solteiros/as e, em relação, à nacionalidade, 3,2% dos/as participantes referem ser de outra nacionalidade e 96,8% dos/as participantes referem ser da nacionalidade portuguesa” (Correia et al., 2023, p. 5).

No que diz respeito à zona geográfica, “0,5% dos/as participantes estudam na Madeira ou Açores, 24,5% estudam na zona centro, 69,4% estudam na zona norte do país e 5,6% estudam na zona sul” (Correia et al., 2023, p. 5). À vista disso, “72,9% dos/as participantes são estudantes e 27,1% executam uma ocupação profissional. Em relação aos/as estudantes, 38,7% frequentam instituições privadas de ensino superior e 61,3% frequentam instituições públicas de ensino superior” (Correia et al., 2023, p.5). Relativamente à violência no namoro, podemos constatar que “34% dos/as participantes

já realizaram, pelo menos, um ato de violência no namoro e 53,7% dos/as participantes já vivenciaram, pelo menos, um ato de violência no namoro” (Correia et al., 2023, p.18).

Em relação às tipologias de violência, podemos constatar que “30,2% do género feminino e 26,6% do género masculino já foram vítimas de violência social; 14,8% do género feminino e 9,2% do género masculino já foram vítimas de violência sexual; 14,1% do género feminino e 12,5% do género masculino já foram vítimas de violência física; 13,2% do género feminino e 9% do género masculino já foram vítimas de perseguição por um ex-namorado/a ou um/a atual e, por fim, 3,5% do género feminino e 4,6% do género masculino já foram vítimas de violência económicas” (Correia et al., 2023, p. 18).

No que diz respeito à percentagem dos agressores, podemos constatar que “36,6% do género masculino e 31% do género feminino já praticaram atos de violência psicológica; 5,3% do género feminino e 10,8% do género masculino já praticaram a violência social; 3,3% do género feminino e 3,8% do género masculino já praticaram violência física; 0,7% do género feminino e 3,4% do género masculino já praticaram violência sexual; 1,7% do género feminino e 3,1% do género masculino já perseguiram o/a seu/sua parceiro/a e, por fim, 0,4% do género feminino e 0,6% do género masculino já praticaram violência económica” (Correia et al., 2023, p. 19). Os dados que foram anteriormente referidos, salientam a violência no namoro no IES, sendo estes um espaço de enorme relevância na desconstrução e na prevenção de práticas de violência em contexto de intimidade entre jovens.

A violência no namoro está inserida no quadro legal do crime de violência doméstica, no Decreto-Lei n.º 48/95, no artigo 152.º n.º1 b) do Código Penal Português, do qual considera a prática de “casais de sexo diferente ou do mesmo sexo, com quem a vítima mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro, ainda que sem coabitação” (Ferreira et al., 2019, p.22).

Nos últimos cinco anos, as denúncias de violência no namoro aumentaram cerca de 10 %, sendo que a maioria dos casos estão relacionados com a violência física, psicológica e controlo. Neste sentido, em 2021, foi o ano com mais denúncias, tendo 2200 denúncias de violência no namoro (RTP Play, 2023). Deste modo, os adolescentes que sejam vítimas de violência no namoro podem denunciar o/a agressor/a através das autoridades policiais, do portal queixa eletrónica do Ministério da Administração Interna e no Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses ou nos hospitais (Ferreira et al., 2019).

Resumidamente, a violência no namoro é um problema que tem recebido maior atenção nas últimas décadas, principalmente a partir da década de 1980 após a realização do estudo pioneiro de Makepeace. A violência no namoro é considerada como uma questão jurídica, social e de saúde pública, sendo esta um instrumento de estudo, de intervenção e de legislação a nível mundial.

A violência no namoro, nos estabelecimentos de ensino superior, é preocupante, porém está a ser desenvolvido e implementado programas para prevenir e sensibilizar a violência no namoro, bem como, programas para consciencializar para a realização das denúncias, a fim que no futuro os estudantes consigam ter relações seguras e saudáveis.

2.3. Tipologias de violência no namoro

A violência no namoro pode ser compreendida como qualquer comportamento prejudicial para a saúde ou para o desenvolvimento, influenciando a sua integridade sexual, física ou psicológica. Assim sendo, uma relação abusiva pode interferir negativamente em diversas áreas da vida da vítima, “incluindo o seu funcionamento e bem-estar físico e emocional, mas também a vida familiar, as relações de amizade e a escola/trabalho” (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2015, p. 2).

Deste modo, existem diversos tipos de violência que são praticados na relação de namoro, sendo estas, a violência psicológica, a violência física, a violência sexual, a violência social e a violência económica.

No que diz respeito à violência psicológica, esta corresponde a atitudes não verbais ou verbais (gestos, olhares ou expressões faciais), expressados em privado ou em público, que atentam contra a integridade emocional e psicológica da vítima e contra a sua dignidade enquanto ser humano, restringindo o seu desenvolvimento pessoal e a sua liberdade. A violência psicológica pode ser manifestada de diversas formas, como por exemplo, (i) criticar, humilhar, desprezar, ridicularizar e insultar; (ii) desconfiar da palavra, diminuir o autoconceito e a autoestima, desvalorizar o/a parceiro/a e acusar de infidelidade; (iii) ameaçar e intimidar; isolar o/a parceiro/a, ou seja, restringir os seus contactos com a família e amigos; (iv) controlar o/a parceiro/a, isto é, as pessoas com quem se relaciona, a forma como pensa, o modo de se vestir, o seu peso, a sua alimentação, as suas mensagens e telefonemas e (v) fazer com que o/a parceiro/a se sinta culpado/a pelas adversidades do relacionamento, atribuindo-lhe a responsabilidade dos próprios ataques (Múrias, 2019).

Este tipo de violência traz consequências para as vítimas, uma vez que as mesmas desenvolvem psicopatologia, como por exemplo, ansiedade e depressão; desenvolvem sentimentos de medo, culpa e vergonha; apresentam perda de autoconfiança; desenvolvem a síndrome de stress pós-traumático; possuem pensamentos suicidas; consomem em excesso substâncias; dispõem da dependência emocional e vulnerabilidade e manifestam distúrbios de memória e cognitivos (Ferreira et al., 2019).

No que concerne à violência física, esta consiste na utilização da força com o intuito de magoar e/ou provocar sofrimento ao/a parceiro/a, deixando ou não marcas visíveis, colocando em perigo a sua integridade física. A violência física pode ser praticada de diversas formas, como por exemplo, (a) apertar o braço com força, puxar o cabelo, empurrar e dar chapadas; (b) apertar o pescoço; (c) empurrar das escadas; (d) bater com a cabeça contra as paredes ou objetos; (e) queimaduras, pontapés e cabeçadas e (f) agressões com objetos e/ou armas. Esta violência tem impacto nas vítimas, uma vez que sofrem lesões cerebrais e físicas; perturbações alimentares; práticas de automutilação e nos casos mais extremos a morte (Múrias, 2019).

No que se refere à violência sexual, esta consiste na obrigação de práticas de cariz sexual contra a sua vontade ou qualquer ato sexual não consentido, tal como, toques corporais não desejados, bem como, tentativa de violação. Esta violência pode ser praticada de diversas formas, como por exemplo, (i) pressionar para realizar a relação sexual, colocando em questão a importância e os sentimentos que o/a parceiro/a dá ao relacionamento; (ii) toques não desejados; (iii) pressionar para praticar atos sexuais que o/a parceiro/a não deseja, usando chantagem ou drogas e (iv) ridicularizar o desempenho sexual. Esta violência tem impacto na vida sexual dos/as parceiro/as, tal como, aparecimento das infeções sexualmente transmitida; disfunções sexuais; gravidez indesejada, complicações ginecológicas e o aborto (Múrias, 2019).

Relativamente à violência social, esta consiste em proibir ou restringir os contactos do/a parceiro/a com os seus amigos e/ou familiares; isolar socialmente o/a parceiro/a, rebaixar a imagem pública; reduzir as atividades de lazer e sociais que o/a parceiro/a desenvolve e usar as novas tecnologias como meio para a violência. Esta violência tem impacto na vida das vítimas, sendo que ocorre a redução do rendimento escolar; o isolamento social; ausência de interesse pelas atividades de lazer e o absentismo escolar (Ferreira et al., 2019).

A violência económica, corresponde em controlar ou restringir financeiramente o/a parceiro/a através de atitudes, como por exemplo, obrigar a explicar os gastos e obrigar a entregar o ordenado ou a mesada como forma de controlo (Ferreira et al., 2019). Esta violência tem impacto na vida da vítima, uma vez que a mesma não consegue realizar a sua vida pessoal, ou seja, fazer compras, sendo que o/a parceiro/a tem acesso ao seu rendimento.

Resumindo, ao nível das diversas formas de violência, “existem táticas subtis e formas menos perceptíveis de exercer poder e controlo sobre a outra pessoa” (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2015, p. 1). Estas podem, eventualmente, proporcionar uma falsa atenção com a relação e com o conforto do/a parceiro/a e podem ser confundidas como demonstrações de amor (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2015).

Em suma, a violência no namoro possui vários comportamentos prejudiciais, que afetam o bem-estar e a saúde das vítimas, bem como, as suas famílias. Estas formas podem ser praticadas através da violência social, psicológica, física e económica, sendo que cada violência tem impactos negativos específicos na vida das vítimas. Neste sentido, é essencial identificar e compreender estas formas de violência, de modo a prevenir e combater as mesmas, para assegurar relacionamentos saudáveis e seguros para todos.

2.4. Programas e recursos nacionais e regionais de prevenção e sensibilização da violência no namoro

Desde a década de 1990, começaram a surgir os primeiros Programas de prevenção de violência no namoro. Esse tipo de programa expandiu-se, sendo que atualmente é possível encontrar vários programas já desenvolvidos. A maior parte desses programas pretendem, essencialmente, transmitir aos adolescentes a gravidade da violência no namoro e ensinando-lhes a respeito das atitudes não violentas no contexto de intimidade (Jaffe, 1992, citado por Matos et al., 2006).

2.4.1. Programas nacionais

Neste sentido, a nível Nacional são desenvolvidos diversos Programas de sensibilização e prevenção de violência no namoro. Assim sendo, vou aprofundar três Programas neste projeto.

O primeiro programa designa-se UNi+, que tem como objetivo geral prevenir a violência nos relacionamentos de intimidade, bem como, promover uma sociedade com tolerância zero relativamente à violência no namoro no contexto universitário português. Além disso, este programa disponibiliza serviços confidenciais e gratuitos, como por exemplo, ações de formação, consulta psicológica individual e intervenção em grupos (UNI+, 2021).

O Programa UNi+ além de disponibilizar os serviços anteriormente referidos, ainda disponibiliza o Espaço UNi+, que consiste numa linha de atendimento às vítimas de violência no namoro, o qual engloba a Rede Nacional de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica. No Espaço UNi+ é facultado às vítimas de violência no namoro apoio social, informativo, psicológico e jurídico, sendo que não é obrigatório a vítima apresentar uma denúncia junto das autoridades (UNI+, 2021).

O segundo programa, denomina-se NAMORArte+. Este Programa tem como metodologia a educação de pares e utiliza a arte como modo de intervenção. O NAMORArte+ tem como objetivo prevenir e combater a violência no namoro, bem como, promover a igualdade de oportunidades e de direitos entre raparigas e rapazes. Para alcançar os objetivos anteriormente referidos, o Programa NAMORArte+ desenvolve diversas atividades, como por exemplo, a elaboração de materiais de sensibilização e ações de sensibilização em instituições escolares e em regime residencial; um estudo sobre o problema e a criação de um referencial para a capacitação dos adolescentes no campo da violência no namoro e o trabalho em conjunto com as entidades locais (Graal, 2021).

No entanto, este Programa NAMORArte+ desenvolveu duas campanhas de sensibilização, sendo estas, a “Violência no namoro: perspectivas e histórias de quem a viveu” (Madeira & Nogueira, 2022, p. 19) e “10 direitos e 10 responsabilidades numa relação de namoro” (Madeira & Nogueira, 2022, p. 19).

No que diz respeito ao terceiro Programa, este designa-se por (n)amor2 | por relações igualitárias e livres de violência. Este Programa previne a violência no namoro,

promove a igualdade de género e procura desconstruir a normalização e os estereótipos da violência no namoro.

O Programa (n)amor2 | por relações igualitárias e livres de violência dirige-se especialmente aos adolescentes, utilizando metodologias ativas, isto é, a arte coletiva e a educação de pares como instrumento de sensibilização na divulgação de relacionamentos mais igualitários e livres de violência. É realizada uma intervenção direta, por meio de oficinas e ações de sensibilização/capacitação e campanhas, em que os adolescentes são agentes protagonistas e criadores. De modo que o Programa tenha impacto na sociedade é realizado um trabalho em conjunto com os representantes das Organizações da Sociedade Civil e Instituições Escolares, criando lugares de reflexão com a finalidade de melhorar a prevenção primária da violência no namoro (Graal, 2021).

A nível da Região Autónoma da Madeira, que integra a Rede Nacional de Apoio à Vítima de Violência Doméstica (RNAVVD) elaborou, até ao momento presente, três Planos Regionais contra a Violência Doméstica, onde as diversas entidades que integram a Rede Regional Contra a Violência Doméstica (RRCVD), explanam as suas ações concretas de forma articulada. As entidades que integram a RRCVD são: Associação de Municípios da Região Autónoma da Madeira (AMRAM); Associação Presença Feminina - FEM; União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR); Secretaria Regional de Inclusão Social e Cidadania (SRIC); Direção Regional dos Assuntos Sociais (DRAS); Instituto de Segurança Social da Madeira, Instituto Público - Região Autónoma da Madeira (ISSM, IP-RAM); Comarca da Madeira (CM); Instituto de Segurança Social da Madeira, Instituto Público - Região Autónoma da Madeira (ISSM, IP-RAM); Investimentos Habitacionais da Madeira, Entidade Pública Empresarial da Região Autónoma da Madeira (IHM, EPERAM); Secretaria Regional de Equipamentos e Infraestruturas (SREI); Casa de Saúde São João de Deus (CSSJD); Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ); Centro Social e Paroquial de Santo António (CSPSA); Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP); Polícia de Segurança Pública (PSP); Instituto das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus - Casa de Saúde Câmara Pestana (CSCP); Centro Social e Paroquial de São Bento (CSPSB); Instituto de Emprego da Madeira, Instituto Público - Região Autónoma da Madeira (IEM, IP-RAM); Secretaria Regional de Saúde e Proteção Civil (SRS); Direção Regional da Saúde (DRS); Serviço de Saúde da Região Autónoma da Madeira, Entidade Pública Empresarial da Região Autónoma da Madeira (SESARAM,

EPERAM); Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia (SRE): Direção Regional de Educação (DRE) e Instituto de Segurança Social da Madeira, Instituto Público - Região Autónoma da Madeira (IP, IP-RAM) (Carvalho & Sousa, s.da, p. 10). A articulação entre a rede de parceiros não só permite a sinalização das vítimas que recorrem aos diferentes serviços e entidades, como também, colabora no apoio global prestado às vítimas ao nível da saúde, da educação, da integração laboral, do apoio económico, do seu processo de autonomização e reinserção global (Segurança Social, 2021).

2.4.2. Planos regionais

Os Planos Regionais constituem ferramentas estratégicas de combate contra a violência doméstica na RAM, (é de salientar que a violência no namoro está inserida na violência doméstica), do qual inclui medidas e políticas assumidas pela Rede Regional Contra a Violência Doméstica que engloba as instituições privadas e públicas que, de modo complementar e consertado integram na sua Missão, ações de proteção, de prevenção, de reparação das consequências dessa violência nos indivíduos e nas suas respetivas famílias, e que proporcionam a formação e o conhecimento sobre esta problemática e as formas de a colmatar (Carvalho & Sousa, 2021).

Especificamente, o III Plano Regional Contra a Violência Doméstica 2021-2025 possui 5 Eixos de Intervenção e 8 Objetivos Estratégicos, sendo estes: “1. Informar, Sensibilizar e Educar” (Carvalho & Sousa, 2021, p. 12) que tem como objetivos estratégicos a promoção da tolerância social e da cultura face à violência doméstica e reforçar, aumentar, atualizar e divulgar as informações acerca da violência doméstica; “2. Proteger as Vítimas e Promover o seu Empoderamento” (Carvalho & Sousa, 2021, p. 21) que tem como objetivos estratégicos a promoção da autonomia das vítimas, a especialização e ampliação das respostas de segurança e de proteção das vítimas de violência doméstica e a otimização da intervenção da Rede Regional Contra a Violência Doméstica; “3. Intervir Junto das Pessoas Agressoras” (Carvalho & Sousa, 2021, p. 42) que tem como objetivo estratégico aumentar, articular e tipificar as respostas de intervenção junto das pessoas agressoras; “4. Qualificar Profissionais para a Intervenção na Violência Doméstica” (Carvalho & Sousa, 2021, p. 44) que tem como objetivo estratégico o reforço das formações em violência doméstica dos profissionais da Rede Regional Contra a Violência Doméstica e, por fim, “5. Aprofundar o Conhecimento

Especializado do Fenómeno da Violência Doméstica” (Carvalho & Sousa, 2021, p. 54) que tem como objetivo estratégico estudar e avaliar a violência doméstica (Carvalho & Sousa, 2021).

Em relação às Campanhas Regionais sobre a violência no namoro, estas são desenvolvidas de forma a consciencializar, na proximidade, o maior número de indivíduos possível, incidindo as ações desenvolvidas na sensibilização e informação sobre os sinais e comportamentos característicos de uma relação de namoro com violência; sobre as características de uma relação de namoro saudável; sobre os apoios possíveis na Região para pessoas que vivem estas situações, e ainda, reportando o enquadramento criminoso de um comportamento violento na relação de intimidade, com uma proposta sempre presente de que os jovens assumam proatividade na luta contra as situações de namoro violentas, protegendo a si próprio e a pessoas de que tenham conhecimento (Carvalho & Sousa, 2015).

2.4.3. Campanhas regionais

Foram desenvolvidas duas Campanhas Regionais, sendo estas, a campanha “Que queres?” e a campanha “Só Bem-Me-Quer”.

A campanha “Que Queres?” consistiu numa campanha específica contra a violência no namoro direcionada aos jovens, de forma particular. Pretendeu apelar à reflexão acerca das decisões individuais, à denúncia e à intervenção, englobando os comportamentos associados, como por exemplo, que fazes?, que aceitas? e que escolhes?. Neste sentido, esta campanha pretendeu envolver os adolescentes como agentes ativos de mudança junto dos/as seus/suas parceiros/as, proporcionando a alteração de atitudes violentas, bem como, a não aceitação da violência no namoro. No entanto, esta Campanha ainda desenvolveu uma atividade que se designa “Mural Que Queres?”, que consistiu em escrever num azulejo mensagens acerca das escolhas afetivas numa relação de namoro, pretendendo ser um local de reflexão. Este mural foi construído na Rua Dr. João Augusto Teixeira n.º 23, Ponta Do Sol pelo Clube Imagin´Arte e alunos da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, sob coordenação do Professor Desidério. Além disso, a Campanha “Que Queres?” ainda realizou ações de sensibilização nas salas de aulas da Universidade da Madeira, de modo a consciencializar os estudantes acerca da violência no namoro e os seus respetivos comportamentos abusivos (Governo Regional da Madeira, 2023a).

Foi ainda desenvolvida a campanha “Não à Violência”, enquadrada na campanha “Que Queres?” formatada especificamente para a RTP Madeira, no sentido de abarcar toda a população madeirense, do qual se destacavam os mitos, a verdade relativa a cada mito e uma mensagem alusiva ao mesmo, com o objetivo de desconstrução da cultura.

A Campanha Regional “Só Bem-Me-Quer” foi a primeira campanha a ser desenvolvida (2011). Esta Campanha está integrada no I Plano Regional Contra a Violência Doméstica 2009-2011, sendo que se orientou para a sensibilização e informação da população em geral, perseguindo o grande objetivo de alterar a atitude social de tolerância e aceitação da violência nas relações de intimidade, tendo esta campanha se desenvolvido em todos os concelhos da Madeira e Porto Santo permanecendo um mês em cada concelho, abrangendo todas as estruturas da comunidade, tais como, instituições escolares, centros de dia, centro de saúde e igreja, etc. Integrado nesta campanha foi desenvolvido o conto “Ogima: o viajante do Espaço no planeta dos Bem-Me-Quer”, que se destinou a sensibilizar as crianças, de uma forma ajustada a sua idade, para o pedido de ajuda em situações de violência. Pela importância dada a sensibilização das crianças e a natureza deste conto, teve adaptação em formatos alternativos - Língua Gestual Portuguesa e Áudio, Símbolos Pictográficos para a Comunicação e Braille (Governo Regional da Madeira, 2023b).

Ao nível Regional as entidades têm acesso aos recursos de sensibilização/informação/formação nacionais e elaboram também recursos específicos da região, com informação útil que permite o conhecimento e o acesso aos serviços de proximidade na Região Autónoma da Madeira. É de salientar que estes recursos são elaborados e partilhados entre todas as estruturas da Rede, como são o exemplo, filme, vídeos de sensibilização, o conto Ogima, panfletos com informação específica sobre as entidades da região e o panfleto “Que Queres?” (Governo Regional da Madeira 2023a).

2.4.3. Estruturas de apoio

As Estruturas de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica em Portugal estão integradas na RNAVVD (coordenadas pela CIG). As Regiões Autónomas Madeira e Açores integram esta Rede. A RNAVVD inclui as Estruturas de Atendimento e as Casas de Abrigo (temporário). Estas estruturas são geridas e articulam entre si através de uma plataforma de informação, onde o apoio à vítima pode circular de uma estrutura para

outra, de acordo com a necessidade de proteção e plano de intervenção de cada vítima (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2021b). Na RAM possui duas Estruturas de Atendimento (ISSM, IP-RAM e FEM) e três Casas de Abrigo (FEM, Centro Social e Paroquial de Santo António e o Centro Social e Paroquial de São Bento) que tem por protocolo com o ISSM, IP-RAM (Governo Regional da Madeira, 2023c & Governo Regional da Madeira, 2023d).

Assim, qualquer vítima de violência doméstica, independentemente da localidade do país onde viva ou onde se encontre, pode ser apoiada por qualquer uma das estruturas nacionais, ainda que sejam pessoas de outras nacionalidades. As vítimas de violência doméstica (inclui as vítimas de violência no namoro) podem ir para uma Casa de Abrigo se a necessidade de proteção assim o exigir (risco elevado) e se a família/ligações próximas não tiverem condições ou conseguirem manter a vítima em segurança face ao agressor. As Casas de Abrigo consistem numa estrutura de acolhimento temporário (máximo de 6 meses, prorrogável face a análise técnica da situação) de apoio à vítima. As Casas de Abrigo são protegidas e a sua localização é sigilosa, a ideia é o agressor não saber a localização das vítimas. As vítimas protegidas em Casa de Abrigo são senhoras com filhos menores ou com filhos maiores com deficiência. As Casas de Abrigo não só garantem a proteção do/a agressor/a, como também promovem a reintegração da vítima na sociedade, como por exemplo, integrar-se profissionalmente, promover autonomia e fortalecer os laços familiares, experienciar uma vida sem violência e fundamentalmente promover a autoestima e o empoderamento nas suas decisões. A orientação das vítimas para as Casas de Abrigo é feita, mediante análise global da situação pelas Estruturas de Atendimento e sempre com o consentimento da própria vítima (Governo Regional da Madeira, 2023c).

Numa Estrutura de Atendimento, o apoio consiste em acompanhamento a nível psicológico, social, económico e jurídico, sendo este atendimento efetuado pela Associação Presença Feminina e pela Equipa de Apoio à Vítima de Violência Doméstica do Instituto de Segurança Social da Madeira, IP-RAM (Governo Regional da Madeira, 2023d).

Em suma, os Programas e as Campanhas que são desenvolvidos e implementados a nível Nacional e na Região Autónoma da Madeira contribuem para a evolução da comunidade, uma vez que ao consciencializar os/as cidadãos/cidadãs para a violência no namoro, a comunidade ficará mais consciente e informada sobre as atitudes de risco num relacionamento de intimidade, podendo assim, colmatar o

problema em causa (violência no namoro), e por consequentemente, reduzir os casos de violência doméstica no futuro.

2.5. O impacto da desigualdade de género na nossa sociedade

Atualmente, a desigualdade de género permanece como a principal causa de exclusão social, uma vez que a mesma vai contra os direitos de cidadania, bem como, os direitos humanos. Estes direitos anteriormente referidos são fundamentais, porque sem os mesmos a sociedade não se desenvolve de forma justa, equilibrada e respeitosa. Infelizmente, existem diversas desigualdades na nossa sociedade que comprometem os direitos acima referidos, como por exemplo, a desigualdade na educação, a desigualdade no acesso à saúde e a desigualdade salarial entre homem e mulher.

Neste seguimento, a desigualdade de género na educação tem em conta o contexto do/a indivíduo/a e pode ser praticada de diversas formas. À vista disso, a desigualdade de género afeta os meninos e meninas, homens e mulheres, contudo, são as meninas e as mulheres que ainda estão frequentemente em desvantagem. Deste modo, os obstáculos que dificultam as meninas e as mulheres a usufruir da educação são o isolamento geográfico, gravidez, pobreza, a condição de minoria, casamento precoce, deficiência, atitudes tradicionais acerca do papel da mulher e a violência de género (Comissão Nacional da UNESCO, s.d).

Neste sentido, a desigualdade de género na educação deve ser olhada com atenção, uma vez que o futuro dos alunos/as enquanto cidadãs e cidadãos, bem como o da toda comunidade, estará comprometida se os/as alunos/as não adquirirem uma educação que lhes possibilite aperfeiçoar o seu potencial e a participarem de forma ativa no desenvolvimento de uma sociedade justa (Pomar et al, 2012).

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, no ano 2023, foi constatado que cerca de 2,3% dos homens não possuem nível de escolaridade; 18,4% dos homens possuem o ensino básico (1.º ciclo); 9,9% dos homens contém o ensino básico (2.º ciclo), 21,6 % dos homens possuem o ensino básico (3.º ciclo). Relativamente ao secundário 27,6 % dos homens possuem e, por fim, 20,2 % dos homens possuem o ensino superior (Pordata, 2024a). Relativamente às mulheres, foi constatado que cerca de 4,9% das mulheres não possuem nível de escolaridade; 19,8% das mulheres possuem o ensino básico (1.º ciclo); 7,6% das mulheres contém o ensino básico (2.º ciclo); 16,7

% das mulheres possuem o ensino básico (3.º ciclo); 25,0% possui o secundário e, por fim, 25,9 % das mulheres contém o ensino superior (Pordata, 2024b).

Através dos dados anteriormente referidos, podemos verificar que os homens apresentam uma percentagem mais elevada na conclusão do ensino básico (2.º e 3.º ciclos) e do ensino secundário em relação às mulheres. No entanto as mulheres, têm uma taxa ligeiramente mais alta de conclusão do ensino superior e do ensino básico (1.º ciclo) em relação aos homens. Relativamente, aos dados acerca da falta de nível de escolaridade, os homens possuem uma percentagem mais baixa em relação às mulheres.

No que se refere a desigualdade salarial entre homens e mulheres, esta consiste na diferença entre a média dos rendimentos brutos por hora entre mulheres e homens. Neste sentido, existem alguns fatores que podem implicar uma diferença salarial entre mulheres e homens, sendo estes, o nível de educação, as diferenças de emprego e a experiência profissional. Se desconsiderarmos os fatores anteriormente referidos, o que resta é denominado como a diferença salarial de género ajustada. As causas da diferença salarial entre mulheres e homens são “escolhas profissionais influenciadas pelas responsabilidades familiares, mulheres em posições de direção (em menor número e com salário menor), trabalho a tempo parcial e mulheres nos setores com baixos salários” (Parlamento Europeu, 2023, p. 1). As diminuições das disparidades salariais possibilitam uma maior equidade entre mulheres e homens, contribuindo assim para o aumento da economia e a redução da pobreza (Parlamento Europeu, 2023).

De acordo com, os dados de 2023, do Barómetro das Diferenças Remuneratórias entre Mulheres e Homens do Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, a diferença salarial entre mulheres e homens corresponde a quarenta e oito dias de trabalho remunerados aos homens, mas não remunerados as mulheres. Apesar da disparidade salarial de género esteja a diminuir, de 17,9% em 2010 para 13,1% em 2021, as mulheres até ao momento estão a receber menos do que os homens, mais especificamente 150,30€ em números absolutos, comparativamente com os homens. Estas discrepâncias agravam-se à medida que as responsabilidades e as qualificações aumentam (Cantante et al, 2022).

No que diz respeito à desigualdade no acesso à saúde, esta contribui para taxas de mortalidade e de morbilidade evitáveis em homens e mulheres, como também contribui para a restrição ao acesso aos serviços de saúde de qualidade. As relações de género, as normas e os papéis podem afetar a aquisição da saúde, do bem-estar social,

mental e físico, bem como, os resultados de saúde (Organização Pan-Americana da Saúde, s.d).

O Índice de Igualdade de Género 2021 centra-se nas desigualdades de género na saúde, mais especificamente, comportamento de saúde, saúde sexual e reprodutiva, estado de saúde e saúde mental, pandemia de COVID-19 e acesso a serviços de saúde. No entanto, irei aprofundar a temática da desigualdade de género no acesso a serviços de saúde, mais especificamente, os indivíduos com dificuldade em pagar despesas médicas inesperadas. Podemos constatar que cerca de 9% das mulheres tem dificuldade em pagar os cuidados primários em comparação a 8% dos homens; 53% das mulheres possui dificuldade em pagar os cuidados dentais comparativamente com 44% dos homens; 49% das mulheres tem dificuldade de pagar os serviços de saúde mental em comparação com 41 % dos homens, 30% das mulheres tem dificuldade a pagar os cuidados de saúde de emergência em comparação a 29% dos homens e, por fim, 43% das melhores tem dificuldade em pagar outros serviços hospitalares e médicos especializados em relação a 27% dos homens (European institute for gender equality, 2021).

De modo a combater as desigualdades acima referidas, foi proposto aos países da União Europeia e aos seus Estados-Membros a implementação da Integração da Perspetiva de Género, sendo aplicada internacionalmente como uma estratégia para a realização da igualdade entre mulheres e homens.

A Integração da Perspetiva de Género é considerada um meio para alcançar a igualdade entre mulheres e homens, e não um propósito político em si. A igualdade entre mulheres e homens é identificada pela União Europeia como um valor comum da União Europeia, como um direito fundamental e como uma condição fundamental para a execução dos objetivos comunitários de coesão social, de crescimento e de emprego (European Institute for Gender Equality, 2023f).

A Integração da Perspetiva de Género assegura que a criação do trabalho legislativo e das políticas tenham maior importância para a comunidade, bem como, maior qualidade, uma vez que as políticas respondem de forma eficaz às necessidades de toda a população. A Integração da Perspetiva de Género faz com que as intervenções públicas sejam mais eficientes e assegura que as desigualdades não se expandem (European Institute for Gender Equality, 2023f).

Em relação a nível europeu, as organizações da União Europeia estão encarregues pela implementação da integração da perspetiva de género, enquanto a

nível nacional, essa implementação está encarregue aos Governos dos Estados-Membros. Todavia, não se trata somente da responsabilidade de cidadãos específicos que atuam em determinadas unidades ou áreas, mas sim, de todos os cidadãos das organizações públicas, sob a direção da administração (European Institute for Gender Equality, 2023f). Deste modo, existem diversos mecanismos organizacionais para promover a igualdade de género internacionalmente, sendo estes, a Organização das Nações Unidas, o Conselho de Europa, a União Europeia e o Parlamento Europeu (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2021d).

Relativamente à Integração da Perspetiva de Género em Portugal, o mesmo possui um quadro jurídico e político fortemente elaborado para executar a integração da perspetiva de género (European Institute for Gender Equality, 2022). Deste modo, existem dois mecanismos organizacionais para promover a igualdade de género em Portugal, sendo estes, a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), que é uma organização nacional que é encarregada pela defesa e promoção da igualdade, pretendendo dar respostas às modificações políticas e sociais da comunidade, em relação a igualdade de género e cidadania (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2021e) e a Comissão para a igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE), que consiste numa organização nacional que dá continuidade a igualdade e a não discriminação entre mulheres e homens a nível pessoal, profissional e no emprego (Comissão para a Igualdade no Trabalho, s.d).

Além da Integração da Perspetiva de Género, foi, também, proposto a implementação da Avaliação de Impacto de Género, sendo que esta é considerada uma análise ou avaliação ex-ante de um programa, lei ou política, que possibilita considerar de forma preventiva, a hipótese de uma determinada escolha ter consequências neutras, negativas ou positivas para o estado de igualdade entre homens e mulheres. Em vista disso, a Comissão Europeia define a Avaliação de Impacto de Género como um processo de avaliação e de comparação, de acordo com critérios relevantes da situação, das tendências atuais e do género com o desenvolvimento esperado decorrente da introdução da política proposta (European Institute for Gender Equality, 2024b).

A avaliação possui uma abordagem dupla, sendo estes, os impactos concebidos nos homens e nas mulheres uma vez implementada a política e a posição atual referente ao género em relação à política em vista. Além disso, é fundamental que a avaliação seja estruturada, ou seja, a avaliação deve ser documentada sistemática e analítica. A Avaliação de Impacto de Género tem como objetivo principal adequar a política para

garantir que qualquer ato discriminatório seja mitigado ou removido, e tem como objetivo final, aprimorar o planeamento e a conceção da política em consideração, a fim de reforçar a igualdade de género através de políticas mais bem concebidas e transformadoras e através da legislação. A Avaliação de Impacto de Género além de impedir os efeitos negativos, pode ser utilizada como ferramenta para estabelecer, de uma forma mais transformadora, os objetivos de igualdade de género, bem como, elaborar a política de modo a promover proactivamente a igualdade de género na sociedade (European Institute for Gender Equality, 2024b).

Em síntese, a desigualdade de género continua a ser uma questão fundamental que prejudica vários aspetos da sociedade, tais como, o acesso a saúde, a educação e as disparidades salariais. Estas disparidades implicam não somente os direitos humanos e de cidadania como, também, o desenvolvimento equilibrado, justo e respeitoso da sociedade. Assim sendo, a implementação da Avaliação de Impacto de Género e a Integração da Perspetiva de Género auxiliam a orientar a comunidade para a igualdade de género, certificando políticas mais eficazes e inclusivas, com a finalidade de possibilitar um futuro justo e igualitário para todos os/as cidadãos/cidadãs.

2.5.1. Enquadramento teórico sobre a igualdade de género

A igualdade de género consiste na “igualdade de direitos, de liberdades, de oportunidades, de escolhas, de participação, de reconhecimento e de valorização de mulheres e de homens” (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2022, p. 2) e é identificada atualmente como peça fundamental para a elaboração de políticas eficientes, contribuindo assim, para o desenvolvimento democrático e sustentável. Deste modo, é necessário ter em consideração as dissemelhanças entre homens e mulheres quando se explora determinado acontecimento e determinado processo social para a elaboração de políticas públicas mais apropriadas e justas a todos os cidadãos, no presente e no futuro (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2022). Deste modo, a igualdade de género tem progredido gradualmente e podemos verificar essa evolução através dos marcos mundiais históricos como as Convenções, as Conferências, as Cartas e as Agendas. Neste sentido, foi realizado em 1979, na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), uma “Convenção das Nações Unidas sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação”(Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, 2011, p.3), que reforça e reafirma o princípio da igualdade entre

homens e mulheres. Esta convenção também é denominada como convenção CEDAW (Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, 2011).

Posteriormente, em 1993, se realizou a Conferência Internacional da ONU sobre os Direitos Humanos, sendo que esta Conferência influenciou na evolução da igualdade entre homens e mulheres, uma vez que passa de uma questão, somente jurídica e formal, para um resultado preciso. Dois anos depois, em 1995, realizou-se a Conferência Internacional da ONU sobre Mulheres, Desenvolvimento e Paz, cujo objetivo era concretizar os direitos das mulheres, bem como, solicitar aos diferentes Estados a inclusão da igualdade de género na elaboração, execução e avaliação de todas as ações e políticas. Anos depois, em 2000, a União Europeia divulgou a Carta dos Direitos Fundamentais, sendo que a mesma mencionava que a igualdade entre homens e mulheres deve ser assegurada em todos os setores.

Assim sendo, em 2015, a Organização das Nações Unidas aprovou a Agenda 2030, que refere os dezassete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), abordando os Estados e os Agentes Institucionais a executar a promessa de não deixar ninguém para trás. A igualdade de género se encontra inserido no quinto ODS. Mais recentemente, em 2021, o Parlamento Europeu está a impor uma estratégia de igualdade de género mais ambiciosa, focada no fim da violência de género e na diminuição das discrepâncias de género (European Institute for Gender Equality, 2022).

Portugal tem diversas medidas legais a fim de promover a igualdade de oportunidades e a igualdade de género entre mulheres e homens. Portugal, sendo um país que cumpre verdadeiramente com as suas responsabilidades em matéria de inclusão e de direitos humanos, tem dado primazia à intervenção nas questões de igualdade de género por meio dos princípios constitucionais da não discriminação e da igualdade (European Institute for Gender Equality, 2023a). Neste sentido, Portugal possui uma extensa história de realização de Estratégias e de Planos de Ação acerca da temática de igualdade de género, sendo que, em 1997, o Plano Global para a Igualdade de Oportunidades foi o impulsionador para a integração de uma perspetiva de género a nível político (European Institute for Gender Equality, 2023a).

Neste sentido, Portugal desenvolve Planos e Campanhas Nacionais, de modo a promover a igualdade de género, bem como, colmatar as discrepâncias entre os géneros. O primeiro Plano Nacional foi desenvolvido em 1997, designado por I Plano Global para a Igualdade de Oportunidades. Este Plano consistiu em identificar um conjunto de

setores em que a igualdade entre homens e mulheres necessita-se de uma intervenção (Resolução do Conselho de Ministro n.º 49/97, 1997).

O segundo Plano ocorreu entre 2003 e 2006, e se designa por II Plano Nacional para a Igualdade. Este plano tinha como objetivo promover medidas para uma comunidade mais equilibrada, no qual os homens e as mulheres possuem, efetivamente, iguais oportunidades (Resolução do Conselho de Ministros n.º184/2003, 2003). O III Plano Nacional para a Igualdade-Cidadania e Género 2007-2010 pretendeu corresponder aos desafios que a sociedade impõe, tendo sempre a convicção que o empenho se manifestará num investimento a longo prazo, uma vez que os cidadãos irão ter melhores condições de vida, bem como, irão ter uma sociedade mais democrática e mais justa (Enterprise Europe Network, 2015).

O IV Plano Nacional para a Igualdade, Género, Cidadania e Não-Discriminação, se realizou entre o ano 2011 e 2013, sendo que este plano visou afirmar a igualdade como fator de evolução e competitividade (Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, 2011). O V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e Não-Discriminação se realizou entre o ano 2014-2017, que consistiu em dar uma resposta relativamente a concretização dos princípios constitucionais da promoção da não discriminação e da igualdade entre mulheres e homens (Comissão para Igualdade de Género, 2015).

Por fim, o “Plano de Ação para a Igualdade entre Mulheres e Homens (PAIMH)” (Metropolitano de Lisboa, 2018, p.7) se realizou entre os anos 2018-2021. A PAIMH, se baseia na Estratégia Nacional para a Igualdade e Não-Discriminação 2018-2030, sendo que foi reconhecido que a não discriminação e a igualdade são fatores essenciais para a evolução de um futuro sustentável para Portugal, bem como, para as instituições públicas ou privadas enquanto agentes que garantem a participação de todos e todas e efetuam efetivamente os direitos humanos (Metropolitano de Lisboa, 2018).

Em relação às Campanhas Nacionais, a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG) desenvolve as mesmas, com o intuito de alcançar as diversas problemáticas relacionadas ao ambiente da sua intervenção, com especial importância “à prevenção e combate a violência doméstica e de género” (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2021g, p. 1). Assim sendo, as Campanhas Nacionais são as seguintes: “As mulheres fazem a democracia melhor. A diferença faz a igualdade (2009), Engenheiras por um dia (2017), A segunda edição das Engenheiras por um dia

(2018), Minuto de igualdade (2018) e Os direitos das mulheres são direitos humanos (2020)” (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2021g, p. 1).

Apesar da realização das Campanhas e dos Planos de Ação, Portugal não possui uma lei que abrange unicamente a igualdade de género, porém o mesmo se encontra evidentemente consagrado na Constituição Portuguesa, sendo que o princípio de igualdade de género foi expandido a todo ordenamento jurídico português, o que determina a promoção da igualdade entre homens e mulheres e assegura a proteção em casos de discriminação. Ainda que Portugal não possua uma lei unicamente centrada na igualdade entre mulheres e homens, a mesma dispõe um conjunto de leis que integram diversos aspetos, como por exemplo, a não discriminação em setores como o trabalho de assistência não remunerado; o acesso a serviços e a bens; a licença parental; a igualdade de remuneração; a representação política e a igualdade entre mulheres e homens (European Institute for Gender Equality, 2022).

A promoção da igualdade de género é uma das funções do Estado Português, sendo que o mesmo se encontra inserido na Constituição da República Portuguesa de 1976, no artigo 13.º

De acordo com o Artigo 13.º:

A promoção da igualdade entre mulheres e homens é uma das tarefas fundamentais do governo.

1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.
2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social (Constituição da República Portuguesa, 1976).

Este dever é inerente do facto da liberdade e da igualdade social serem princípios estruturantes da democracia. Desta forma, para promover a igualdade entre homens e mulheres deve-se recorrer a uma abordagem transversal e integrada em todos os setores e áreas do Estado e do Governo (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2021c).

Em relação ao progresso da igualdade de género, em 2022, Portugal ocupava a décima quinta posição na União Europeia no Índice de Igualdade de Género, com uma pontuação de 62,8 em 100. A sua pontuação está a 5,8 pontos abaixo da média da União Europeia. A partir de 2019, Portugal melhorou ligeiramente porque houve um acréscimo de 0,6 pontos, sendo que a sua classificação permaneceu igual. Portugal manteve-se na classificação porque as melhorias no setor do dinheiro e do poder foram compensadas pelo recuo do setor da saúde e um melhoramento pouco relevante no domínio do trabalho e do conhecimento.

No entanto, a classificação de Portugal é a mais alta no domínio do trabalho com uma pontuação de 73,4 pontos. O melhor desempenho no subdomínio da participação no trabalho, estando em sétimo lugar com uma pontuação de 87,8 pontos. Porém, a partir de 2019, houve um decréscimo no subdomínio da participação do trabalho cerca 0,4 pontos, o que manifesta uma preocupação (European Institute for Gender Equality, 2023b).

Em relação ao poder, o nosso país ocupa a décima terceira posição, com uma pontuação de 55,5 pontos, e no subdomínio do poder político Portugal apresenta a pontuação mais elevada de 64,5 pontos, ocupando assim o décimo lugar. No que diz respeito às desigualdades de género são mais elevadas no domínio do tempo, sendo que o país ocupa o vigésimo quarto lugar com uma pontuação de 47,5 pontos. Independentemente das ligeiras melhorias neste domínio, a partir de 2010, Portugal mantém o subdomínio das atividades sociais baixas com 35,7 pontos, bem como, o subdomínio de prestação de cuidados, em que Portugal ocupa o vigésimo lugar com 63,3 pontos (European Institute for Gender Equality, 2023b).

No que se refere ao domínio do dinheiro, a partir de 2019, Portugal melhorou a sua classificação com um aumento de 1,1 pontos, ficando assim com 74,7 pontos, subindo assim na classificação para décimo nono lugar, sendo que anteriormente se encontrava na vigésima primeira classificação. No que concerne ao domínio da saúde, a partir de 2019, Portugal caiu do décimo nono lugar para o vigésimo segundo lugar da classificação. Desta forma, os níveis mais acentuados de desigualdade de género em saúde são os impulsores desta mudança (European Institute for Gender Equality, 2023b).

Em comparação com a União Europeia, relativamente a Igualdade de Género, no ano 2022, Portugal apresenta um índice de 62,8 pontos e a União Europeia com 68,6 pontos. Em relação ao trabalho, Portugal tem 73,4 pontos e a União Europeia 71,7

pontos. No que diz respeito ao dinheiro, Portugal possui 74,7 pontos e a União Europeia 82,6 pontos. No que concerne ao conhecimento, Portugal possui 56,7 pontos e a União Europeia 62,5 pontos. No que se refere ao tempo, Portugal tem 47,5 pontos e a União Europeia 64,9 pontos. Relativamente ao poder, Portugal possui 55,5 pontos e a União Europeia 57,2 pontos. E por fim, no que diz respeito à saúde, Portugal tem 84,5 pontos e a União Europeia 88,7 pontos (European Institute for Gender Equality, 2023b). Deste modo, podemos verificar no gráfico abaixo o que foi anteriormente referido.

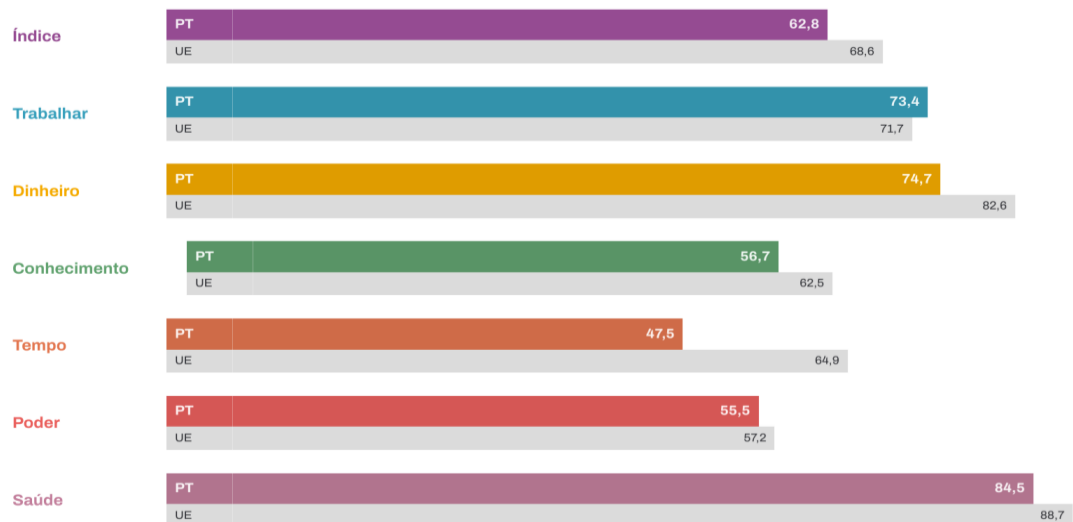


Figura 1: Pontuações em Portugal- Índice de igualdade de género

Fonte: European Institute for Gender Equality (2023b)

Em síntese, este capítulo salienta os esforços significativos de Portugal para promover a igualdade de género ao longo dos anos, recorrendo a legislação e a políticas práticas. No entanto, ainda existem obstáculos a serem ultrapassados em alguns setores. A promoção da igualdade de género é fundamental para a democracia e para o desenvolvimento sustentável, e Portugal está comprometido com esse objetivo.

2.5.2. As desigualdades de género existentes na nossa sociedade

A desigualdade de género consiste numa situação social, cultural e jurídica em que o género e/ou sexo determinam dignidades e direitos diferentes para homens e mulheres, que se refletem na desigualdade de direitos ou de acesso, bem como, na assunção dos papéis culturais e sociais estereotipados (European Institute for Gender

Equality, 2023c). As desigualdades entre homens e mulheres estão presentes em todo o mundo, sendo este um problema estrutural que se entende em desequilíbrios significativos na distribuição do poder social, político, económico, na distribuição dos recursos, nas relações assimétricas entre homens e mulheres e, por fim, nas condições de vida distintas (Silva et al, 2022).

As desigualdades entre homens e mulheres decorrem devido a dois fatores que, sendo diferente, são inerentemente dependentes, sendo estes:

As representações socioculturais dominantes sobre o que são os homens e as mulheres e que, ao nível do quotidiano, funcionam sob a forma de estereótipos, inconscientemente consensuais em termos coletivos, que estipulam “normas” sobre o que devem ser as funções e os papéis sociais de uns e de outras, de acordo com as crenças e expectativas em torno da suas “naturais” capacidades e níveis de realização pessoal; as relações de poder de cariz patriarcal que assentam na ideia de uma hierarquia entre homens e mulheres geradora de uma desigual valorização social dos indivíduos em função do seu sexo, que se expressa na “naturalização” da superioridade masculina e da inferioridade feminina e nas subsequentes relações de domínio/subordinação (Silva et al, 2022, p. 8).

Tendo em conta o que foi anteriormente referido e tendo como referência a União Europeia, serão necessário cerca de sessenta anos para conseguirmos obter a igualdade de género entre homens e mulheres, sendo que atualmente, verificamos com muita preocupação, a afirmação de declarações com uma perspetiva tradicional sobre a posição da mulher na sociedade com efeitos negativos para as relações de poder entre homens e mulheres. Neste caso, afigura-se essencialmente problematizar e fornecer visibilidade às condições de subordinação e desvantagens das mulheres, assim como, das ferramentas de pressão sobre os homens acerca da manutenção e da reprodução dos seus direitos. No entanto, é fundamental também perceber e atuar sobre as causas estruturais que mantêm e constituem estas desigualdades (Silva et al, 2022).

Considerando que foi anteriormente referido, existem diversas desigualdades nos mais variados setores da nossa comunidade, como por exemplo, na educação, na economia, no desporto, na saúde e no trabalho, etc. Assim sendo, a discriminação de género no ensino é em simultâneo um motivo e um resultado de desigualdade de género

na comunidade. No entanto, a desigualdade de género afeta ambos os sexos, porém é o sexo feminino que estão constantemente em inferioridade, sendo que as mesmas, têm que enfrentar alguns obstáculos ao longo da sua vida, como por exemplo, “o casamento precoce, a pobreza, a gravidez, o isolamento geográfico, a deficiência, as atitudes sobre o papel da mulher, a violência de género e a capacidade de praticar o seu direito de participação na comunidade” (Comissão Nacional da UNESCO, s.d, p. 1).

De modo a acabar com essa desigualdade, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), está empenhada em promover a igualdade de género através da inclusão de questões sobre a igualdade de género na educação nos mais variados níveis de ensino, abrangendo a educação formal, informal e não informal nos diversos setores de intervenção (Comissão Nacional da UNESCO, s.d).

Em relação à desigualdade salarial, esta consiste na diferenciação da média dos rendimentos brutos por hora entre mulheres e homens, baseando-se nos salários que são pagos diretamente aos funcionários antes de alguma dedução ou imposto para a segurança social (Parlamento Europeu, 2023). Para colmatar essa desigualdade, foi aprovada a Lei n.º 60/2018, de 21 de agosto, que aprovou medidas para promover a igualdade remuneratória entre homens e mulheres por idêntico valor ou trabalho idêntico (Governo da República Portuguesa, 2018).

Relativamente à desigualdade de género no desporto, o mesmo tem sido dominado pelo sexo masculino, sendo que a evolução da igualdade entre homens e mulheres neste setor são dificultados pelas conceções sociais de masculinidade e feminilidade, sendo que frequentemente relacionam o desporto com características masculinas, como por exemplo, a resistência, espírito de competitividade, força física e a velocidade. Neste sentido, as mulheres que queiram praticar desporto são vistas como masculinas e os homens que não têm interesse pelo desporto são vistos como pouco masculinos (Instituto Europeu para a Igualdade de Género, 2016).

Para combater esta desigualdade, foi elaborada a Lei n.º 5/2007, de 16 de janeiro, Artigo 2.º, designada como Princípios da Universalidade e da Igualdade. Esta Lei afirma que o desporto e a atividade física devem colaborar para a promoção de uma situação não discriminatória e equilibrada entre mulheres e homens (Diário da República, 2007).

Em relação a desigualdade na saúde, no âmbito das políticas de saúde, seja na intervenção prática, “na organização dos serviços ou no planeamento das ações, quer enquanto destinatários da intervenção, quer protagonistas da ação, mulheres e homens

são julgados sob o filtro do gênero” (Prazeres, 2011, p. 1) com consequências que nem sempre são compreendidas e devidamente reconhecidas. De modo geral, a desigualdade de gênero mantém-se no setor da saúde, uma vez que as normas permanecem presentes nas tomadas de decisão, tanto nas instituições privadas como públicas, quer a nível das medidas recomendadas com efetivo impacto no sistema quer a nível estrutural (Prazeres, 2011).

Para colmatar essas desigualdades, em 2015, o Parlamento Europeu teve a iniciativa de desenvolver um Relatório acerca do empoderamento das jovens através da educação na União Europeia (2014/2250(INI)), que teve como relatora principal a doutora Liliana Rodrigues. Este relatório ficou conhecido como relatório Rodrigues.

Este relatório realça a importância da educação como instrumento essencial para o empoderamento dos jovens na Europa. Neste sentido, a educação é um dos principais instrumentos para alcançar a igualdade de gênero, sendo que permite que os jovens obtenham diversas competências para participarem ativamente na sociedade. Além disso, este relatório recomenda diversas medidas para melhorar a participação ativa na sociedade, o acesso à educação e à igualdade de gênero. O Relatório Rodrigues identifica os obstáculos existentes na nossa sociedade, mas também sugere recomendações para colmatar esses obstáculos, bem como, para proporcionar uma sociedade mais igualitária e justa para todos os cidadãos (Rodrigues, 2015).

Tendo em conta o Relatório Rodrigues, o empoderamento é atualmente usado em diversos contextos. Segundo Batliwala (conforme citado por Sardenberg, 2012) o conceito de empoderamento está associado a diversas atividades desde a resistência; a assertividade individual; a mobilização coletiva e os protestos. Além disso, o empoderamento está relacionado com o processo de controlo dos cidadãos sobre as suas vidas e saúde (Martins, 2021).

Segundo Laverack, os indivíduos incluídos no processo de empoderamento possuem um maior controlo sobre as estruturas sociais e decisões importantes que ocorrem nas suas vidas. Laverack salienta a ligação do empoderamento com capacidade de obter maior controlo sobre os aspectos fundamentais da vida da comunidade e dos cidadãos. O empoderamento comunitário inicia nos cidadãos, prossegue pelo grupo e finaliza na sociedade em geral (Martins, 2021).

De acordo com Batliwala, existem imensas lacunas entre o cenário real ao nível da comunidade e a criação de políticas contra a violência. O empoderamento das mulheres é o modo de aperfeiçoar as condições culturais, sociais, políticas e económicas

das mulheres, as negligenciadas e desfavorecidas na comunidade (Martins, 2021). O empoderamento das mulheres, é estimulado a partir de elementos externos, em que a primeira etapa é a conscientização, permitindo que as mulheres conheçam as estruturas que as oprimem, papéis e condições que são impostas pela sociedade por serem mulheres, e convencerem-se que as mesmas possuem justiça, dignidade e direitos a igualdade (Martins,2021). Segundo “os princípios de empoderamento das Nações Unidas, a liderança das mulheres” (Oliveira et al, 2022, p. 6) proporciona a igualdade de oportunidades, de género, segurança, saúde e liberdade em casos de controlo total da vida e de violência (Oliveira et al, 2022).

A melhor forma de promover o empoderamento nos jovens é através da educação. O direito à educação é um direito humano que concerne à não discriminação e à igualdade entre os indivíduos. Por isso, “a educação democrática institui um combate claro à estereotipia e à discriminação, seja ela feita de forma explícita ou implícita” (Rodrigues, 2016, p. 93). O currículo é a ferramenta mais adequada para realizar esse combate, sendo que possui quatro dimensões, sendo estas, subjetividade, conhecimento, valorativa e poder (Rodrigues, 2016).

De acordo com, Rodrigues (2016):

O poder de incluir ou de excluir. É este o poder da homogeneidade. Ela traz em si uma dimensão ideológica do currículo que fornece modos de viver e visões do mundo que divide entre dominantes e dominados. Estamos a falar de poder. E quem tem o poder tem também o poder de definir e de hierarquizar. Inclusive o poder de discriminar, ou de garantir a igualdade (p. 94).

As políticas curriculares e educativas possuem na educação um papel importante e devem-se reconhecer como “desconstrução da ortodoxia curricular através da ampliação da visão crítica” (Rodrigues, 2016, p. 95) em que tudo nos serve de martelo, de utensílio e de meio (Rodrigues, 2016).

A extinção das disparidades de género decorre principalmente da educação que transmitimos, seja ela através do currículo informal ou formal. Terá de ser as instituições de ensino a promover a igualdade (Rodrigues, 2016). No que diz respeito, ao currículo formal, devem ser fornecidas instruções aos Estados Membros para que os mesmos assegurem “não discriminação dos géneros e a respectiva supervisão pedagógica dos currículo através de centros de investigação em educação” (Rodrigues, 2016, p. 96). Em

relação ao currículo informal, deve ser garantida o desenvolvimento de atividades complementares que consolidem o currículo formal no que concerne à igualdade de género, especificamente, aquelas que estimulam a autoconfiança das jovens mulheres e que vão desde as competências intelectuais, emocionais, científicas, físicas, tecnológicas e culturais. Estas competências ajudaram futuramente nas “escolhas profissionais não estereotipadas sendo, também por isso, fundamental a formação em empreendedorismo” (Rodrigues, 2016, p. 96).

As instituições de ensino não garantem somente o conhecimento, mas também fornecem perspetivas valorativas acerca do mundo, que demonstram de um modo implícito as teorias que nos orientam no decorrer da vida e que marcam fortemente as carreiras profissionais das jovens mulheres (Rodrigues, 2016).

A evolução da não discriminação nos estabelecimentos de ensino e na educação, o aprimoramento da entrada das mulheres à formação ao longo da vida e à educação vocacional, bem como, a aplicação de estruturas de monitoramento para a reforma de um estabelecimento de ensino igualitário na Europa serão passos essenciais para a igualdade das mulheres no ingresso à educação, a longo e médio prazo, na sua realização profissional e pessoal (Rodrigues, 2016).

A igualdade de género é uma questão fundamental em Portugal e em todo o mundo. A eliminação das desigualdades de género exige esforços contínuos em diversas frentes, desde o mercado de trabalho, o desporto, a saúde e a educação, conjuntamente com a implementação eficiente de legislação e de políticas que promovam a igualdade de oportunidades para todos os cidadãos, independentemente do género ou sexo.

Nos estabelecimentos de ensino, a educação para a igualdade deverá começar o mais cedo possível, começando na escola primária e/ou na educação pré-escolar, prosseguindo para o ensino secundário e ensino superior. Deste modo, a lei europeia deverá de ter como objetivos gerais o empoderamento das meninas/jovens/mulheres e a garantia da igualdade, tendo como base a Convenção de Istambul que reforça a ideia da educação como instrumento de “prevenção da discriminação dos géneros” (Rodrigues, 2016, p. 95).

Assim sendo, a educação é entendida como instrumento fundamental para a progressão da igualdade de género, bem como, o empoderamento dos/as cidadãos/ãs. Diversos estabelecimentos de ensino têm se dedicado a inserir questões de igualdade nos currículos, de forma a proporcionar um envolvimento ativo das mulheres na comunidade, bem como, colmatar os estereótipos presentes.

2.5.3. A violência de gênero

Nos últimos cinquenta anos, as iniciativas para a eliminação da violência de gênero ganharam impulso no contexto europeu e internacional. No entanto, a integração da violência contra as mulheres na agenda da União Europeia demorou a ser implementada, porque a mesma era considerada fora das competências da Comissão da União Europeia, bem como, não existia uma base jurídica explícita na União Europeia para intervir na violência contra as mulheres. Isto quer dizer que o compromisso da União Europeia na eliminação da violência de gênero é recente em relação aos outros organismos internacionais (European Institute for Gender Equality, 2024a).

Tendo em conta o que foi anteriormente referido, ao longo desses cinquenta anos, foram realizadas diversas Conferências, Convenções e Tratados, de modo a combater a violência de gênero. À vista disso, a Convenção de Istambul é considerada como um guia, no que diz respeito às normas da violência de gênero. A Convenção de Istambul é o primeiro documento que possui o conceito de gênero e que condena crimes como o “casamento forçado, o aborto forçado, a mutilação genital feminina, a perseguição e a esterilização forçada”(Conselho Europeu e Conselho da União Europeia, 2024, p. 1). Além disso, a Convenção de Istambul identifica que a violência contra as mulheres consiste na violação dos direitos humanos e atribui a responsabilidade aos Estados, se os mesmos não responderem devidamente a esta forma de violência (Conselho Europeu e Conselho da União Europeia, 2024).

Assim sendo, a violência de gênero consiste em praticar o ato de violência contra um indivíduo devido a sua identidade, ao seu sexo, ou à sua expressão de gênero, ou que prejudique de modo desproporcionado indivíduos de um sexo específico. A violência de gênero assume diversas manifestações, desde a violência entre companheiros até a prática de violência em espaços em linhas. Estas distintas manifestações não se excluem mutuamente e podem originar variados acontecimentos de violência em simultâneo, fortalecendo-se mutuamente. As desigualdades vividas por um indivíduo referentes a sua idade, religião, (in)capacidade, raça, classe social, identidade de gênero ou orientação sexual podem também ser a causa dos atos de violência. Isto quer dizer que, apesar das mulheres encararem a discriminação e a violência baseando-se no gênero, algumas mulheres enfrentam formas múltiplas e interligadas a violência (European Institute for Gender Equality, 2023d).

É fundamental reconhecer que a violência de género pode ser reproduzida e normalizada pelas desigualdades estruturais, como por exemplo, os estereótipos, as atitudes e as normas sociais em torno da violência contra as mulheres em particular e do género em geral. Por esse motivo, é essencial reconhecer a violência institucional ou estrutural que pode ser determinada como a subordinação das mulheres na vida política, económica e social ao tentar clarificar a primazia da violência contra as mulheres nas nossas comunidades (European Institute for Gender Equality, 2023d).

Desta forma, a violência de género está enraizada na nossa sociedade, uma vez que intensifica as desigualdades de género, não podendo ser compreendida fora das normas, das estruturas sociais e dos papéis de género que a justificam e que a apoiam. Neste sentido, a violência de género consiste na violação dos direitos humanos, afetando, as mulheres, as sociedades, as comunidades e as famílias (European Institute for Gender Equality, 2023e).

Esta violência pode ser realizada de diversas formas, como por exemplo, a violência física, violência psicológica, violência sexual e violência económica. No que diz respeito a violência física, esta consiste em qualquer ato que provoque danos físicos, por exemplo, agressões ligeiras e graves, homicídio involuntário e a privação de liberdade (European Institute for Gender Equality, 2023d). Relativamente, a violência psicológica esta consiste em qualquer ato que provoque danos psicológicos a uma pessoa, como por exemplo, assédio, difamação, insulto verbal e coação (European Institute for Gender Equality, 2023d). Em relação a violência sexual, esta consiste em praticar qualquer ato sexual sem consentimento. Esta violência pode manifestar-se como agressão sexual ou forma de violação (European Institute for Gender Equality, 2023d). Por fim, a violência económica, consiste em qualquer comportamento ou ato que provoque danos económicos a um indivíduo. A violência económica pode ser manifestada pelo não cumprimento das responsabilidades económicas (pensão de alimentos), bem como, pela restrição do acesso à educação, aos recursos financeiros e ao mercado de trabalho (European Institute for Gender Equality, 2023d).

Além da violência de género causar sofrimento e dor às vítimas, a mesma produz enormes custos para a economia e a comunidade como um todo. Todavia, o aumento e os custos relacionados com a violência de género, envolve uma despesa pública em serviços sociais, jurídicos, saúde e especializados para reduzir o impacto pessoal e os danos nas vítimas, que são eventualmente observados (European Institute for Gender Equality, 2021).

De modo a combater a violência de género, é necessário colocar em causa as formas como a desigualdade de género é perpetuada através das organizações a todos os níveis da comunidade, bem como, pôr em causa a divisão da desigualdade de poder económico, social e político entre homens e mulheres (European Institute for Gender Equality, 2023e).

É fundamental reconhecer a violência de género como uma violação dos direitos humanos, sendo que esta prejudica as vítimas e as suas respectivas famílias, bem como a sociedade. A violência de género manifesta-se em diversas formas, incluído a violência sexual, física, económica e psicológica, tendo impacto e custos significativos para a sociedade. Para combater de modo eficaz a violência de género, é essencial desafiar a desigualdade de género em todas as áreas da vida, sendo que para isso exige esforços contínuos em todos os setores da sociedade para promover uma cultura de igualdade, justiça e respeito para todos os cidadãos apesar do género.

2.5.4. A Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018- 2030

A Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 (ENIND) é a principal ferramenta de igualdade entre mulheres e homens a nível nacional para planear a futura ação governamental e consolidar os progressos. A ENIND fundou-se numa auscultação extensiva às autarquias, ao setor privado, aos departamentos governamentais, a especialista e a sociedade civil organizada, sendo que é coordenada pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, apoiada por comissões técnicas concebidas para acompanhar os três Planos de Ação operacionais (Presidência do Conselho de Ministros, 2018).

Em 2018, a Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação (ENIND), divulga “o novo ciclo programático” (Presidência do Conselho de Ministros, 2018, p. 2) assente na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, fundamentando-se em três Planos Nacionais de Ação que indicam objetivos específicos e estratégicos em matéria de combate à discriminação em razão da identidade de género, características sexuais e a orientação sexual. Além disso, os Planos Nacionais de Ação apontam, medidas específicas a prosseguir no primeiro período de realização de quatro anos até 2021, a que posteriormente deverá ser alvo de retificação e redefinição para o período seguinte de quatro anos, e assim consecutivamente (Presidência do Conselho de Ministros, 2018).

A ENIND apoia-se em quatro eixos entendidos como as grandes metas da ação estrutural e global até 2030, sendo que são os seguintes: i) Participação igualitária e plena na esfera privada e pública, ii) Combate de todas as formas de violência doméstica e de violência contra as mulheres, iii) Combate à discriminação em razão das características sexuais, da identidade de género e da orientação sexual e inclusão da igualdade entre homens e mulheres, e por fim, iv) Evolução tecnológica e científica inclusiva, igualitária e direcionada para o futuro (Presidência do Conselho de Ministros, 2018). Neste sentido, a Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação tenciona reforçar os avanços efetuados até ao momento e presumir o futuro da ação do governo, tendo em consideração a evolução sustentável do país que depende da execução de uma igualdade transformativa e substantiva, assegurando em simultâneo o desenvolvimento e a sua resiliência necessária ao contexto português (Presidência do Conselho de Ministros, 2018).

Em resumo, a Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 é um compromisso abrangente do governo para combater a discriminação em diversas vertentes e para promover a igualdade de género. Esta Estratégia está alinhada com metas globais envolvendo diversas organizações para a sua concretização ser bem-sucedida. Além disso, a Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 é um exemplo importante de como os governos podem promover a igualdade de género como parte da Agenda 2030- Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

3. Metodologia

A metodologia é composta por técnicas e por métodos que são aplicados no desenvolvimento de uma investigação (Findlay et al., 2006). Desta forma, o método, a metodologia e a técnica são conceitos que ocorrem na literatura para caracterizar os diferentes meios que orientam e/ou auxiliam os investigadores na procura de conhecimentos (Coutinho, 2011).

Na investigação, existem diversas formas de recolher dados e compete ao investigador decidir quais as técnicas ou métodos ou a junção de diferentes técnicas e métodos a utilizar, no entanto, essa decisão tem de ter em conta alguns fatores, sendo estes, os custos materiais, os objetivos da investigação e as implicações na realização da investigação (Pardal & Lopes, 2011).

Com o intuito de realizar este projeto, pretendo utilizar a metodologia mista com uma abordagem quantitativa e com uma abordagem qualitativa. Deste modo, utilizarei a abordagem quantitativa para realizar e analisar os dados do inquérito por questionário, sendo este usado como instrumento de recolha de dados. Ainda assim, a análise das respostas do inquérito por questionário divide-se em duas partes, sendo estas: as respostas abertas, referentes a uma metodologia qualitativa, recorrendo à análise de conteúdo para entender as perspetivas de cada inquirido e as respostas curtas referente a metodologia quantitativa recorrendo a análise estatística. Por outro lado, utilizarei a abordagem qualitativa para realizar uma entrevista semiestruturada, de forma a obter uma visão mais ampla e mais acessível sobre a temática em causa.

3.1. A pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa encontra-se inserida no campo teórico, no qual procura substituir os princípios de “explicação, previsão e controlo” (Coutinho, 2004, p. 439) da pesquisa quantitativa pelos princípios de “compreensão, significado e acção” (Coutinho, 2004, p. 439) no qual se pretende aprofundar o domínio pessoal de cada indivíduo (Coutinho, 2004).

Esta pesquisa é utilizada quando o investigador se encontra preocupado com o entendimento amplo e absoluto do acontecimento em estudo. Deste modo, o investigador “observa, descreve, interpreta e aprecia” (Freixo, 2009, p. 146) o contexto e o acontecimento tal como se demonstra, sem pretender controlá-los (Freixo, 2009).

Nesta pesquisa, é necessário seguir de modo interativo ou simultâneo certos passos do processo de investigação, sendo estes: (a) elaboração de uma problemática de investigação com base numa condição específica, que abrange um acontecimento que pode ser compreendido e descrito, de acordo com os significados atribuídos pelos investigados aos fenómenos, (b) formulação de perguntas precisas com a perspetiva de investigar as interações, os elementos estruturais e os processos que possibilitam a descrição do acontecimento e a elaboração do termo, (c) a escolha das técnicas de recolha de dados, (d) a escolha do campo de estudo, (e) a análise e a recolha de dados de onde é recolhida uma descrição específica dos fenómenos referidos pelos investigados que experienciaram tal situação, (f) formulação de hipóteses interpretativas com base nas informações adquiridas, com vista a dar significado ao contexto e (g)

alteração interativa da problemática e das perguntas e a inserção do termo a medida que se inserem novos dados (Freixo, 2009).

No entanto é essencial referir que os passos do processo de investigação anteriormente descritos, “nas essenciais idênticas as etapas do método quantitativo, representam uma conceção ideal daquilo que o investigador espera realizar. No entanto, diz-me a experiência que o processo raramente segue um modelo sequencial fixo” (Freixo, 2009, p. 150).

A investigação qualitativa possui cinco características, sendo estas: (i) dispõe como fonte direta de dados o meio natural, sendo o investigador a figura primordial, uma vez que o mesmo necessitará despende a maioria do seu tempo para estudar a respetiva problemática, utilizando os métodos mais eficazes para a sua investigação, (ii) a investigação qualitativa assume-se como descritiva, sendo que a recolha de dados é efetuada através de imagens ou palavras e não através de números, uma vez que os resultados dispõem de citações baseadas nos dados, de forma a substanciar e ilustrar a exposição, (iii) os investigadores qualitativos dão maior importância ao processo do que essencialmente aos resultados, (iv) os investigadores qualitativos analisam de modo indutivo os seus dados, isto é, não realizam uma recolha de provas ou dados, com o intuito de verificar ou invalidar as hipóteses criadas anteriormente e, por fim, (v) o significado assume-se como importante na abordagem qualitativa, visto que os investigadores que utilizam esta abordagem estão interessados no modo como diversos sujeitos orientam as suas vidas (Bogdan & Biklen, 1994).

Neste sentido, a pesquisa qualitativa é focalizada para a análise de casos específicos em sua particularidade local e temporal, procedendo da atividade e das expressões dos indivíduos em seus contextos locais. Deste modo, a pesquisa qualitativa envolve um entendimento específico da relação entre o método e o assunto, sendo que a mesma se ajusta à lógica tradicional, linear, de pesquisa somente de modo limitado (Flick, 2004).

3.2. Estudo de caso

O tipo de estudo que irei utilizar neste projeto é o estudo de caso. O estudo de caso possibilita uma maior compreensão sobre o contexto em estudo, de forma detalhada, mas neutra. Além disso, utilizarei o método do estudo de caso, de forma a entender a complexidade deste fenómeno social.

Relativamente ao estudo de caso, a sua divulgação e a sua estruturação surgiram na investigação qualitativa, sendo esta elaborada pelos “sociólogos pioneiros da Escola de Chicago” (Amado & Freire, 2014, p. 121) que tinham como foco a análise de comunidades ou de grupos que eram considerados socialmente desfavorecidos. O estudo de caso surge como abordagem de cariz qualitativo, no qual dispõe da necessidade de juntar os interesses políticos com os interesses investigativos, como se verificou com “outros tipos de abordagens qualitativas, designadamente a etnográfica e a biográfica e, mais tarde, a investigação-ação” (Amado & Freire, 2014, p. 121).

O estudo de caso é um exemplo de uma pesquisa qualitativa, no qual é compreendido “como uma categoria de investigação” (Gonçalves, 2005, p. 64) sendo que, tem como propósito o estudo aprofundado de um determinado contexto, podendo referir-se a um indivíduo, a um conjunto de sujeitos ou a uma comunidade (Gonçalves, 2005). Além disso, o estudo de caso tem como objetivo geral auxiliar os investigadores a lidarem com algumas questões mais comuns, tais como, definir o público-alvo da investigação, identificar que tipo de tratamento a utilizar após a recolha de dados e determinar os dados mais favoráveis à investigação (Freixo, 2009).

Para a sua realização é essencial ter alguns requisitos dos quais o rigor, a coerência, o propósito e a criatividade (Gonçalves, 2005), sendo que o estudo de caso pode ajudar no aumento da compreensão de determinados fenómenos sociais mais complexos (Freixo, 2009).

Devido ao seu carácter dinâmico, interativo e naturalista, o estudo de caso exige que os investigadores realizem trabalhos em campo, ou seja, uma interação prolongada entre os investigadores e os participantes que querem investigar. Por esse mesmo motivo, é essencial a obtenção da autorização e do apoio dos indivíduos que são essenciais para a evolução da investigação, bem como, a identificação de acontecimentos apropriados (Amado & Freire, 2014).

O estudo de caso possui seis características: (i) Particular, o estudo focaliza-se num determinado acontecimento, fenómeno, programa ou situação, (ii) Descritivo, o resultado final da investigação é uma descrição rica do acontecimento que está a ser investigado, (iii) Heurístico, conduz ao entendimento do acontecimento que está a ser investigado, (iv) Indutivo, a investigação parte do particular para o geral, (v) Holístico, tem em consideração a realidade no seu todo, dando maior relevância aos processos do que à compreensão, à interpretação e ao produto e, por fim, (vi) a Planificação, que varia

conforme o caráter do estudo se é essencialmente quantitativo ou qualitativo (Freixo, 2009).

Outra característica essencial e primordial do estudo de caso é a caracterização adequada e correta do acontecimento “em que o mesmo se desenrola ou em que o mesmo consiste” (Amado & Freire, 2014, p. 135). Neste sentido, os investigadores numa primeira fase devem “identificar os elementos da estrutura” (Amado & Freire, 2014, p. 135), como por exemplo, os estudos especializados, os elementos materiais como o meio geofísico, os edifícios e os espaços, bem como, os dossiers acerca das pessoas e das instituições, e numa segunda fase, os investigadores devem “dar conta da dinâmica do processo” (Amado & Freire, 2014, p. 135), ou seja, devem recolher dados sobre as diversas perspetivas dos participantes e observar as situações, as relações e os comportamentos dos mesmos. Nesta fase, os investigadores recorrem a um conjunto diversificado e vasto de técnicas de recolha de dados, como por exemplo, os questionários, a observação participante e as entrevistas (Amado & Freire, 2014).

No entanto, para desenvolver um estudo de caso o investigador deve possuir algumas competências básicas, sendo estas, ser um bom ouvinte e não ser enganado pelas suas ideias ou crenças; saber elaborar boas questões e interpretar as respostas; ser flexível e adaptável; ser capaz de ver os acontecimentos inesperados como uma oportunidade e não como uma ameaça e não ser persuadido por preconceitos que resultam de teorias (Amado & Freire, 2014).

Em suma, o estudo de caso tem interesse essencialmente na relação dos acontecimentos e dos fatores, sendo que quando bem realizado permitirá ao leitor “uma ideia tridimensional e ilustrará relações, questões micropolíticas e padrões de influências num contexto particular” (Bell, 1993, p. 24).

3.3. Técnicas de recolha de dados

As técnicas de recolha de dados são instrumentos que conseguem tornar viável a realização de uma investigação, de modo a obter a “efetivação do conjunto de operações em que consiste o método, com vista a verificação empírica-confrontação do corpo de hipóteses com a informação colhida na amostra” (Pardal & Lopes, 2011, p. 70). Neste sentido, utilizarei como técnicas de recolha de dados a entrevista semiestruturada, o inquérito por questionário e a análise documental.

3.3.1. Entrevista

No que se refere à entrevista, utilizarei a entrevista semiestruturada para obter dados de opinião, bem como, adquirir a flexibilidade e a adaptabilidade no decorrer da entrevista. Assim sendo, pretendo realizar diversas entrevistas semiestruturadas, sendo estas a um elemento da direção de serviços da igualdade e cidadania; P1; um representante de psicologia da IES; um representante de uma ONG que trabalha na área da violência no namoro; um representante de uma ONG que trabalha na área da igualdade de gênero e a um representante do provedor do estudante.

No início de cada entrevista, foi explicado a cada entrevistado os tópicos que seriam discutidos ao longo da entrevista, bem como, a garantia do anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, posteriormente, foi apresentado e pedido a assinatura do consentimento informado. Antes de começar as entrevistas foi pedido a todos os entrevistados a permissão para gravar a entrevista em sistema de áudio sem imagem. Todas as entrevistas foram efetuadas num espaço privado e tiveram uma duração entre 30 a 45 minutos.

Após a gravação das entrevistas, as mesmas foram transcritas detalhadamente, sendo uma etapa demorada, que possibilitou uma primeira impressão dos dados recolhidos e uma acomodação do discurso. Depois da transcrição foi efetuada uma leitura atenta e, logo de seguida, foi feita a análise de conteúdo de cada entrevista.

As entrevistas são consideradas um instrumento de recolha de dados, no qual o investigador se coloca à frente do investigado e apresenta-lhe perguntas, com o intuito de obter a informação que lhe interessa para a investigação (Gil, 2008). Neste sentido, as entrevistas conseguem obter diversas informações sobre o investigado, como por exemplo, o que os investigados esperam, sabem, sentem, pretendem fazer, fazem ou fizeram (Selltiz, 1967, citado por Gil, 2008).

A elaboração da entrevista, segue as mesmas etapas que o inquérito por questionário, ou seja, “os tópicos têm que ser analisados, as questões elaboradas, os métodos de análises considerados e um plano preparado e testado” (Bell, 1993, p. 138). À vista disso, um investigador habilidoso consegue investigar sentimentos e motivos, testar respostas e explorar determinadas ideias (Bell, 1993).

Neste sentido, a entrevista é um dos instrumentos mais flexíveis e adaptáveis, sendo que varia conforme a estrutura. Assim sendo, a entrevista dispõe de entrevistas

individuais, sendo estas, a entrevista não estruturada ou aberta, a entrevista semiestruturada e a entrevista estruturada ou fechada (Minayo & Costa, 2018).

Relativamente à entrevista não estruturada, o investigador esclarece a finalidade da conversa ao entrevistado, e no desenrolar da entrevista, o investigador intercala as perguntas baseando-se na resposta do entrevistado, com o intuito de aprofundar a reflexão (Minayo & Costa, 2018). Esta entrevista dificilmente permite uma descrição completa e estruturada dos processos cognitivos (Gladcheff, 2013).

Este tipo de entrevista não estruturada, pode ser classificada como: (a) entrevista focalizada, em que o investigador utiliza um guião de tópicos referentes a problemática a investigar, podendo o investigador implementar as perguntas que considera pertinentes, (b) entrevista clínica, sendo esta utilizada no estudo de sentimentos, motivos e condutas de indivíduos e (c) entrevista não dirigida, em que o investigador deixa o entrevistado falar livremente sem condicionar e forçar as respostas, nesta entrevista o investigador tem como papel incentivar o entrevistado a falar sobre determinado tema, sem ser forçado a tal pelo investigador (Freixo, 2009).

No que diz respeito à entrevista semiestruturada, esta distingue-se da não estruturada por depender de um guia físico em que o investigador utiliza no diálogo (Minayo & Costa, 2018). Por possuir um guia direto, a “abordagem dos entrevistados é assegurada, sobretudo, aos investigadores menos experientes, para que tenham suas hipóteses ou pressupostos contemplados numa espécie de conversa com finalidade” (Minayo & Costa, 2018, p. 143).

O guia do entrevistador contém perguntas abertas, ditas pelo mesmo à medida que a entrevista se desenvolve, sendo que não existe uma ordem específica para realizar as perguntas. O entrevistador realiza as perguntas quando tiver oportunidade, uma vez que as perguntas foram previamente formuladas e concebidas (Pardal & Lopes, 2011).

Ao longo da entrevista semiestruturada, surge o questionamento do entrevistador, sendo que o mesmo deverá fazer de modo preciso, natural e com sentido de oportunidade. Esse questionamento tem como intuito conduzir o diálogo para os objetivos da entrevista (Pardal & Lopes, 2011).

A entrevista semiestruturada possui duas categorias, sendo estas, a entrevista centrada no problema e a entrevista etnográfica. Relativamente à entrevista centrada no problema, esta consiste principalmente pela recolha de dados biográficos, que tem como foco um determinado assunto baseando-se em instrumentos previamente desenvolvidos (Pardal & Lopes, 2011).

Em relação à entrevista etnográfica, esta é complexa de caracterizar, devido à informalidade do respetivo estudo etnográfico, uma vez que se baseia sobretudo na “articulação sistemática da revelação das experiências concretas das pessoas com o tema da investigação” (Flick, 2005, p.93). A escolha dos tipos de entrevista depende de variados fatores, entre quais as características do público-alvo e os objetos de estudo (Pardal & Lopes, 2011).

Por fim, no que concerne à entrevista estruturada, esta é utilizada para adquirir informações específicas acerca de um problema e/ou um conteúdo, sendo que, posteriormente os dados recolhidos são considerados como os mais favoráveis ao estudo (Gladcheff, 2003). Nesta entrevista, o investigador já possui uma ideia definida dos dados que quer recolher, sendo que “utiliza o entrevistado com confirmante das suas hipóteses e categorias pré-definidas” (Azevedo & Azevedo, 2003, p. 30).

A recolha desses dados, pode ser efetuada através de duas questões, sendo estas, as questões abertas ou as questões fechadas. Em relação às questões fechadas, estas anulam as possibilidades de resposta, ou seja, as respostas à priori estão limitadas a um não ou a um sim, enquanto, que as questões abertas permitem ao entrevistado construir livremente a sua resposta (Azevedo & Azevedo, 2003).

Em relação ao tratamento dos dados obtidos, as questões abertas e as questões fechadas são tratadas de forma diferentes, ou seja, as questões abertas implicam uma análise de conteúdo das respostas, enquanto, que as questões fechadas requerem um registo das possibilidades de respostas em percentagem (Azevedo & Azevedo, 2003).

A entrevista, como técnica de recolha de dados apresenta vantagens: (i) pode ser implementada a toda população desde os alfabetizados ou analfabetos, (ii) possibilita a obtenção de informações mais concretas, podendo serem comprovadas, as discordâncias e de imediato, (iii) proporciona uma maior flexibilidade, podendo o investigador esclarecer ou repetir questões, ou ainda criar as perguntas de um modo diferente e (iv) possibilita avaliar as condutas e as atitudes do entrevistado através da observação daquilo que fala e como fala (Freixo, 2009).

Contudo, a entrevista também apresenta algumas desvantagens, tais como: (i) requer muito tempo e é complicada de ser efetuada, (ii) retém certos dados relevantes, receando que a sua identificação seja exposta, (iii) disponibilidade e disposição do investigador em ceder as informações essenciais, (iv) probabilidade do investigador ser persuadido, inconscientemente ou conscientemente, pelo investigado, pelas suas

atitudes, opiniões, ideias e aspetos físico e (v) dificuldade de comunicação e expressão do investigador e do investigado (Freixo, 2009).

3.3.2. Inquérito por questionário

No que diz respeito ao inquérito por questionário, utilizarei a plataforma Qualtrics para conseguir alcançar um maior número de inquiridos, bem como, ter uma maior facilidade na recolha dos dados. Este inquérito por questionário será colocado no site da Universidade, sendo que todos os estudantes universitários têm acesso ao mesmo.

Qualtrics é um instrumento utilizado para elaborar, partilhar e analisar pesquisas online, sendo o principal método de recolha de respostas em grande escala, desde um estudo detalhado a um simples inquérito por questionário. A plataforma Qualtrics garante o anonimato dos participantes, sendo que todos os dados são guardados com recurso de segurança de nível empresarial que engloba redundância, criptografia dos dados e monitoramento contínuo da rede (Qualtrics, 2024).

A plataforma Qualtrics é de fácil utilização e possui diversas ferramentas para desenvolver um inquérito por questionário bem estruturado e de fácil leitura para o público em causa. Nesta plataforma, podemos escolher um modelo de questionário ou podemos começar do zero, podendo escolher o formato do questionário, a cor/ imagens a utilizar, bem como, o formato das questões. Neste sentido, optei por começar do zero, escolhendo como fundo do questionário uma imagem que ilustra a violência no namoro. Além disso, escolhi o formato das questões, sendo estas, questões fechadas, questões abertas e a escala de Likert.

Após o feedback da orientadora acerca do inquérito por questionário e da aprovação da Proteção de Dados da Universidade, bem como, da Comissão ética da Universidade, enviei um email ao reitor da Universidade, de modo a aceitar a publicação do inquérito por questionário no site da Universidade. Depois de obter a aprovação do reitor, preenchi um formulário para publicar o meu inquérito por questionário no site da Universidade. Além de ter publicado no site, utilizei as redes sociais para divulgar o meu estudo, de modo a abranger o maior número de inquiridos.

Ao longo da recolha de dados, Qualtrics disponibilizou a informação de quantas respostas o inquérito por questionário tem e ainda disponibilizou em tempo real quantos participantes estão a preencher o inquérito por questionário. O inquérito por

questionário esteve disponível ao preenchimento desde o início do mês de junho até ao fim do respectivo mês. Depois de fechar o inquérito por questionário, Qualtrics fornece todos os dados em percentagem e em gráficos, de modo a facilitar a análise dos dados. No Qualtrics existe a possibilidade de fazer download dos dados em pdf, caso seja necessário partilhar e/ou guardar no computador do investigador.

O inquérito por questionário, é considerado como uma ferramenta de recolha de dados sobre uma determinada população, no qual a sua aplicação deverá garantir que o número de inquiridos proporcione uma análise estatística. Por norma, o questionário é aplicado a um grupo de pessoas (inquiridos), a respeito de levantar informações para refletir, interpretar e obter resultados, tendo em consideração o propósito da investigação (Santos & Henriques, 2021).

Neste seguimento, a execução do inquérito por questionário possibilita o levantamento de dados sobre os sujeitos referentes aos “conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos” (Bäckström, 2008, p. 59). Assim sendo, é essencial ter em vista como o investigador vai avaliar, sendo que deve existir precisão na escolha do tipo de questionário a utilizar, de forma a expandir a credibilidade do mesmo (Bäckström, 2008). No entanto, no questionário não existe uma interação pessoal entre o inquirido e o investigador, assim sendo, existe “um trabalho prévio de grande investimento no arranjo gráfico do questionário, na clareza e exatidão das perguntas que podem igualmente ser abertas ou fechadas” (Azevedo & Azevedo, 2003, p. 30).

Relativamente à elaboração do inquérito por questionário, este é realizado em quatro fases. Na primeira fase é elaborado o “planeamento do inquérito” (Alves, 2012, p. 52), no qual consiste em desenvolver os objetos em estudo, em elaborar o conhecimento e as hipóteses dos fatores da investigação e em recolher os meios necessários e disponíveis. Na segunda fase, ocorre a “preparação/elaboração do instrumento de recolha de dados” (Alves, 2012, p. 52) no qual consiste na decisão acerca do tipo de inquérito a utilizar e o tipo de perguntas a desenvolver, na criação prévia do inquérito por questionário, na análise dos instrumentos de campo e a testagem. Na penúltima fase, dá-se o “problema de amostragem”, em que acontece a seleção da amostra específica e a definição do universo ou população. Na última fase, desenvolve-se o “trabalho em campo” que consiste na construção de uma equipa de investigação, a criação de relações, a distribuição das cartas de realização/apresentação das entrevistas e dos questionários e, por fim, o controlo da validade do trabalho realizado em campo (Alves, 2012).

Nesta sequência, os questionários dividem-se em três categorias conforme os tipos de pergunta, sendo estas, o questionário aberto, o questionário fechado e o questionário misto (Hill & Hill, 2008, citado por Santos & Henriques, 2021).

Relativamente ao questionário aberto, este consiste em perguntas de resposta abertas, das quais as “respostas são construídas e escritas pelo próprio respondente” (Hill & Hill, 2008, citado por Santos & Henriques, 2021, p. 14). Além disso, o questionário aberto é considerado vantajoso quando procura recolher informação de natureza qualitativa, quando o investigador não possui disponibilidade para efetuar entrevistas ou quando não existe literatura em abundância ou a literatura que existe não proporciona indicações a respeito das diversas variáveis pertinentes (Hill & Hill, 2008, citado por Santos & Henriques, 2021).

No que toca ao resumo e à interpretação do questionário aberto, este é considerado o mais complexo, uma vez que pode adquirir diversos tipos de respostas, conforme do que cada indivíduo responde ao questionário (Bäckström, 2008).

Em relação ao questionário fechado, este consiste na criação de perguntas de resposta fechada, no qual permite adquirir respostas que facilitam a comparação com os instrumentos de recolha de dados (Bäckström, 2008). Neste seguimento, o questionário fechado é considerado útil quando o investigador tenciona adquirir informações de natureza quantitativa com cariz extensivo, ou quando aspira formar uma nova variável (Santos & Henriques, 2021).

Nesta continuidade, o questionário fechado, possui facilidade em tratar e em analisar os dados, contudo, a execução deste questionário pode não ser muito útil, uma vez que ajuda na atribuição da resposta a um indivíduo que não saiba o que responder ou a um indivíduo que tenha dificuldades a dar resposta a uma determinada pergunta. Por outro lado, os questionários fechados são muito diretos e implicam pouco empenho dos inquiridos (Bäckström, 2008).

No que diz respeito ao questionário misto, este abrange questões de resposta fechada e aberta, no qual o investigador pretende alcançar informação de carácter qualitativa para acrescentar e contextualizar a informação de cariz quantitativa (Santos & Henriques, 2021).

Quanto às vantagens do inquérito por questionário, existem algumas, sendo estas: (a) as questões são idênticas para todos os inquiridos, (b) os inquiridos têm tempo para refletir antes de responder às questões, (c) a análise e o tratamento dos dados podem ser mais fáceis quando as questões são de resposta curtas ou respostas fechadas, e (d) o

inquérito por questionário abrange diversas dimensões da avaliação num único instrumento. Contudo, existem também algumas desvantagens, sendo estas, (a) o inquérito por questionário tem menos flexibilidade do que a entrevista, (b) exige que os inquiridos saibam ler e/ou escrever, (c) os inquiridos poderão responder às questões de forma socialmente correta ao invés de exprimirem a sua opinião e (d) as respostas dadas pelos inquiridos podem não condizer com a verdade devido a má interpretação dos inquiridos, bem como, a falta de clareza da questão (Alves, 2012).

Neste sentido, um inquérito por questionário bem construído é considerado como um “suporte metodológico válido para a avaliação” (Alves, 2012, p. 51) de atividades e de organizações. Desta forma, todos os passos de execução do projeto devem ser bem elaborados e executados, a fim que o projeto seja bem-sucedido (Alves, 2012).

3.3.3. Análise documental

No que se refere a análise documental utilizarei para aprofundar o meu conhecimento sobre diversos aspetos do projeto. À vista disso, utilizarei diversos documentos, uma vez que irei recorrer ao Arquivo Regional da Madeira, a Biblioteca da IES e a documentos inseridos nos diversos Repositórios das Universidades.

A análise documental é considerada uma das técnicas essenciais na realização de uma investigação, uma vez que a mesma reúne todas as partes, ou seja, os elementos do quadro teórico ou da problemática, os interesses, os conceitos-chaves, os autores, a natureza do texto, a confiabilidade e o contexto (Cellard, 2008, citado por Junior et al, 2021). Além disso, a análise documental recorre a documentos o que é um trabalho complexo e difícil, do qual requer muita disciplina e paciência por parte do investigador (Pardal & Lopes, 2011).

Nesta linha de pensamento, o Cellard (2008) destaca duas fases para a execução da análise documental, sendo estas, a análise preliminar e a análise propriamente dita. A análise preliminar consiste no estudo do autor, do contexto, da confiabilidade e da autenticidade dos conceitos-chaves, do texto, da lógica interna do texto e da natureza do texto. Em relação à análise propriamente dita, esta tenta obter informações essenciais que possam possibilitar o esclarecimento do objeto de estudo, bem como, ajudar a resolver a problemática da investigação (Cellard, 2008, citado por Junior et al, 2021). Neste sentido, o investigador tem ao seu dispor variados tipos de documentos, tais

como, estudos, documentos pessoais, arquivos oficiais e privados e fontes históricas (Pardal & Lopes, 2011).

Ao utilizar a análise documental, o investigador deve ter em conta algumas regras de utilização desta técnica, tais como: (i) determinar de forma clara os objetos de estudo, de modo a facilitar a análise dos documentos, (ii) elaborar adequadamente a hipótese, sendo que uma hipótese bem elaborada promove a coordenação na análise dos documentos e conduz a escolha da informação neles contida, (iii) identificar o grau de imparcialidade das fontes, uma vez que a fonte dos documentos pode facultar dados que não são representativos e (iv) comparar somente o que pode ser comparado, tal supõe definições com o mesmo conteúdo e a utilização de uma metodologia semelhante (Pardal & Lopes, 2011).

Além disso, o investigador deve ter um cuidado especial na seleção, no acesso e na análise dos documentos. Neste sentido, ao selecionar os documentos, o investigador deve ter em conta a análise dos dados e os processos de codificação, sendo que para isso, o investigador deve manter o seu foco sobre um certo aspeto da investigação desenvolvida, bem como, tentar compreender em profundidade os dados que os documentos apresentam (Junior et al., 2021).

3.4. Técnicas de análise e interpretação de dados

No projeto de investigação irei utilizar entrevistas semiestruturadas, inquérito por questionário e análise documental, como técnicas de recolha de dados, sendo assim, irei recorrer a análise de conteúdo para analisar e interpretar as mesmas, bem como, irei recorrer à triangulação de dados para relacionar, analisar e interpretar os dados recolhidos através das técnicas anteriormente referidas.

A análise de conteúdo corresponde a “um conjunto de técnicas de análises das comunicações” (Bardin, 1997, p. 31). Neste sentido, a análise de conteúdo é um instrumento que possui uma enorme diversidade de formas e é ajustável a um campo de aplicação muito amplo, tal como, as comunicações. Além disso, a análise de conteúdo pode ser considerada como uma “análise dos significados” (Bardin, 1997, p. 34) como também pode ser considerada como “análise dos significantes” (Bardin, 1997, p. 34).

Por outro lado, a análise de conteúdo consiste numa “técnica de pesquisa documental que procura ‘arrumar’ num conjunto de categorias de significação o ‘conteúdo manifesto’ dos mais diversos tipos de comunicações” (Berelson, 1952, citado

por Amado et al, 2014, p. 302). Deste modo, a análise de conteúdo tem como intuito descrever de forma sistemática, quantitativa e objetiva os conteúdos, sendo que a mesma se reflete das denotações e não das conotações (Amado et al, 2014).

Segundo Amado et al (2014), o aspeto mais relevante acerca da análise de conteúdos é:

o facto de ela permitir, além de uma rigorosa e objetiva representação dos conteúdos ou elementos das mensagens (discurso, entrevista, texto, artigo, etc.) através da sua codificação e classificação por categorias e subcategorias, o avanço (fecundo, sistemático, verificável e até certo ponto replicável) no sentido da captação do seu sentido pleno (à custa de inferências interpretativas derivadas ou inspiradas nos quadros de referência teóricos do investigador), por zonas menos evidentes constituídas pelo referido ‘contexto’ ou ‘condições’ de produção (p. 304).

O aspeto anteriormente referido, possibilita a implementação de forma criativa da análise de conteúdo a um conjunto diversificado de documentos (comunicações), particularmente sobre aqueles que refletem perspetivas subjetivas do mundo, com o propósito que o investigador consiga observar o mundo da posição dele, bem como, apresentar o seu papel, como sugere a investigação fenomenológica e interacionista (Amado et al., 2014).

No que diz respeito às fases do processo da análise de conteúdo, esta possui seis, sendo estas: (i) a definição dos objetivos e dos problemas do trabalho, em que os mesmos influenciam todas as decisões realizadas pelo investigador relativamente aos aspetos mais importantes para o seu entendimento, bem como, os aspetos referentes ao conteúdo, (ii) a explicitação de um quadro de cariz teórico, sendo que este quadro possibilita a interpretação e a explicação dos dados, e não somente o questionamento dos mesmos, (iii) a criação de um corpus documental, em que a análise e a construção de um corpus de dados constituem algo dinâmico e complexo, sendo fundamental um instrumento que torne flexível este processo, (iv) a leitura ativa e atenta, sendo que estas leituras possibilitam o levantamento das temáticas relevantes do conjunto, dos conceitos mais utilizados e das ideologias dos autores, (v) a elaboração de hipóteses, sendo que as mesmas encontram-se na origem das decisões a ser desenvolvidas no decorrer do processo, bem como, na constituição e intencionalidade da amostra, no estabelecimento de variáveis a ter atenção e no desenho da investigação e, por fim, (vi) a categorização, que consiste na transformação e agregação dos dados brutos em unidades que

possibilitam uma caracterização precisa das características relevantes do conteúdo (Amado et al., 2014).

Em suma, a análise de conteúdo é um procedimento empírico que é usado no cotidiano por qualquer indivíduo, enquanto interpretação e leitura. Porém, a análise de conteúdo pode ser considerada como uma metodologia de investigação científica, sendo que a mesma deve seguir algumas etapas que lhe dará a validade e o rigor. Além do mais, a análise de conteúdo é uma técnica que depende da experiência, do treino e da persistência do investigador (Amado et al., 2014).

No que diz respeito à triangulação, a mesma é usada para indicar a ligação de diversos grupos de estudo, métodos, ambientes temporais e locais e perspectivas de cariz teórico distintos no tratamento dos acontecimentos (Flick, 2004). Além disso, a triangulação apoia o investigador no reconhecimento de que as coisas necessitam de um esclarecimento mais elaborado do que entendemos inicialmente (Stake, 2011).

A triangulação, no passado, era vista como forma de validação e confirmação, porém, quando iniciamos a considerar mais as diferentes perspectivas, entendemos que a triangulação pode ser vista como modo de diferenciação. Neste sentido, a triangulação pode dar mais confiança ao investigador, isto é, a triangulação faz com que o investigador constate que o mesmo estabeleceu de forma correta o significado ou a triangulação pode dar mais confiança ao investigador, de modo que o mesmo entenda que é necessário investigar as dissemelhanças para perceber os significados importantes e múltiplos (Stake, 2011).

A triangulação pode ser aplicada como uma abordagem para fundamentar ainda mais o entendimento obtido através da metodologia qualitativa. Neste contexto, a fundamentação não significa a avaliação dos resultados, mas sim o complemento e a ampliação, de forma sistemática, das probabilidades de produtividade do entendimento (Flick, 2004).

A triangulação de dados consiste na utilização de diversas fontes de dados, e não deve ser confundida com a utilização de metodologias distintas para a criação de dados (Denzin, 1989, citado por Flick, 2004). Como “subtipos da triangulação dos dados” (Flick, 2004, p. 237), Denzin faz a diferenciação entre pessoas, tempo e espaço, fazendo a sugestão que o acontecimento seja estudado em locais e datas diferentes com base em indivíduos distintos (Denzin, 1989, citado por Flick, 2004).

Neste sentido, precisamos de “triangular os dados” (Stake, 2011, p. 47), de modo ampliar a certeza de que compreendemos, de forma correta, como as coisas atuam.

Deste modo, ao ampliar o cuidado durante a recolha de dados e a análise desses dados, “aumentamos a certeza de que estamos no caminho certo e diminuimos a tolerância à negligência” (Stake, 2011, p. 64).

3.5. Categorização

A categorização é uma operação de classificação de componentes construtivos de um grupo, por distinção e, posteriormente, por reagrupamento conforme o género, com os critérios previamente estipulados (Bardin, 1997).

Além disso, a categorização é um método estruturalista que compreende em duas fases, sendo estas, a classificação que consiste em repartir os componentes, e, por conseguinte impor ou procurar uma determinada organização às mensagens, e o inventário que consiste em isolar os componentes. A categorização tem como principal objetivo, proporcionar, por condensação, uma representação de forma resumida dos dados brutos (Bardin, 1997).

3.5.1- Quadro 1- Categorização e Classificação - Análise de conteúdo das entrevistas

Bloco	Categorização e Classificação		Definição
A	Categoria	Caracterização do entrevistado	Caracteriza o entrevistado em diversos aspetos
	Subcategoria	Idade	Refere-se à idade do entrevistado.
		Estado Civil	Refere-se ao estado civil dos entrevistados
		Habilitações Académicas	Refere-se às áreas de especialização e grau académico dos entrevistados
B	Categoria	Caracterização da Instituição	Caracteriza a instituição em diversos aspectos
	Subcategoria	Funcionamento da Instituição	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca do funcionamento instituição

		Papel da Instituição na ajuda das vítimas de violência no namoro	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca do papel da instituição na ajuda das vítimas de violência no namoro
		Apoio às vítimas de violência no namoro	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca dos apoios que a instituição disponibiliza as vítimas de violência no namoro
		Sensibilização aos estudantes acerca da prevenção	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca de como é que a instituição sensibiliza os estudantes universitários na prevenção da violência no namoro
		Sensibilização aos estudantes acerca da denúncia	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca de como é que a instituição sensibiliza os estudantes universitários a realizar a denúncia
		Denúncias de violência no namoro e respostas a essa denúncia	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca de como é que a instituição recebe as denúncias de violência no namoro e como dá resposta a essas denúncias.
		Denúncias de estudantes universitários	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca da existência de casos de denúncias de estudantes universitários na universidade
		Ajuda nas denúncias	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca de como é que a instituição ajuda às vítimas a realizar a denúncia

		Pedidos de Ajuda	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca dos pedidos de ajuda dos estudantes universitários quando são vítimas de violência no namoro
		Casos de violência no namoro no IES	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca da existência de casos de violência no namoro nas universidades
		Eficácia da resposta do IES	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca da eficácia das respostas da instituição nos casos de violência namoro
		Campanhas/Programas para prevenir e combater a violência no namoro	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca das campanhas/programas que a instituição já desenvolveu para prevenir e combater a violência no namoro
		Ajuda a combater a violência no namoro	Refere-se ao que os entrevistados entendem acerca da ajuda da instituição no combate de violência no namoro
C	Categoria	Caracterizar a realidade da violência no namoro	Compreender o ponto de vista dos entrevistados acerca da violência no namoro
	Subcategorias	Violência no namoro	Refere-se ao que os entrevistados entendem sobre a violência no namoro e como a mesma é praticada
		A violência no namoro e violência doméstica	Refere-se ao que os entrevistados entendem sobre a relação entre a violência no namoro e a violência doméstica
		Violência praticada por jovens	Refere-se ao que os entrevistados entendem

			acerca da violência no namoro ser praticadas só por jovens
		Comportamentos/Atitudes	Refere-se ao que os entrevistados entendem sobre os comportamentos/attitudes que são considerados violência no namoro
		Combater a violência no namoro no IES	Refere-se ao ponto de vista dos entrevistados acerca do que poderia ser realizado na RAM para combater a violência no namoro
D	Categoria	Caracterizar a igualdade de género e a desigualdade de género	Compreender o ponto de vista dos entrevistados acerca da igualdade de género e da desigualdade de género
	Subcategoria	Conceitos	Refere-se ao que os entrevistados entendem sobre a igualdade e desigualdade de género
		Promoção da igualdade de género	Refere-se ao ponto de vista dos entrevistados acerca do que poderia ser realizado na RAM para promover a igualdade de género
		Desigualdade de género na sociedade	Refere-se ao que os entrevistados entendem sobre a existência de desigualdade de género na sociedade
		Violência de género	Refere-se ao que os entrevistados entendem sobre a violência de género e como a mesma é praticada
		Combater a desigualdade e a violência de género	Refere-se ao ponto de vista dos entrevistados acerca do que poderia ser realizado para combater a desigualdade e a violência de género

E	Categoria Subcategoria	Impacto da instituição	Compreender o ponto de vista dos entrevistados acerca do impacto da instituição
		Impacto	Refere-se ao ponto de vista dos entrevistados acerca qual o impacto que a instituição tem no combate a violência no namoro
		Quantificar	Refere-se ao ponto de vista dos entrevistados acerca de quantificar (0-20) o impacto anteriormente referido
		Consequências no desenvolvimento da comunidade	Refere-se ao ponto de vista dos entrevistados acerca de que modo o combate a violência no namoro tem consequências no desenvolvimento da comunidade

3.6. Questões éticas

Este projeto “A violência no namoro em contexto universitário”, procura seguir os requisitos existentes na Carta Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação, de modo a salvaguardar a confidencialidade e anonimato dos dados dos participantes.

Segundo Batista et al. (2021):

Os/As participantes da investigação têm direito à privacidade, à discrição e ao anonimato, cabendo aos/as investigadores/as assegurar que os dados fornecidos pelos participantes, ou pelos seus representantes legais, sejam totalmente anónimos e confidenciais. Para efeitos de armazenamento, transferência, conservação e tratamento de dados pessoais, os/as investigadores/as deverão proceder de acordo com os requisitos legais em vigor sobre Proteção de Dados Pessoais, de forma a garantir a sua segurança, integridade, licitude e transparência (Regulamento Europeu de Proteção de dados Pessoais, EU, nº 2016/678 de 27 abril 2016) (p. 12).

A ética no estudo científico é vista como uma bússola, que nos guia nos “limites da responsabilidade que temos pelos e com os outros” (Rodrigues, 2023, p. 127). Tem a ver com os princípios e valores não somente do sujeito, como investigador, mas com toda a forma de procedimento e progresso da Ciência. Esta visão consiste em atribuir a identidade e sentido à comunidade científica (Rodrigues, 2023). A preocupação com a proteção legal da instituição e do investigador e com o bem-estar dos informantes e dos participantes, bem como, a proteção de dados suscita frequentemente dúvidas acerca das orientações éticas, metodológicas e técnicas, especificamente no procedimento na recolha de dados (Rodrigues, 2023).

Para garantir que os dados recolhidos possam ser utilizados no estudo, é entregue no início da entrevista o consentimento, esclarecido e livre, que consiste num acordo entre o entrevistado, a sua instituição e o investigador. No consentimento informado deve apresentar o título do estudo, a identidade do investigador, os objetivos, o enquadramento do estudo, o método e as técnicas que são usadas na recolha de dados (Rodrigues, 2023). Depois de recolher os dados, o investigador, não deve solicitar aos entrevistados o contato da instituição, o profissional e o pessoal, no entanto, o investigador pode disponibilizar o seu contato com os entrevistados em caso de dúvida, sendo que os entrevistados podem contactar o investigador e ao contrário não (Rodrigues, 2023).

Em relação aos inquéritos por questionários online, estes devem incluir no início do inquérito o consentimento informado, esclarecido e livre, de modo que o inquirido consinta que tem mais de 18 anos de idade e que quer participar no estudo de livre e espontânea vontade. No inquérito por questionário online ou presencial, o participante tem o direito de desistir a qualquer momento do estudo sem ter que se justificar (Rodrigues, 2023).

Para este estudo ser aprovado, numa primeira fase, o estudo tem que passar pelo encarregado da proteção de dados e, posteriormente, pela comissão de ética. Para obter o parecer favorável do encarregado da proteção de dados tive que preencher um formulário acerca do meu estudo e anexar ao formulário os guiões das entrevistas e do inquérito por questionário, de modo a averiguar se o meu estudo garante o anonimato dos participantes e a confiabilidade dos dados. Em relação à comissão de ética, no início de abril enviei um email anexando diversos documentos, como por exemplo, o parecer favorável da proteção de dados, os guiões, o consentimento informado dos participantes

e declarações. Após o envio do email, é dado o número do processo, de modo a acompanhar o desenvolvimento do mesmo. A comissão de ética analisa os documentos em reunião, sendo que no fim, o processo pode ser aprovado sujeito a alterações, aprovado ou reprovado. No meu caso, duas semanas depois do envio do email, obtive o parecer favorável, sendo que o meu processo foi aprovado logo de primeira, o que é difícil de acontecer.

Neste sentido, este projeto obteve o parecer favorável do encarregado da proteção de dados, bem como, a aprovação por unanimidade pela comissão de ética. Os mesmos documentos estão anexados no apêndice.

4. Tratamento e análise dos dados

4.1- Análise de conteúdo a entidades internas à Universidade

Quadro 2- Análise de conteúdo a entidades internas à Universidade

Categorias	Sub-categorias	P1	RPIES	PE	Observações
Caracterização do entrevistado	Idade	“Tenho 50 anos (...)”	“Tenho 49 anos (...)”	“Tenho 70 anos (...)”	A média das idades é de 56 anos
	Estado civil	“(…) sou casada”	“(…) sou solteira”	“(…) sou casado”	Dois entrevistados estão numa relação conjugal, enquanto um entrevistado se encontra solteiro
	Habilitações literárias	“(…) tenho o doutoramento”	“(…) sou doutorada em psicologia”	“(…) tenho doutoramento”	Todos têm doutoramento
Caracterização da instituição	Funcionamento da instituição	“É assim pelo que eu sei, nós só podemos atuar havendo	“(…) tem que ser o estudante a solicitar apoio, intervenção por parte do	“Não chegou ao provedor ou à provedoria dos estudantes até hoje nenhum caso	

		<p>queixa oficial, se lhe quer que lhe diga a nossa comissão até ao momento não chegou, mas também somos uma comissão recente.”</p>	<p>serviço de psicologia através de um formulário de marcação de consulta através de contacto de telefone ou email, após esse contacto com o aluno agendamos uma primeira consulta em que designamos consulta de rastreio, quando se trata depois de um caso de violência no namoro, vamos depois então dar seguimento ao acompanhamento psicológico se também for da vontade do aluno.”</p>	<p>relacionado com a violência no namoro. “Penso que isso deve-se, do facto existir outras entidades que estão relacionadas (...) à questão da violência no namoro, penso que poderá haver encaminhamento direto para o site onde existem as denúncias anónimas(...).”</p>	
--	--	---	--	--	--

	Papel da instituição na ajuda das vítimas de violência no namoro	-----	“Nossa principal forma de atuação, no caso de tratar de uma situação, é ajudar nessa dimensão da responsabilização e depois no acompanhamento psicológico, é claro que ainda não aconteceu que nós saibamos (...).”	-----	
	Apoio às vítimas de violência no namoro	“Eu penso que faculto apoio psicológico como digo, no caso sejam identificadas como tal.”	“Nós disponibilizamos caso o aluno deseje e assim entende o acompanhamento psicológico, ou seja, e durante o acompanhamento psicológico nós vamos ajudar o estudante a	-----	

			lidar com a situação do qual é vítima, através do desenvolvimento de competências (...).”		
	Sensibilização aos estudantes acerca da prevenção	-----	-----	“(…) Pode ser feita através de colaboração de ações de prevenção, mas neste momento não compete ao provedor atuar nesse nível, pode e deve atuar ao nível de colaborar em ações de prevenção.”	
	Sensibilização aos estudantes acerca da denúncia	-----	“É fazer com que os alunos conheçam quais são os seus direitos e saber que a violência é um crime público em que eles	-----	

			<p>realmente podem fazer uma denúncia (...). Nós fazemos muito na base de sensibilizar, de informar e depois se o aluno tiver alguma dificuldade nós também podemos auxiliar nesse processo.”</p>		
	Ajuda nas Denúncias	<p>“Nós temos o canal de assédio na denúncia anónima, não sei se temos, mas penso que não temos um canal de denúncia de violência no namoro. Eu penso que a instituição se dedica</p>	<p>“É sempre salientado junto dos estudantes que é um direito seu fazer essa denúncia, e ajudamos sempre a procurar o serviço adequado para o fazer, dirigir a polícia e se for caso disso, até</p>	-----	

		<p>mais às questões relativamente e relacionadas com atividade universitária, muitas vezes a não ser que os atos de violência aconteçam num espaço da universidade ou as pessoas procurem ajuda, por exemplo, através do gabinete de consulta psicológica.</p> <p>”</p>	acompanhar o estudante.”		
	Pedidos de ajuda	-----	“A nível de pedidos de ajuda, nunca tivemos um pedido	-----	

			<p>específico relativamente a que são vítimas de violência no namoro, o que nós constatamos é que muitas vezes nos solicitam porque têm dificuldade no relacionamento interpessoal com companheiro/a numa relação amorosa.”</p>		
	<p>Casos de violência no namoro no IES</p>	<p>“É assim violência no namoro dentro da universidade não.”</p>	<p>“(…) violência no namoro é uma realidade no ensino superior, ocorre com alguma frequência, eu acredito que no nosso contexto não vai ser diferente dos outros contextos e os</p>	<p>“Eu penso que a universidade não é uma ilha isolada do resto da sociedade, se existe na sociedade é bem provável que haja na universidade entre os universitários.”</p>	

			estudos indicam que não é.”		
	Eficácia da Resposta do IES	“Eu penso que a universidade ainda não criou meios de respostas eficazes, porque ainda não houve a necessidade disso. Mas penso que em caso de necessidade a universidade age.”	“Nós fazemos aquilo que é importante no momento, ou seja, caso alguém nos solicite ajuda nós realmente fazemos o acolhimento, fazemos a avaliação, fazemos o acompanhamento se assim desejar e ajudamos também as pessoas a tomar as decisões em relação como gere aquela situação (...).”	-----	
	Campanhas/ Programas para prevenir e combater a violência no namoro	“Já tivemos sessões de informação e sei que temos colegas na	“Nós nunca fizemos uma campanha específica acerca da violência no	-----	

		<p>casa a desenvolver investigação nesta área, nomeadamente, a professora Alda Portugal, de psicologia.”</p>	<p>namoro, nós trabalhamos algumas competências que ajudam também na prevenção da violência no namoro (...).”</p>		
	<p>Ajuda a combater a violência no namoro</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>	<p>“(...) eu penso que pode participar colaborando nas ações de prevenção e apenas isso (...)o provedor não tem sido hábito aqui na universidade participar nessas ações, pode e até penso que deve (...)”</p>	
<p>Caracterizar a realidade da violência no namoro</p>	<p>Violência no namoro</p>	<p>-----</p>	<p>“(...) quando estamos a falar de violência no namoro estamos a falar no contexto de</p>	<p>“(...) passa por uma relação que não é saudável, ou seja, há alguém que quer impor</p>	

			<p>violência que ocorre num contexto de relacionamento s afetivos, (...) Nós podemos identificar vários tipos de violência atualmente, a física, a emocional, física com/sem a componente sexual, financeira e a psicológica (...).”</p>	<p>ao outro normas de conduta, formas de comportament o, um poder seja material seja físico sobre o outro, e não aceitação das diferenças e da autonomia de cada um dentro do processo de namoro.”</p>	
	<p>A violência no namoro e violência doméstica</p>	<p>-----</p>	<p>“Muitas vezes está ligado, (...) não é raro ouvir um bocadinho ao contrário quando encontramos casos de violência doméstica que já tinha começado no namoro. E, portanto,</p>	<p>-----</p>	

			<p>percebemos que isso é verdadeiro que muitas das relações começam com uma tônica violenta muito antes as pessoas assumirem e terem um projeto de vida em comum (...)"</p>		
	<p>Violência praticada por jovens</p>	<p>-----</p>	<p>"Não de tudo, acho que existe é transversal, até mesmo muito antes de entrar na universidade (...)."</p>	<p>"Violência no namoro, penso que não, a violência no namoro, a partir do momento, que haja uma relação entre duas pessoas a possibilidade de haver violência nessa relação intrapessoal é independente</p>	

				mente da idade” (...).	
	Comportamento s/Atitudes	-----	“é a violência psicológica, física, financeira, social, ou seja, impedir as pessoas de conviver com outras pessoas, impedir de ser amigas de outras pessoas, controlar, isolar tanto presencialment e como nas redes sociais.”	“(…) tem haver com a imposição das relações sexuais não desejadas, tem haver com limitações de contactos com amigos anteriores do outro de uma dessas pessoas que deixam puder de contactar amigos/amigas por imposição do parceiro/a, tem muita haver com desconfiança, tem haver no fundo com a insegurança e tem haver com o pensar que a relação entre os dois é uma	

				relação de posse.”	
	Combater a violência no namoro no IES	-----	“Penso que é continuar a apostar também mais em projetos, workshops, intervenção em grupo em que se foca muito no desenvolvimen to de competências (...).”	“Ações de prevenção, explicação da importância do respeito mútuo que deve haver uma relação para que ela seja correta (...) Portanto, ações de prevenção e de explicar a importância desse respeito.”	
Caracterizar a igualdade de género e a desigualdade de género	Conceitos	“Acho que a igualdade de género é a possibilidade e que nós temos enquanto homens ou mulheres, (...) termos as mesmas oportunidade	“(…) é a igualdade de género é nós termos igualdade de direitos e na forma como somos vistos, não é sermos todos iguais uns aos outros, nem anular as	“Igualdade de género que todos independente mente do género a questão associados ou que associam tenham os mesmos direitos e as	

		<p>es e termos os nossos direitos garantidos independent emente das nossas diferenças.” “A desigualdad e eu acho que é o oposto que é quando por algum factor que tem haver com minha identidade ou com a minha personalidad e eu sou discriminad a no acesso ao conheciment o e a determinado s recursos sejam económicos ou não (...)”</p>	<p>diferenças (...)” “(...)” desigualdade nos falamos em discriminar as pessoas com base no género, porque que o homem pode fazer uma coisa e a mulher não pode e vice versa (...)”</p>	<p>mesmas oportunidades e a desigualdade é o contrário.”</p>	
--	--	--	---	--	--

	<p>Promoção da igualdade de género</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>	<p>“Ações de prevenção relacionados com uma explicação clara do que é a igualdade de género e o que é que isso corresponde em termos civilizacionais (...).”</p>	
	<p>Desigualdade de género na sociedade</p>	<p>“Acho que existe muita desigualdad e de género na nossa sociedade praticada de formas diversas, umas mais abertas outras mais fechadas. Mas penso que são mais preocupante s aquelas que são mais fechadas que</p>	<p>“Ainda existe, claramente, (...) nas mais variadas situações, acho que aprendemos muito nestes últimos anos, enfim, a respeitar mais essas diferenças, acho que existe tanto relativamente às mulheres como relativamente</p>	<p>“Penso que sim, deve haver. Pela mesma razão não sendo a universidade uma ilha apesar do grau mais elevado em termos de alfabetização e em termos de conhecimento que as pessoas têm, não bem é a mesma coisa os comportament os (...).”</p>	

		acontece muitas vezes de forma automática (...).”	aos homens (...).”		
	Violência de gênero	“A violência de gênero (...) tem haver com atos negativos que têm efeitos negativos nas pessoas com base no gênero que as pessoas se identificam. ” “Portanto, eu não entendo a desigualdad e de gênero ou a violência de gênero apenas como uma questão de homens sobre mulheres,	-----	“Tem várias, passa pela linguagem, passa pelas ideias, passa pelos comportament os que se associam em que um tem que ser mais forte, deve esconder as emoções, deve ser respeitado pelo outro porque tem mais poder, isso leva a uma conceção da sociedade de desigualdade (...).”	

		<p>muitas vezes as próprias mulheres são atuantes, são atores dentro da questão da violência de gênero.”</p>			
<p>Impacto da instituição</p>	<p>Impacto</p>	<p>“Eu penso que um impacto deve ser residual, pontual eventualmente penso que a universidade prestará ajuda, no caso de alguém pedir, aí tenho a certeza que a universidade tem mecanismo para dar apoio psicológico</p>	<p>“Em termos de combate direto da violência no namoro, acho que é difícil quantificar, porque penso que essa influência pode ser expressa em muitas destas coisas, se estamos numa inseridos numa instituição que respeitar de igual forma homens e mulheres, se apelam uma cultura de não violenta, se não permite que</p>	<p>“Não sei se tem, pode ter, na minha opinião tem algum de certeza, mais uma vez, a formação universitária não se deve prender, na minha visão, não se aprende apenas com aprendizagem técnicas ou de conhecimentos teóricos, deve ser mais global (...).”</p>	

		às pessoas, mas resta as pessoas muitas vezes também querem ajuda.”	não existam atitudes de violência no contexto neste caso da universidade, acho que esse impacto é muito grande.”		
	Quantificar	-----	“Não temos dados suficientes para quantificar”	“Não, o que eu gostaria é que fosse um impacto decisivo, portanto, superior a 50% se isso correspondesse e à realidade não sei, não tenho dados para permitir dizer-lhe isso, gostaria que fosse significativo.”	
	Consequências no desenvolvimento da comunidade	“Tem muitas consequências, quando estamos a falar de violência	“(…) nós sabemos que para haver desenvolvimento comunitário não podemos	“O combate a violência no namoro como o combate a desigualdade de género se	

		<p>numa relação entre dois jovens, numa fase que é determinant e no crescimento das pessoas (...). “(...) Penso que a violência no namoro deve ser um problema que nós devemos cada vez mais tentar colmatar, por isso mesmo porque tem condicionantes muito graves.”</p>	<p>atuar só num nível, temos que atuar em vários níveis ecológicos, e, portanto, desenvolvimen to comunitário se ele não for reforçado ele vai sendo influenciado por uma dinâmica individual (...)”</p>	<p>bem-sucedida pode tornar a comunidade mais coesa.”</p>	
--	--	---	--	---	--

Conclusões das entrevistas às entidades internas à universidade

Caracterização dos Entrevistados

Em relação às idades, a idade média dos entrevistados é de 56 anos. Relativamente ao estado civil, dois entrevistados se encontram numa relação conjugal,

enquanto, um outro entrevistado se encontra solteiro. No que diz respeito, às habilitações literárias, todos os entrevistados possuem o doutoramento.

Caracterização da Instituição

No que se refere ao funcionamento, o P1 e o RPIES afirmam que só podem atuar se houver uma queixa realizada pelo estudante, enquanto o PE afirma que existe o encaminhamento direto para o site das denúncias anônimas. Além disso, o P1 e PE alegam que não houve até ao momento casos de violência no namoro.

Relativamente ao papel da instituição na ajuda das vítimas de violência no namoro, o RPIES ajuda os alunos na responsabilização e no acompanhamento psicológico. Esta pergunta não foi realizada ao P1 e ao PE.

No que diz respeito ao apoio às vítimas de violência no namoro, o P1 e RPIES alegam que a instituição faculta apoio psicológico às vítimas. Em relação ao PE, esta pergunta não foi realizada.

No que concerne a sensibilização aos estudantes acerca da prevenção, o PE diz que a sensibilização pode ser feita através das ações de prevenção. Esta pergunta não foi realizada ao P1 e ao RPIES.

Em relação a sensibilização aos estudantes acerca da denúncia, o RPIES sensibiliza e informa os estudantes relativamente às denúncias e auxilia o estudante na realização da denúncia, em caso de dificuldade em realizar. Esta pergunta não foi realizada ao P1 e ao PE. Relativamente a ajuda nas denúncias, o P1 afirma que a universidade ajuda às vítimas de violência, se ocorrer no espaço universitário ou se os estudantes recorrerem ao gabinete de psicologia. Por outro lado, o RPIES ajuda os estudantes a procurar o serviço adequado para realizar a denúncia. Esta pergunta não foi realizada ao PE.

Em relação aos pedidos de ajuda, o RPIES afirma que até ao momento não tiveram pedidos específicos relativamente à violência no namoro. Esta pergunta não foi realizada ao P1 e ao PE.

No que diz respeito, aos casos de violência no namoro em IES, o RPIES e PE afirmam que a violência no namoro é uma realidade presente no contexto universitário, e acreditam que a violência na universidade é um reflexo da violência na sociedade. Porém P1, afirma que não existem casos de violência no namoro na universidade.

Relativamente à eficácia da resposta do IES, P1 alega que a universidade não desenvolveu meios, porque ainda não houve a necessidade disso. No entanto, RPIES,

afirma que existe por parte da universidade uma vontade de agir e fornecer suporte quando solicitado. Esta pergunta não foi realizada ao PE.

No que toca às Campanhas/Programas para prevenir e combater a violência no namoro, os entrevistados reforçam a importância de abordar a violência no namoro, sendo que os mesmos abordam de formas diferentes, por exemplo, P1 aborda o tema de violência no namoro em ações de informação e o RPIES aborda o tema de violência no namoro em campanhas, no entanto, RPIES não desenvolveu campanhas específicas sobre a violência no namoro. Esta pergunta não foi realizada ao PE.

No que se refere a ajuda a combater a violência, o PE alega que para ajudar a combater a violência no namoro é necessária a realização de ações de prevenção. Esta pergunta não foi realizada ao P1 e ao RPIES.

Caracterizar a realidade da violência no namoro

Os entrevistados definem o conceito de violência no namoro, de um modo semelhante. Assim sendo, RPIES afirma que a violência no namoro é violência num relacionamento afetivo/intimidade, enquanto, PE alega que a violência no namoro consiste numa relação não saudável. Esta pergunta não foi realizada ao P1.

Em relação a violência no namoro e a violência doméstica, RPIES afirma que muitas das relações de violência doméstica já começaram com situações de violência no namoro, antes de assumirem/terem um projeto de vida em comum. Esta pergunta não foi realizada ao P1 e PE.

No que diz respeito, a violência praticada por jovens, RPIES e PE afirmam que a violência no namoro não é só praticada pelos jovens, mas sim, em todas as idades. Esta pergunta não foi realizada ao P1.

No que se refere aos comportamentos/attitudes, RPIES afirma como comportamentos a violência psicológica, a violência física, a violência financeira, social, controlar e isolar, enquanto, o PE afirma como comportamentos as relações sexuais não desejadas, as limitações de contacto, desconfiança, insegurança e pensar que a relação entre dois é uma relação de posse. Esta pergunta não foi realizada ao P1.

Relativamente ao combate da violência no namoro nos IES, RPIES propõe que deveria ser realizado mais projetos, workshops e intervenções em grupo, enquanto, PE propõe que deveria ser realizado ações de prevenção e de explicar a importância do respeito mútuo numa relação. Esta pergunta não foi realizada ao P1.

Caracterizar a igualdade de género e a desigualdade de género

Os entrevistados, de uma forma em geral, afirmam que a igualdade de género é ter as mesmas oportunidades e direitos independentemente do género. Em relação à desigualdade de género, P1 alega que é quando um indivíduo é discriminado no acesso ao conhecimento e a determinados recursos devido à sua personalidade ou identidade, enquanto RPIES, afirma que a desigualdade é discriminar as pessoas com base no género. Por outro lado, PE afirma que a desigualdade de género é quando não temos as mesmas oportunidades e direitos.

Em relação à promoção da igualdade de género, PE afirma que deveriam ser realizadas ações de prevenção relacionadas com a igualdade de género. Esta pergunta não foi realizada ao P1 e RPIES.

No que diz respeito a desigualdade de género na sociedade, os entrevistados, alegam que existe desigualdade de género na sociedade e que a mesma é praticada de diversas formas, nas mais variadas situações

Relativamente a violência de género, P1 afirma que a violência de género tem haver com atos negativos que têm efeitos negativos nas pessoas com base no género que as pessoas se identificam. Por outro lado, PE alega que existem diversas atitudes, como por exemplo, na linguagem, nas ideias e nos comportamentos que levam à concepção da sociedade de desigualdade. Esta pergunta não foi realizada ao RPIES.

No que diz respeito ao impacto, P1 afirma que o impacto deve ser pontual e residual, enquanto o RPIES afirma que o impacto é muito grande. Por outro lado, o PE apresenta algumas dúvidas em relação ao impacto, mas afirma que deve ter algum.

No que concerne em quantificar esse impacto, PE e RPIES alegam que não têm dados suficientes para quantificar. Por outro lado, o P1 preferiu não responder a esta pergunta.

Em relação às consequências no desenvolvimento da comunidade, os entrevistados, de um modo geral, alegam que devemos combater a violência no namoro e a desigualdade de género, bem como, abordar a temática da violência no namoro nas diversas esferas da sociedade.

4.2- Análise de conteúdo às entidades externas à Universidade

Quadro 3- Análise de conteúdo às entidades externas à Universidade

Categorias	Subcategorias	In2	In1	PDSIC	Observações
Caracterização do entrevistado	Idade	“Tenho 37 anos (...)”	“Tenho 44 anos (...)”	“Tenho 55 anos(...)”	A média das idades é de 45 anos
	Estado civil	“(...) sou casada”	“(...) sou casada”	“(...) sou casada”	Todos estão casados
	Habilitações literárias	“(...) tenho mestrado em Psicologia Clínica e Saúde.”	“(...) sou licenciada em biologia Pré-Bolonha (...)”	“(...) sou licenciada em sociologia do trabalho e tenho duas pós-graduações.”	
Caracterização da instituição	Funcionamento da instituição	“é uma estrutura de atendimento às vítimas de violência doméstica, não só de violência de namoro (...)” “As vítimas são atendidas na associação, (...) à procura de uma orientação para a situação que estão a passar.”	“Em relação a violência no namoro, especificamente, quando nós temos conhecimento de algum caso, nós encaminhamos para as entidades porque aqui na Madeira, nós não fazemos atendimento direto a situações de violência doméstica ou violência de namoro, enquanto a nível nacional fazemos.”	“Nós trabalhamos mais com a violência de género, mas a violência de género é o guarda-chuva destes tipos diferentes de violência entre os quais a violência no namoro.” “Quando nós abordamos a violência no namoro, geralmente, é em escolas também já	

				abordamos em centro de acolhimento de jovens (...) quando sentimos que há algum caso (...) nós encaminhamos para uma das entidades que trabalha diretamente com isso (...).”	
	Papel da instituição na ajuda das vítimas de violência no namoro	“A Associação apoia às vítimas de violência doméstica seja namoro, conjugal, ou filio parental prestando apoio jurídico, social, psicológico (apoios gratuitos e confidenciais) (...).”	“Nós trabalhamos muito na prevenção primária, através da desconstrução do que é efetivamente a violência, do que não é violência, a conscientização para o que deve ser uma relação saudável, mesmo a questão emocional também, a autoestima, ou seja, trabalhamos tudo que está relacionado com base da violência e começamos sempre pelos direitos humanos.”	-----	
	Apoio às vítimas de violência no namoro	“Quando chega até nós, no primeiro	“Nós fazemos o encaminhamento, fazemos o	-----	

		<p>momento é o apoio emocional, tentar perceber através da avaliação das necessidades e análise da situação, o que esta pessoa precisa de nós, posteriormente, fazemos sempre em todas as situações uma avaliação de risco e um plano de segurança (...).”</p>	<p>aconselhamento, se for necessário acompanhar alguma jovem ou algum jovem a uma psicóloga ou a CPCJ nós também fazemos voluntariamente (...) é sempre na questão da prevenção da informação e do encaminhamento.”</p>		
	<p>Sensibilização aos estudantes acerca da prevenção</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>	<p>“Através da igualdade(...) de género, nós aqui defendemos muito a igualdade de género, porque se houver igualdade de género, se as mulheres forem empoderadas e os homens também vai haver muito</p>	

				menos violência doméstica, violência de gênero, violência no namoro, porque o problema da violência é deixar avançar temos que saber dizer que não na altura certa (...).”	
	Sensibilização aos estudantes acerca da denúncia	-----	“Através de ações de sensibilização e através de intervenção junto com turmas (...).”	-----	
	Denúncias de violência no namoro e respostas a essas denúncias	“(…) a percentagem de vítimas de violência no namoro que não são assim tantas aquelas que nos chegam cá, a violência conjugal acaba por ter início em uma grande maioria das vezes na violência no namoro, só que quando as	“Denúncias propriamente ditas, é assim, vem ao nosso encontro a pedir ajuda, denúncias formais tem que ser feitas junto das entidades competentes como a PSP e a Segurança Social. (...)” “(...)nos casos de violência no namoro ainda não há muitas denúncias.”	-----	

		<p> pessoas chegam nos cá muitas vezes verbalizam que sim a violência já começou a ser perpetuada desde o namoro mas quando chegam já estão numa relação conjugal(...).” </p>			
	<p> Denúncias de estudantes universitários </p>	<p> “Não, neste momento, não temos nenhum estudante universitário vítima de violência no namoro, mas já tivemos, mas são poucos.” </p>	<p> “Que tivesse chegado até nós não, como nós também trabalhamos mais com as crianças desde o jardim de infância até ao ensino secundário e o ensino profissional, talvez seja por isso não tenhamos tanto conhecimento.” </p>	<p> ----- </p>	
	<p> Casos de violência no namoro no IES </p>	<p> ----- </p>	<p> ----- </p>	<p> “Existe de namoro, existe com certeza que existe, porque é assim nós temos que pensar que a universidade é um reflexo da sociedade, </p>	

				se na sociedade existe violência no namoro na universidade de certeza que existe, infelizmente existe, e mais do que gostaríamos (...).”	
	Campanhas/ Programas para prevenir e combater a violência no namoro	“Nós na Madeira neste momento, estamos a desenvolver o III Plano Regional Contra a Violência Doméstica, onde abordamos a violência no namoro (...).”	“Na altura da pandemia, nós fizemos um vídeo em que uma turma nossa é que deu voz ao vídeo sobre os resultados do estudo sobre a violência no namoro e também fizemos campanhas online através de cartazes.” “O que fazemos muitas vezes é exposições nas escolas, por exemplo, trabalhos temáticos sobre a violência no namoro, especialmente na altura do Dia Dos Namorados.”	“Temos a campanha diga não a violência e temos uma que é vio+lência=0 (...), essas campanhas estão no instagram, estão nas redes sociais, para chegar aos jovens temos de chegar às redes sociais, não é só ir às escolas.”	
	Ajuda a combater a violência no namoro	-----	-----	“(...) temos feito campanhas, temos falado	

				sobre isto nas escolas até quando falamos na área da igualdade de género junto dos jovens nós focamos estas temática da violência no namoro (...).”	
Caracterizar a realidade da violência no namoro	Violência no namoro	“A violência no namoro não difere muito da violência conjugal, porque no fundo acaba por ser sempre a intenção de causar mau-trato ao nosso/a parceiro/a, uma das partes da relação.”	“A violência no namoro é violência nas relações de intimidade, (...) que pode ser psicológica, física, sexual, económica em alguns casos.” “Ou seja, pode ter muitas formas diferentes, mas a base está sempre num desequilíbrio de poder que existe entre duas pessoas que partilham uma relação de intimidade e alguém quer exercer o poder sobre a outra utilizando a violência.”	“É toda a violência contra a integridade física, psicológica, intelectual e económica de alguém.”	
	Violência praticada por jovens	“Não, (...) infelizmente qualquer um pode ser vítima desde	“Não, infelizmente tenho conhecimento de pessoas que estavam casadas,	“Não, porque namora-se toda a vida, nós temos a ideia que	”

		as camadas mais jovens aos mais velhos.”	divorciaram-se e depois voltam a namorar e acabam por haver situações de violência no namoro. Ou seja, não é exclusivo aos jovens, embora seja mais frequente, mais falada nos jovens, mas pode existir em qualquer idade.”	namoro é coisa de jovem, mas não, basta ter uma relação que é um namoro (...).”	
	Comportamentos/ Atitudes	“Todo aquele comportamento que provoque mal-estar ao outro, seja violência física, seja violência psicológica, seja violência sexual, a violência social e ate agora também a questão da violência digital (...).”	“Imensos, por exemplo, (...) O controlo acho que se evidencia mais e que muitas vezes é considerado pelos jovens como prova de amor.” “(...) Depois temos a violência psicológica, (...) violência física “(...) Também temos violência sexual, esta é muitas vezes associada a forçar relações sexuais, mas não é só, é tudo o que diz respeito ao toque de cariz sexual, que não seja consentido.”	“(…) Há a violência física, a violência psicológica, a violência económica, a violência que atenta a integridade moral, portanto, há vários tipos de violência e o controlo financeiro, o controlo da maneira como as pessoas andam vestida, o controlo das redes sociais, o controlo das atitudes (...).”	

	Combater a violência no namoro no IES	“(...) trabalhar as crenças, trabalhar para erradicar a violência nos estabelecimentos de ensino superior, transmitir aos jovens o quanto é importante ser de tolerância zero (...)” “(...) integrar mais palestras sobre este assunto (...)”	“Eu acho que deveria ser realizado ações de sensibilização para alertar os estudantes sobre a violência nas relações de intimidade. Infelizmente, como já referi, não temos tido essa oportunidade de ir às universidades fazer ações de sensibilização, mas gostaríamos e estamos à espera que seja pedido.”	“Cada vez mais ações sobre igualdade de género, cada vez mais ações sobre cidadania (...)” “As ações se calhar mais práticas (...) trabalhar a autoestima é fundamental nos rapazes e nas raparigas (...)”	
Caracterizar a igualdade de género e a desigualdade de género	Conceitos	“A igualdade de género, no fundo é nós podermos estar aqui dizer que homens e mulheres têm direitos e deveres iguais e era assim que deveria ter, mas acima de tudo deveria ter equidade que é perante as mesmas circunstâncias sermos tratados da	“(...) A igualdade de género é isso, é que todos os seres humanos deveriam ter os mesmos direitos, as mesmas oportunidades e claramente os mesmos deveres também e havendo respeito. A desigualdade de género é quando isso não é cumprido e infelizmente conseguimos ver muitos exemplos disso à nossa volta.”	“A igualdade de género, (...) é a igualdade de oportunidades para todas as pessoas. A desigualdade é aquilo que nós vemos é o gap salarial, é os dream gaps, é as violências mais acentuadas nas mulheres, as profissões mais feminizadas e mais masculinizad	

		mesma maneira (...).”		as e as desigualdades de oportunidades na política, isso são todas as desigualdades.”	
	Promoção da igualdade de género	-----	-----	“Promovemos a igualdade de género através de ações de informação, sensibilização em todas as escolas da região da Madeira e do porto santo desde o 1 ciclo até ao ensino universitário (...).”	
	Desigualdade de género na sociedade	“Existe desigualdade de género, se formos falar da violência doméstica em concreto, sendo que a maioria das vítimas são mulheres, sendo que ainda ouvimos mesmo nos	“Existe, aliás um reflexo de desigualdade de género é a violência, sempre que há uma mulher vítima de feminicídio há desigualdade de género, ou seja, uma verdadeira igualdade de género ninguém deveria morrer só por ser mulher ou	“Existe, (...) basta ver que há cursos de engenharias com muito mais homens que mulheres, basta ver que há cursos na área da educação que há mais mulheres do que homens, basta ver os	

		<p>mais jovens que os homens são mais fortes, que os homens não choram, que as mulheres é que tem de ficar em casa a cuidar dos filhos, já vai havendo uma mudança de mentalidade e de crenças, mas efetivamente isto ainda existe.”</p>	<p>mesmo por ser homem que também pode acontecer (...).”</p>	<p> cursos de desporto as desigualdades que existem, portanto, existe sim desigualdade de género.”</p>	
	<p>Violência de género</p>	<p>“A violência de género é qualquer comportamento violento e/ou discriminação praticado contra alguém em situação de vulnerabilidade de de vido à sua identidade de género ou orientação sexual (...).” “A violência de género está presente na violência nas</p>	<p>“A violência de género é violência que é exercida de um género em relação ao outro (...)” “A maior parte da violência de género é exercido contra mulheres, raparigas e meninas, no mundo vamos ver a maior parte das vítimas são do sexo feminino, e no entanto existe ao contrário, também pode existir e existe cada vez mais homens a</p>	<p>“A violência de género (...) é uma violência com base no género, e esta violência tem origem nos preconceitos e nos estereótipos de género.” “Ass tais toxicidades femininas e masculinas que vão fazer com que haja o tal diferencial entre homens</p>	

		relações de intimidade; violência psicológica; física e mutilação genital feminina.”	denunciar que sofrem de violência, é um sinal que também estão um bocadinho mais conscientes sobre o que é a violência.”	e mulheres (...).”	
	Combater a desigualdade e a violência de género	“(…) é necessário trabalhar crenças com os nossos jovens e trabalhar a tolerância zero a violência.”	“É trabalhar a questão da igualdade de género, ou seja, é conseguir que ninguém seja discriminado por ser de um determinado género, discriminado em todos os sectores da sociedade.	“(…) o que nós temos que fazer é combater esses estereótipos, a partir do momento que os estereótipos de género estejam dissolvidos, estejam combatidos, vai haver mais igualdade, mais igualdade de oportunidade para todas as pessoas e as ações que nós temos feito, nós temos feito um trabalho muito intensivo (...).”	

Impacto da instituição	Impacto	“Efetivamente a instituição tem um trabalho importante ao meu ver, não só por trabalhar cá, mas por ver o reconhecimento das pessoas e do facto de elas sentirem-se apoiadas (...).”	“(…) Achamos que o nosso principal impacto na questão da violência no namoro a par do atendimento que fazem a nível nacional é na prevenção primária e da violência sem dúvida.”	“Os impactos só estudamos daqui a uns anos, o impacto daquilo que nós fazemos só daqui a 10 anos.”	
	Quantificar	“Nunca tinha pensado assim nesta perspectiva, vou dizer um 18.”	“O impacto que nós achamos no Funchal e Câmara de Lobos diria 12/13, em relação a Santa Cruz, é menos, ou seja, precisamos de mais meios para fazer mais, mas onde nós intervimos nós achamos que temos um impacto muito grande.”	“Não podemos, o impacto que nós queremos é a redução da violência no namoro e da violência doméstica (...) há muito por fazer, mas estamos a fazer o caminho, o impacto daqui a 10/20 anos lhe consigo dizer, no mínimo.”	
	Consequências no desenvolvimento da comunidade	“Se nós conseguirmos mudar a mentalidade dos jovens, se conseguirmos passar a	“É combater todos os tipos de violência, se nós falarmos sobre as relações de intimidade, como dever ser uma	“Tem consequências positivas, porque quando não há violência, a pessoa tem	

		<p>mensagem aos nossos pais, tios, professores, entre outros que devemos ser tolerância zero a violência (...)” “Acho que isso pode ser um impacto, se todos nós fizermos o nosso papel ativo e constante podemos as tantas ter amanhã adultos com relações mais saudáveis.”</p>	<p>relação saudável, seja qual for a idade das pessoas abrangidas, nós estamos a prevenir a violência no namoro (...) eu acho que é por aí o caminho essencialmente.”</p>	<p>mais estabilidade emocional, podem ser melhores estudantes, podem ser melhores futuros profissionais, sentem-se melhor, a sua autoestima é maior, portanto é fundamental combater porque só traz coisas boas.”</p>	
--	--	--	---	---	--

Conclusões das entrevistas às entidades externas à universidade

Caracterização dos Entrevistados

Em relação às idades, a idade média dos entrevistados é de 45 anos. Relativamente ao estado civil, todos os entrevistados estão numa relação conjugal. No que diz respeito, às habilitações literárias, um entrevistado possui mestrado e os outros dois possuem a licenciatura, sendo que um desses contém duas pós-graduações.

Caracterização da Instituição

No que se refere ao funcionamento, In2 alega que orienta as vítimas, de acordo com a situação que está a passar, enquanto In1, encaminham as vítimas para as entidades especializadas. Por outro lado, PDSIC, afirma que aborda a violência no namoro nas escolas, centro de acolhimento e que encaminham as vítimas para entidades especializadas.

Em relação ao papel da instituição na ajuda das vítimas de violência no namoro, o In2 alega que a instituição apoia as vítimas de violência no namoro prestando apoio jurídico, social e psicológico, enquanto In1, afirma que trabalham na prevenção primária através da desconstrução do que é violência. Esta pergunta não foi realizada ao PDSIC.

No que diz respeito ao apoio às vítimas de violência no namoro, In2 afirma que numa primeira fase facultava apoio emocional e posteriormente realizam uma avaliação de risco e um plano de segurança. Por outro lado, o In1, realiza o encaminhamento das vítimas, bem como, o aconselhamento.

Relativamente a sensibilização aos estudantes acerca da prevenção, PDSIC afirma que é através da igualdade de género que se sensibiliza os estudantes para a prevenção da violência no namoro. Esta resposta não foi realizada ao In1 e In2.

No que concerne a sensibilização aos estudantes acerca da denúncia, In1 alega a importância da sensibilização da violência no namoro através das ações de sensibilização. Esta pergunta não foi realizada ao In1 e ao PDSIC. No que toca às denúncias de violência no namoro e respostas a essas denúncias, In1 e In2, afirmam que não recebem/tem muitas denúncias. Esta pergunta não foi realizada ao PDSIC

Em relação às denúncias de estudantes universitários, In2 e In1 afirmam que existem poucos casos de violência no namoro reportados, e que neste momento, não há casos conhecidos de estudantes universitários vítimas de violência no namoro.

Relativamente aos casos de violência no namoro no IES, PDSIC afirma que a violência no namoro é uma realidade presente no contexto universitário, e acredita que a violência na universidade é reflexo da violência na sociedade.

Quanto às campanhas/programas para prevenir e combater a violência no namoro, os entrevistados reforçam a importância de abordar a violência no namoro, sendo que os mesmos abordam de formas diferentes, por exemplo, o In1 e PDSIC desenvolveram as campanhas de violência no namoro e partilharam nas redes sociais, de modo a abranger um público-alvo mais jovem, enquanto, In2 aborda o tema de violência no namoro dentro do III Plano Regional Contra a Violência no namoro.

No que se refere na ajuda a combater a violência no namoro, PDSIC afirma que realizam campanhas sobre a violência no namoro e quando vão às escolas abordam essa temática. Esta pergunta não foi realizada ao In1 e In2.

Caracterizar a realidade da violência no namoro

No que diz respeito a violência no namoro, os entrevistados definem o conceito de violência no namoro, de um modo semelhante. O In1 afirma que a violência no namoro é violência num relacionamento afetivo/intimidade, enquanto, a In2 e o PDSIC afirmam que a violência no namoro consiste em maltratar o parceiro.

No que toca a violência praticada por jovens, os entrevistados, de um modo geral, afirmam que a violência no namoro não é só praticada pelos jovens, mas sim em todas as idades. Em relação aos comportamentos/attitudes, os entrevistados alegam os mesmos comportamentos/attitudes, como por exemplo, a violência física, psicológica, sexual, social e controlo.

Relativamente ao combate da violência no namoro no IES, o In2 afirma que deveríamos trabalhar as crenças e realizar palestras sobre a violência no namoro, enquanto In1 e PDSIC alegam que deveríamos realizar mais ações de sensibilização acerca da violência no namoro, igualdade de género e cidadania.

Caracterizar a igualdade de género e a desigualdade de género

Os entrevistados, de uma forma em geral, afirmam que a igualdade de género é ter as mesmas oportunidades e direitos independentemente do género. Em relação à desigualdade de género, In1 alega que é quando não é cumprido os mesmos direitos e deveres, enquanto, PDSIC afirma que a desigualdade de género é o gap salarial, dream gap, a violência mais acentuada nas mulheres, as profissões feminizadas e masculinizadas e a desigualdade de oportunidade na política.

No que concerne à promoção da igualdade de género, PDSIC afirma que promove a igualdade de género através de ações de informação. Esta pergunta não foi realizada ao In1 e In2. Em relação a desigualdade de género na sociedade, os entrevistados afirmam que existe desigualdade de género e um exemplo disso é a violência e a desigualdade nos cursos universitários.

No que diz respeito a violência de género, In1 afirma que é qualquer comportamento violento praticado contra alguém devido à sua identidade de género, enquanto In2, alega que a violência de género é exercida de um género para o outro. Por outro lado, PDSIC, alega que a violência de género tem por base os preconceitos e os estereótipos de género.

Relativamente ao combate às desigualdades e a violência de género, In2 afirma que é necessário trabalhar as crenças, bem como, a tolerância zero a violência, enquanto In1 alega que é necessário trabalhar as questões de igualdade de género. Por outro lado,

PDSIC alega que é necessário combater os estereótipos de género.

Impacto da instituição

No que toca ao impacto, In2 afirma que a instituição possui um trabalho importante, enquanto In1 alega que o principal impacto na violência no namoro é o atendimento. Por outro lado, PDSIC afirma que só conseguiremos ver o impacto daqui a 10 anos. No que diz respeito em quantificar esse impacto, In2 quantifica com 18 e o In1 quantifica com 12/13. Por outro lado, PDSIC alega que não pode quantificar esse impacto porque ainda há muito trabalho para realizar nessa área.

Relativamente às consequências no desenvolvimento da comunidade, In2 afirma que se conseguirmos mudar a mentalidade dos jovens podemos ter adultos com relações mais saudáveis, enquanto In1 alega que deveríamos combater todos os tipos de violência. Por outro lado, PDSIC, afirma que tem consequências positivas, porque quando não há violência as pessoas têm mais estabilidade emocional.

4.3- Cruzamento das entrevistas às entidades externas e internas

Caracterização dos Entrevistados

A idade média dos entrevistados varia entre os 45 e os 56 anos de idade. Em relação ao estado civil, a maioria dos entrevistados são casados, somente um entrevistado é solteiro. No que diz respeito, às habilitações literárias, dois entrevistados possuem licenciatura, um entrevistado possui mestrado e três entrevistados possuem doutoramento.

Caracterização da Instituição

No que se refere ao funcionamento, às entidades internas só atuam se houver denúncia ou encaminham para o site das denúncias anónimas. Por outro lado, as entidades externas orientam e encaminham as vítimas para entidades especializadas. Em relação ao papel da instituição na ajuda das vítimas de violência no namoro, as entidades internas afirmam que ajudam as vítimas no acompanhamento psicológico e na responsabilização, enquanto, as entidades externas alegam que ajudam as vítimas disponibilizando apoio jurídico, social e psicológico, bem como, na prevenção primária.

No que diz respeito ao apoio às vítimas de violência no namoro, as entidades internas afirmam que a instituição faculta apoio psicológico às vítimas, enquanto, as

entidades externas facultam apoio emocional, avaliação de risco, plano de segurança, o encaminhamento das vítimas, bem como, o aconselhamento das mesmas.

No que concerne a sensibilização aos estudantes acerca da prevenção, as entidades internas afirmam que a sensibilização poderá ser realizada através das ações de prevenção, enquanto, as entidades externas alegam que é através da igualdade de gênero que se sensibiliza os estudantes para a prevenção da violência no namoro.

Em relação a sensibilização aos estudantes acerca da denúncia, as entidades internas afirmam que sensibilizam, informam e auxiliam os estudantes na realização da denúncia, enquanto, as entidades externas alegam que a violência no namoro deve ser sensibilizada através de ações de sensibilização.

Relativamente a ajuda nas denúncias, as entidades internas, afirmam que ajudam a procurar o serviço adequado para realizar a denúncia, por outro lado, também afirmam que ajudam as vítimas de violência no namoro se ocorrer no espaço universitário. Em relação às entidades externas, esta pergunta não foi realizada.

No que toca às denúncias de violência no namoro e respostas a essa denúncia, as entidades internas afirmam que não recebem/tem muitas denúncias, enquanto, nas entidades externas esta pergunta não foi realizada.

Em relação aos pedidos de ajuda, às entidades internas afirmam que não tiveram pedidos específicos relativamente a violência no namoro, enquanto, nas entidades externas esta pergunta não foi realizada.

Em relação às denúncias de estudantes universitários, as entidades internas afirmam que neste momento não há casos de estudantes universitários vítimas de violência no namoro, enquanto, nas entidades externas esta pergunta não foi realizada.

No que diz respeito aos casos de violência no namoro em IES, duas entidades internas afirmam que existe violência no namoro em contexto universitário, porém, uma entidade interna alega não existir casos de violência no namoro. Relativamente, às entidades externas afirmam que existe violência no namoro em contexto universitário.

Em relação, a eficácia da resposta do IES, uma entidade interna alega que a universidade não desenvolveu meios, porque ainda não houve a necessidade disso, enquanto, uma outra entidade interna afirma que existe uma vontade da universidade de agir e disponibilizar suporte. No que diz respeito às entidades externas, esta pergunta não foi realizada.

No que toca às Campanhas/Programas para prevenir e combater a violência no namoro, as entidades internas e as entidades externas alegam que é importante abordar

a temática de violência no namoro, sendo que as mesmas sensibilizaram a violência no namoro através de campanhas, ações de formação, bem como, através do III Plano Regional Contra a Violência no Namoro.

No que se refere na ajuda a combater a violência no namoro, as entidades internas afirmam que é necessário realizar ações de prevenção, enquanto, as entidades externas alegam que realizam campanhas sobre a violência no namoro e quando se deslocam às escolas abordam essa temática.

Caracterizar a realidade da violência no namoro

Em relação ao conceito de violência no namoro, ambas as entidades de um modo geral, alegam que a violência no namoro é violência num relacionamento afetivo/intimidade.

No que diz respeito a violência no namoro e a violência doméstica, as entidades internas afirmam que muitas situações de violência doméstica começaram no namoro. Em relação às entidades externas esta pergunta não foi realizada.

No que toca a violência praticada por jovens, as entidades internas e externas afirmam que a violência no namoro não é somente praticada pelos jovens, mas sim em todas as idades.

No que diz respeito aos comportamentos e atitudes, ambas entidades afirmam como comportamentos violência física, psicológica, sexual, social e controlo. No entanto, as entidades internas ainda acrescentam aos comportamentos a limitação aos contactos, desconfiança, insegurança e pensar que a relação entre os dois é uma relação de posse.

Relativamente ao combate da violência no namoro nos IES, as entidades internas afirmam que deveria ser realizado mais projetos, workshops e intervenções em grupo, ações de sensibilização, enquanto, as entidades externas alegam que deveria ser realizado ações de sensibilização acerca da violência no namoro, igualdade de género e cidadania.

Caracterizar a igualdade de género e a desigualdade de género

Em relação ao conceito de igualdade de género, ambas as entidades afirmam que a igualdade de género é ter as mesmas oportunidades e direitos independentemente do género. Em relação a desigualdade de género, as entidades internas afirmam que a

desigualdade de gênero é discriminar um indivíduo por base do gênero recusando conhecimento e determinados recursos, enquanto, as entidades externas afirmam que a desigualdade de gênero é quando não é cumprido os mesmos direitos e deveres, como por exemplo, gap salarial, dream gap, a violência mais acentuada nas mulheres, as profissões feminizadas e masculinizadas e a desigualdade de oportunidade na política.

No que concerne à promoção da igualdade de gênero, as entidades internas afirmam que devem ser realizadas ações de prevenção, enquanto, as entidades externas alegam que devem ser realizadas ações de informação.

No que diz respeito à desigualdade de gênero na sociedade, ambas entidades alegam a existência de desigualdade de gênero na nossa sociedade e que a mesma é praticada de diversas formas.

No que se refere a violência de gênero, as entidades internas afirmam que tem haver com diversas atitudes negativas que têm efeitos negativos nas pessoas com base no gênero que as pessoas se identificam, enquanto, as entidades externas alegam que a violência de gênero é baseada por preconceitos e estereótipos, bem como, é qualquer comportamento violento praticado contra alguém devido à sua identidade de gênero.

Em relação ao combate às desigualdades de gênero e a violência de gênero, as entidades internas afirmam que é necessário trabalhar as crenças e a tolerância zero a violência e combater a igualdade de gênero e os estereótipos de gênero. No que diz respeito, às entidades externas esta pergunta não foi realizada.

Impacto da instituição

No que toca às respostas ao impacto, as entidades internas, bem como, as entidades externas possuem diferentes respostas entre elas. A entidade interna tem como resposta, que o impacto deveria ser residual e pontual; que tem um impacto muito grande e, por fim, que deve ter algum impacto. Em relação às entidades externas, tem como resposta, que a instituição possui um trabalho importante; que o principal impacto na violência no namoro é o atendimento e, por fim, o impacto só pode ser visto daqui a 10 anos. Nesta pergunta, os entrevistados apresentaram alguma dificuldade em responder.

No que concerne em quantificar esse impacto, duas entidades internas afirmam não ter dados suficientes e uma entidade interna preferiu não responder, enquanto, uma entidade externa afirma que não podem quantificar esse impacto porque existe muito trabalho para realizar nessa área, por outro lado, duas entidades externas quantificam

esse impacto uma com 18 e outra com 12/13. Nesta pergunta, os entrevistados apresentaram alguma dificuldade em responder.

No que diz respeito às consequências no desenvolvimento da comunidade, de um modo em geral, ambas as entidades afirmam que devemos combater todo o tipo de violência e a desigualdade de gênero, bem como, mudar as mentalidades dos jovens.

4.4- Análise do inquérito por questionário aos estudantes universitários

O Inquérito por Questionário “A violência no namoro em contexto universitário” teve a participação de 145 estudantes universitários, sendo que desses 145 estudantes cerca de 75 (65%) estudantes são do género feminino; 38 (33%) estudantes do género masculino; 1 (1%) estudante de outro género e 1 (1%) estudante preferiu não responder.

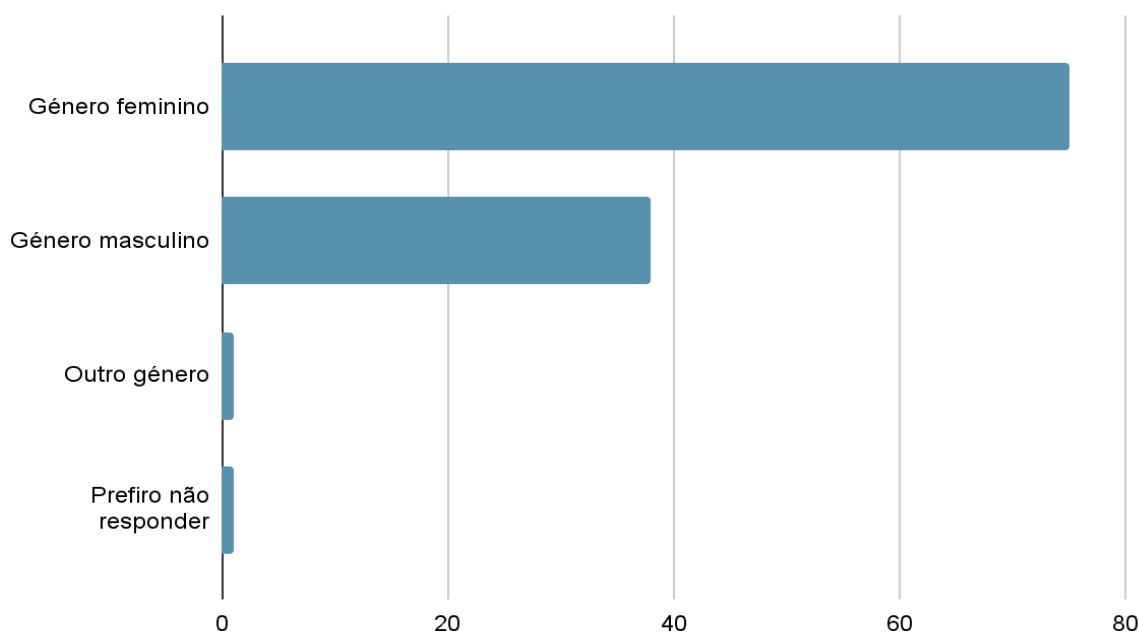


Figura 2-Género dos participantes

Relativamente às idades dos estudantes, 86 (74 %) estudantes possuem idades entre os 18-24 anos de idade; 18 (16%) estudantes possuem idades entre os 25-34 anos de idade; 6 (5%) estudantes possuem idades entre os 35-44 anos de idade; 4 (3%) estudantes possuem idades entre os 45-54 anos de idade e, por fim, 2 (2%) estudantes preferiram não responder.

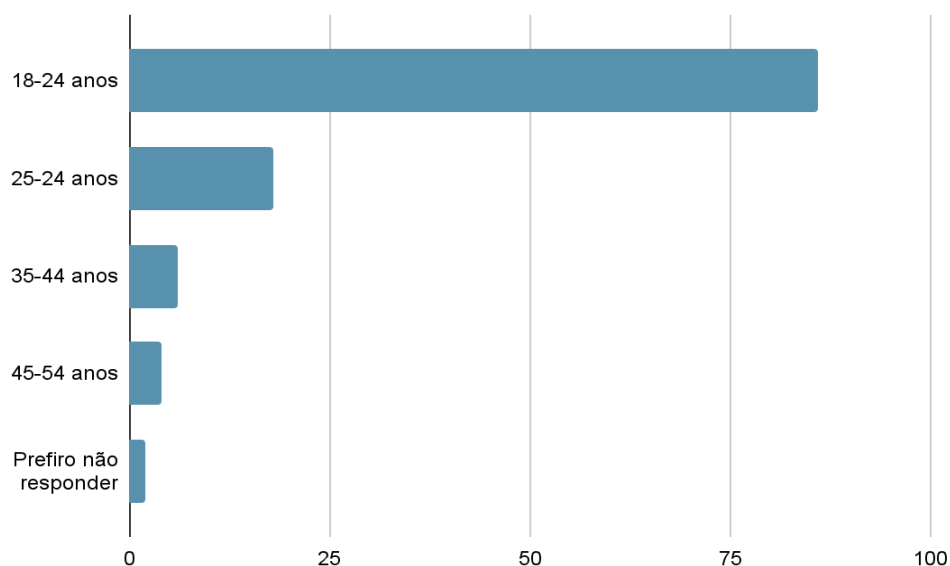


Figura 3-Idade dos participantes

Em relação aos cursos que os participantes frequentam, 113 estudantes dos 145 estudantes universitários responderam que frequentam os seguintes cursos: 2 (2%) estudantes da Licenciatura em Artes Visuais; 2 (2%) estudantes da Licenciatura em Comunicação, Cultura e Organizações; 1 (1%) estudantes da Licenciatura em Design; 2 (2%) estudantes da Licenciatura em Estudos de Cultura; 2 (2%) estudantes da Licenciatura em Psicologia; 5 (4%) estudantes da Licenciatura em Bioquímica; 1 (1%) estudante da Licenciatura em Engenharia Civil; 7 (6%) estudantes da Licenciatura em Engenharia Informática; 6 (5%) estudantes da Licenciatura em Ciências da Educação; 1 (1%) estudante da Licenciatura em Economia; 2 (2%) estudantes da Licenciatura em Educação Física e Desporto; 1 (1%) estudante da Licenciatura em Gestão; 15 (13%) estudantes da Licenciatura em Biologia; 13 (12%) estudantes da Licenciatura em Enfermagem; 1 (1%) estudante da Licenciatura em Direção e Gestão Hoteleira; 2 (2%) estudantes do Mestrado em Gestão Cultural; 1 (1%) estudante do Mestrado em Design; 2 (2%) estudantes do Mestrado em Engenharia Informática; 2 (2%) estudantes do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico; 9 (8%) estudantes do Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário; 3 (3%)

estudantes do Mestrado em Gestão; 6 (5%) estudantes do Mestrado em Gestão Hoteleira e, por fim, 1 (1%) estudante do CTESP em Serviço Familiar e Comunitário.

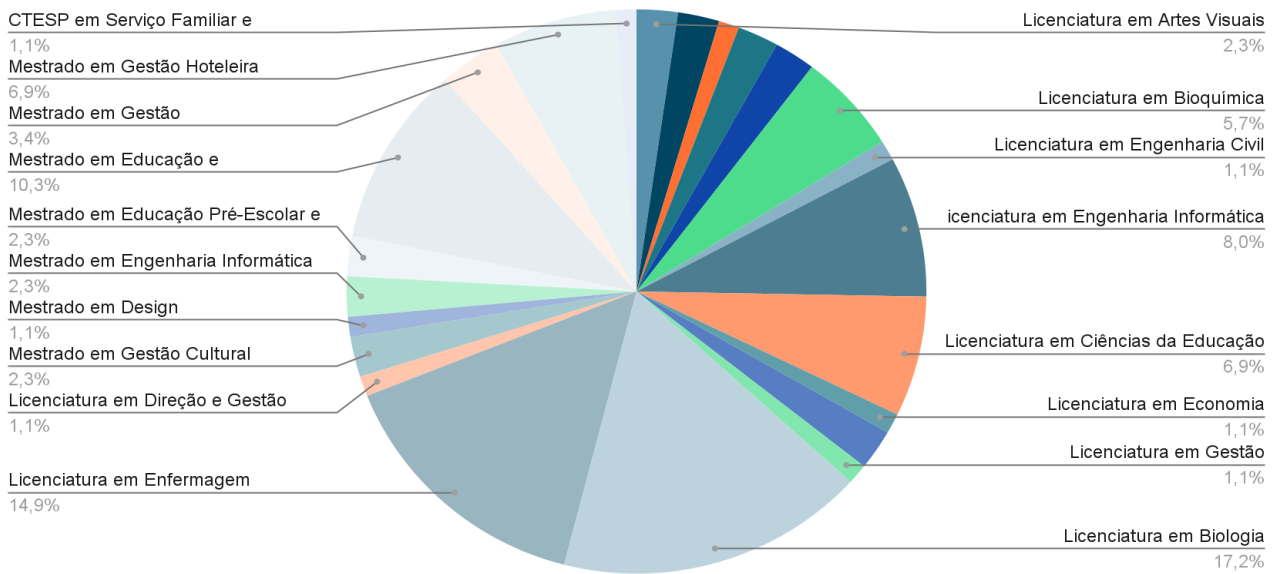


Figura 4-Cursos que os participantes frequentam

No que diz respeito à questão, “Sabe o que é a violência no namoro?” cerca de 90 estudantes universitários responderam, da seguinte forma: 87 (97%) estudantes responderam que sim; 2 (2%) estudantes responderam mais ou menos e 1 (1%) estudante preferiu não responder.

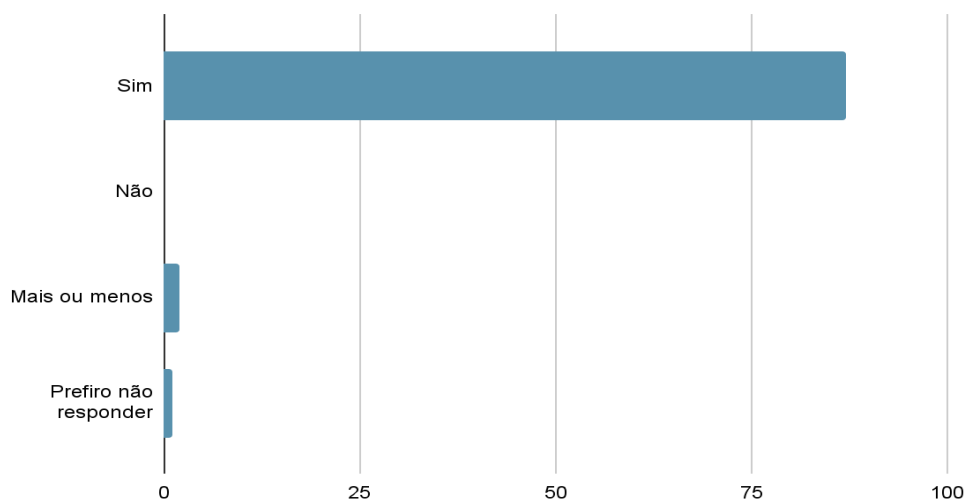


Figura 5- Resposta dos participantes à questão: “Sabe o que é a violência no namoro?”

No que se refere à questão “O que é a violência no namoro?” cerca de 64 estudantes responderam a esta questão, sendo que, de um modo em geral, os estudantes afirmam que a violência no namoro é comum, e que infelizmente, os jovens não têm a noção do mesmo. Ainda afirmam que a violência no namoro consiste na prática de violência física; psicológica; financeira; sexual, bem como, o controlo; os ciúmes; a perseguição ao parceiro/a; o desrespeito; o privar a liberdade do/a parceiro/a; ultrapassar os limites postos pelo/a parceiro/a; tentar mudar o/a parceiro/a e, por fim, a violência no namoro é uma relação de poder sobre o/ parceiro/a.

Em relação a questão “A violência no namoro”, responderam a esta questão 90 estudantes, sendo estas respostas: 17 (19%) estudantes já foram vítimas de violência no namoro; 2 (2%) estudantes são vítimas de violência no namoro; 15 (17%) estudantes foram testemunhas de violência no namoro; 54 (60%) estudantes nunca foram vítimas de violência no namoro e, por fim, 2 (2%) estudantes preferiram não responder a esta questão.

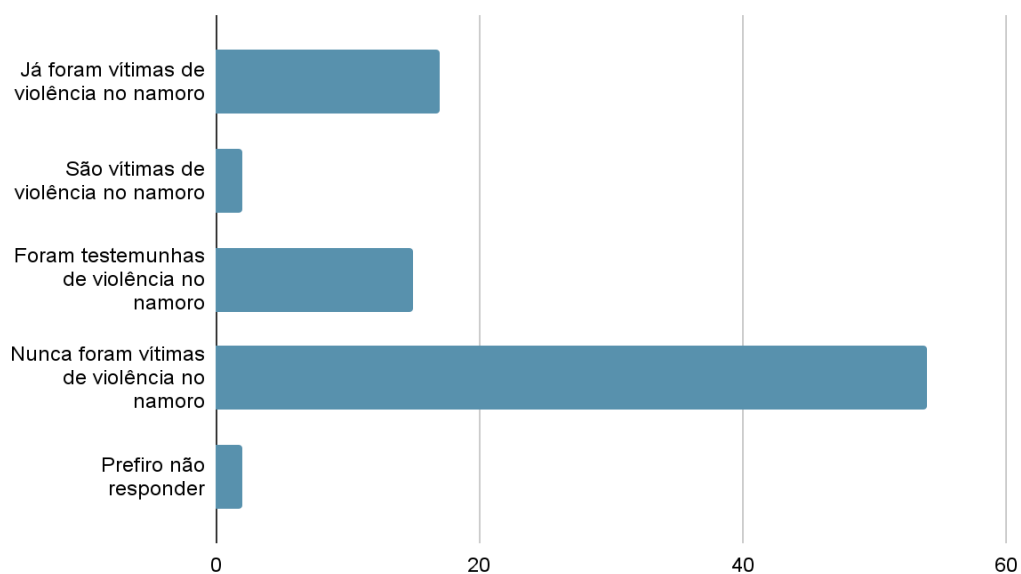


Figura 6- Resposta dos participantes à questão: “A violência no namoro”

No que toca à questão “Já exerceu violência sobre alguém no namoro?”, responderam a esta questão 90 estudantes, sendo estas as respostas: 5 (6%) estudantes responderam que sim e 85 (94%) estudantes responderam que não.

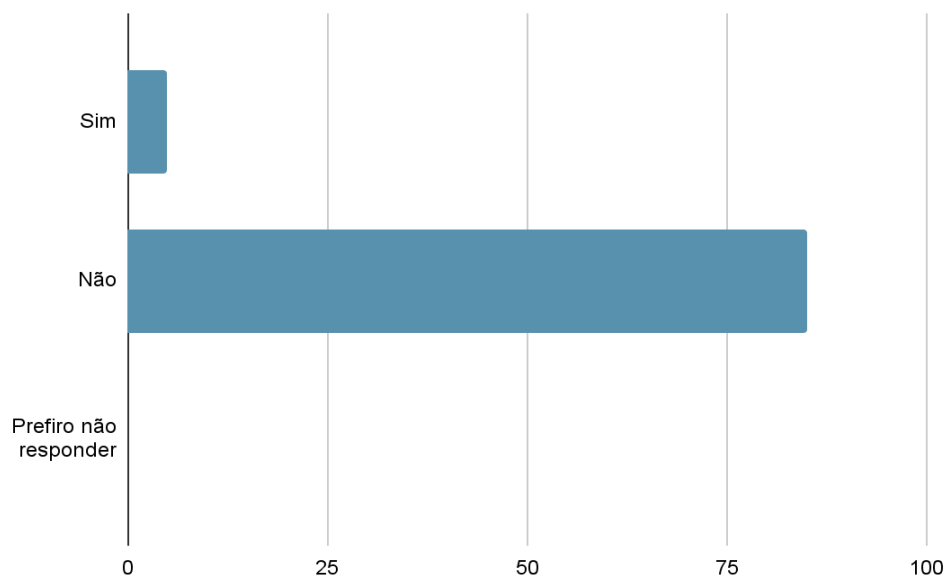


Figura 7- Resposta dos participantes à questão: “Já exerceu violência sobre alguém no namoro?”

Relativamente à questão “Conhece alguém que já sofreu de violência no namoro?”, responderam a esta questão 90 estudantes, tendo como respostas: 59 (66%) estudantes responderam que sim e 31 (34%) estudantes responderam que não.

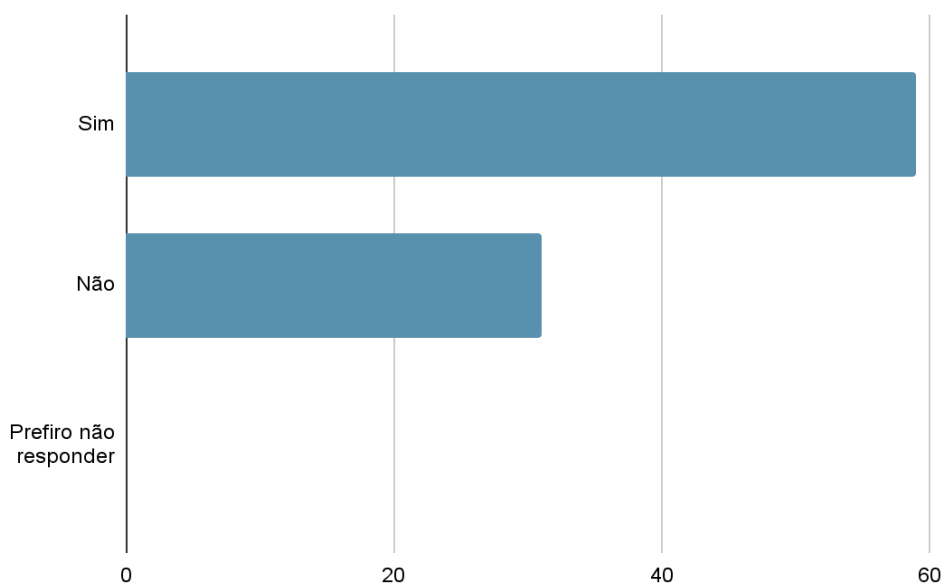


Figura 8- Resposta dos participantes à questão: “Conhece alguém que já sofreu de violência no namoro?”

No que diz respeito, a questão “Se foi vítima de violência no namoro, onde aconteceu?”, responderam a esta questão 36 estudantes, tendo as seguintes respostas: 1 (3%) estudante afirma que aconteceu na Universidade; 9 (31%) estudantes alegam que aconteceu na rua; 15 (52%) estudantes afirmam que aconteceu em casa; 2 (7%) estudantes alegam que aconteceu nos transportes públicos; 3 (10%) estudantes afirmam que aconteceu noutra lugar, mais especificamente, na escola, no meio escolar e em diversas situações e, por fim, 6 (21%) estudantes preferiram não responder a esta questão.

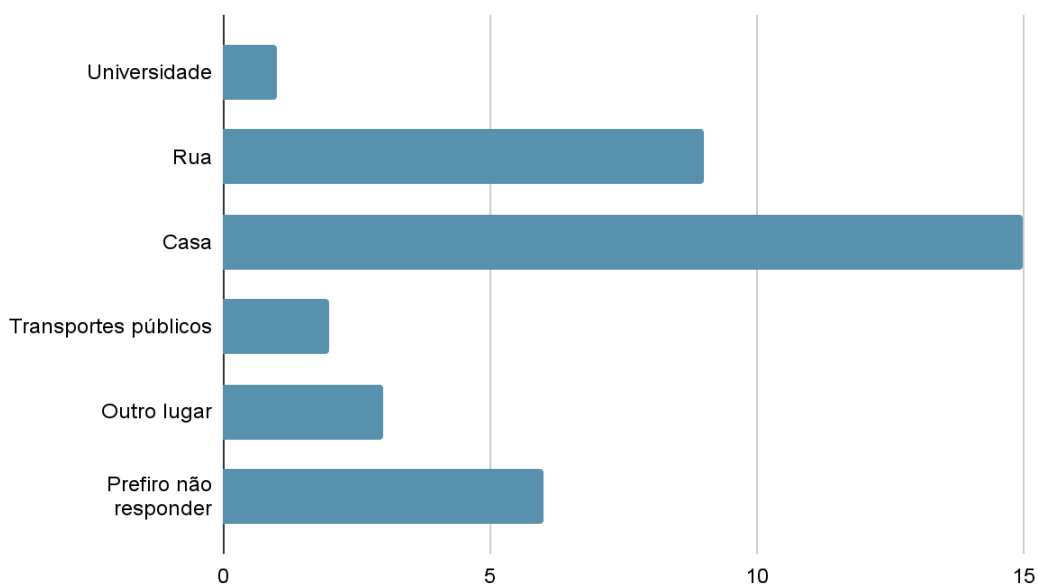


Figura 9- Resposta dos participantes à questão: “Se foi vítima de violência no namoro, onde aconteceu?”

Em relação à questão, “O que é a violência no namoro? De 0 a 5 identifique os comportamentos que são considerados violência no namoro”, responderam a esta questão 90 estudantes. As respostas serão colocadas numa escala de Likert, de modo a facilitar a leitura e compreensão das respostas dadas pelos estudantes.

	0	1	2	3	4	5
Violência Sexual	1 estudante	---	---	1 estudante	6 estudantes	82 estudantes
Violência Social	1 estudante	---	3 estudantes	5 estudantes	14 estudantes	67 estudantes
Violência Económica	3 estudantes	1 estudante	6 estudantes	9 estudantes	13 estudantes	58 estudantes
Violência Psicológica	---	---	1 estudante	1 estudante	5 estudantes	83 estudantes
Violência Física	---	---	---	---	4 estudantes	86 estudantes

Figura 10-Respostas dos estudantes à questão, “O que é a violência no namoro? De 0 a 5 identifique os comportamentos que são considerados violência no namoro”

No que concerne à questão, “Quais destes comportamentos podem ser considerados violência no namoro?”, responderam a esta questão 90 estudantes, tendo como respostas: 39 (43%) estudantes alegam que é violência partilhar as senhas das redes sociais; 30 (33%) estudantes afirmam que é violência não ajudar o/a parceiro/a; 85 (94%) estudantes alegam que é violência controlar o/a parceiro/a; 37 (41%) estudantes afirmam que é violência “não dar amor”, apoio e carinho ao/a parceiro/a; 87 (97%) estudantes alegam que é violência magoar fisicamente o/a parceiro/a sem deixar marcas; 19 (21%) estudantes afirmam que é violência não fazer um gesto de amor ao/a parceiro/a; 85 (94%) estudantes alegam que é violência perseguir o/a parceiro/a e, por fim, 10 (11%) estudantes afirmam outro comportamento, como por exemplo, controlar e proibir contactos com amigos e familiares; insultos; humilhação; manipulação; manipular para que o parceiro faça o que o agressor deseja; privar relacionamentos e amizades externas; repreender o/a parceiro/a em público; desmotivação do parceiro para pequenas ou grandes conquistas; patronizar o parceiro, ameaçar o parceiro, magoar verbalmente o parceiro, tomar escolhas pelo parceiro e partilha de fotos íntimas sem consentimento.

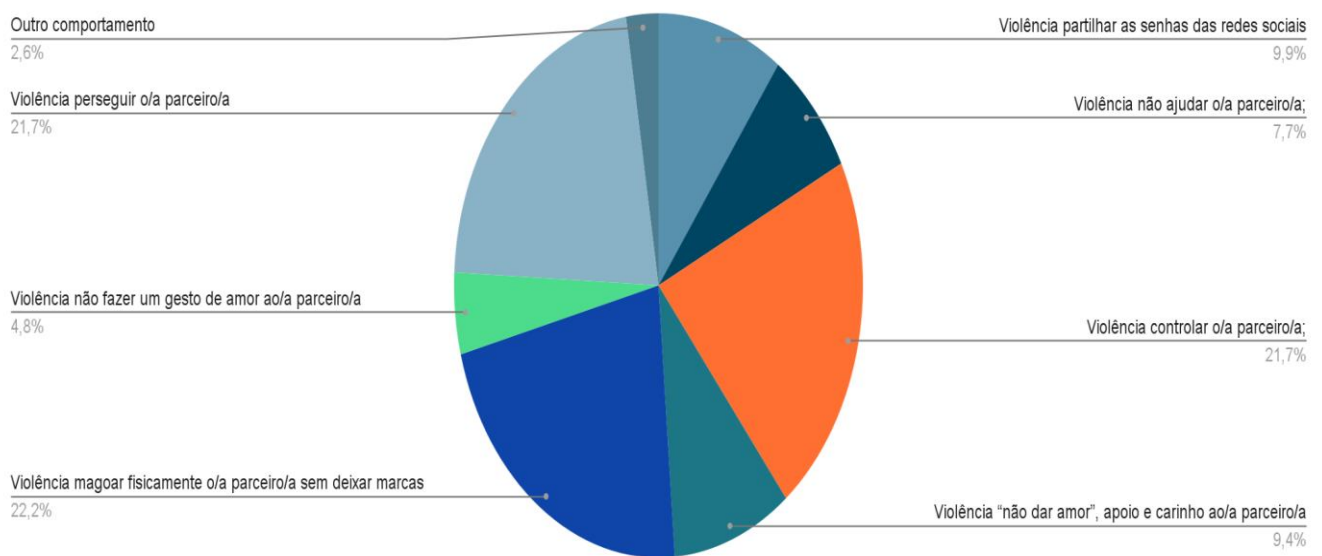


Figura 11-Resposta dos participantes à questão: “Quais destes comportamentos podem ser considerados violência no namoro?”

No que diz respeito a questão, “Selecione as frases que são consideradas violência no namoro”, responderam a esta questão 89 estudantes, tendo como respostas: 78 (88%) estudantes selecionaram a frase que é melhor ter namorado/a violento/a do que não namorar; 64 (72%) estudantes escolheram a frase que a violência no namoro acontece em todas as classes sociais; 21 (24%) estudantes escolheram a frase que há mais homens vítimas de violência no namoro; 49 (55%) estudantes selecionaram a frase que a violência no namoro é considerada um crime público; 42 (47%) estudantes escolheram a frase que há mais mulheres vítimas de violência no namoro; 45 (51%) estudantes selecionaram a frase que só é vítima no namoro quem quer; 38 (43%) estudantes escolheram a frase que os homens são os principais agressores; 34 (38%) estudantes selecionaram a frase o álcool e a droga são causa da violência; 26 (29%) estudantes escolheram a frase a violência no namoro é um problema de pessoas desfavorecidos; 14 (16%) estudantes selecionaram a frase as mulheres são as principais agressoras e, por fim, 71 (80%) estudantes escolheram a frase tem ciúmes “porque me ama.”

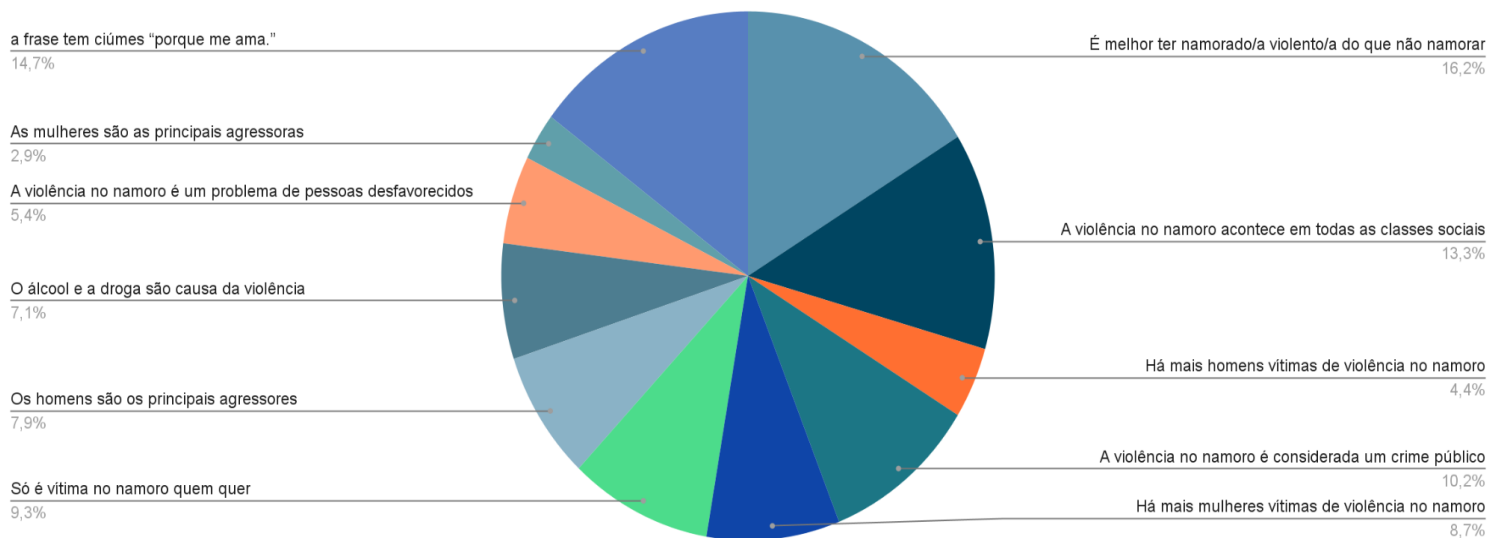


Figura 12-Resposta dos participantes à questão: “Selecione as frases que são consideradas violência no namoro”

Relativamente à questão, “Conhece algum programa de sensibilização sobre a violência no namoro”, responderam a esta questão 90 estudantes, tendo como resposta: 19 (21%) estudantes responderam que sim; 70 (78%) estudantes responderam que não e, por fim, 1 (1%) estudante respondeu prefiro não responder.

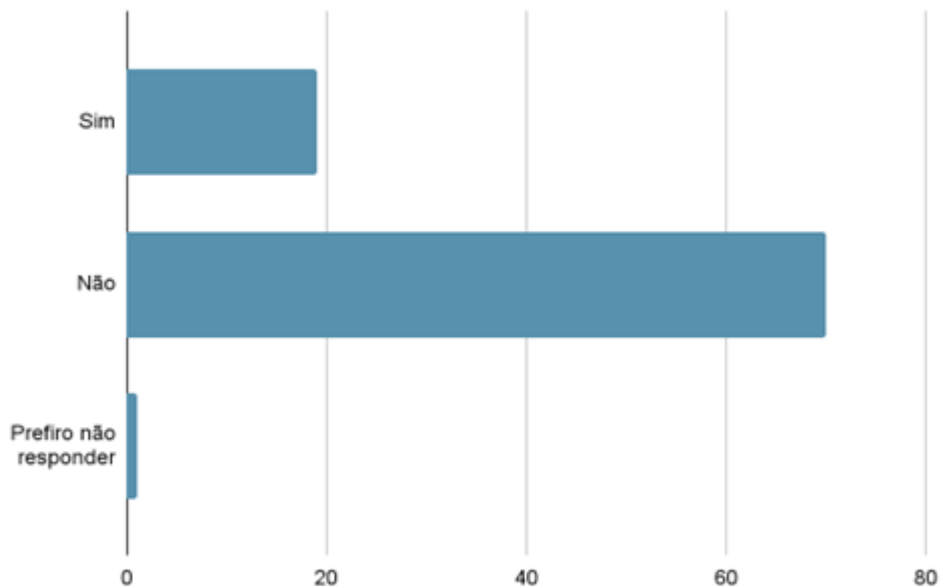


Figura 13-Resposta dos participantes à questão: “Conhece algum programa de sensibilização sobre a violência no namoro?”

No que toca a questão, “Se respondeu sim, selecione os programas de sensibilização”, responderam a esta questão 20 estudantes, tendo como resposta: 3 (15%) estudantes selecionaram Programa Uni+; 3 (15%) estudantes escolheram NAMORArte+; 4 (20%) estudantes selecionaram Tod@s somos um; 12 (60%) estudantes escolheram #namorarsemviolência e, por fim, 4 (20%) estudantes selecionaram outro programa, como por exemplo, Apav, Dia da defesa nacional e Rede Care (especializada em violência sexual).

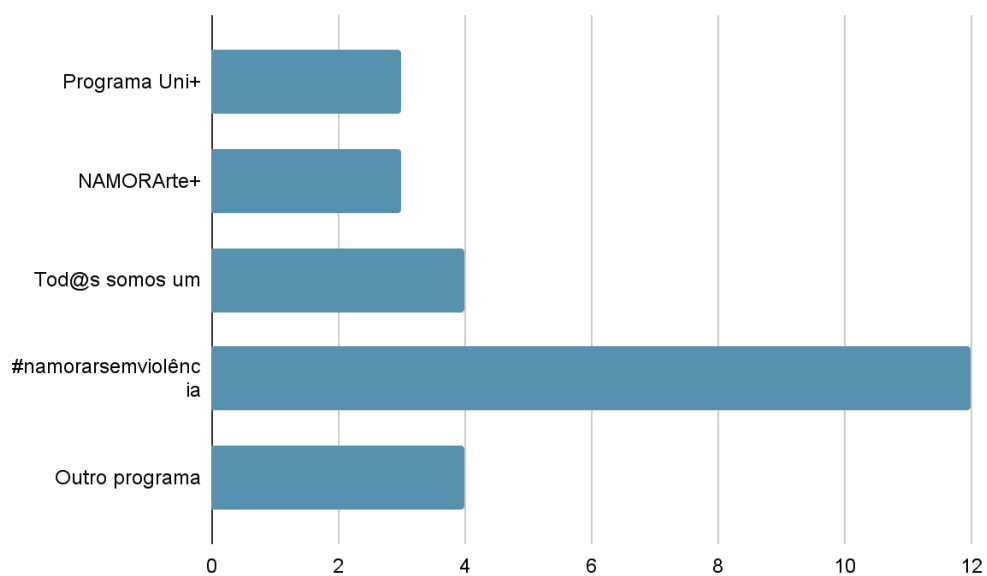


Figura 14-Resposta dos participantes à questão: “Se respondeu sim, selecione os programas de sensibilização”

No que toca à questão, “Conhece os apoios que são prestados às vítimas de violência no namoro?”, responderam a esta questão 87 estudantes, tendo como resposta: 28 (32%) estudantes conhecem os apoios; 49 (56%) estudantes não conhecem os apoios e, por fim, 10 (11%) estudantes afirmam que não sabem.

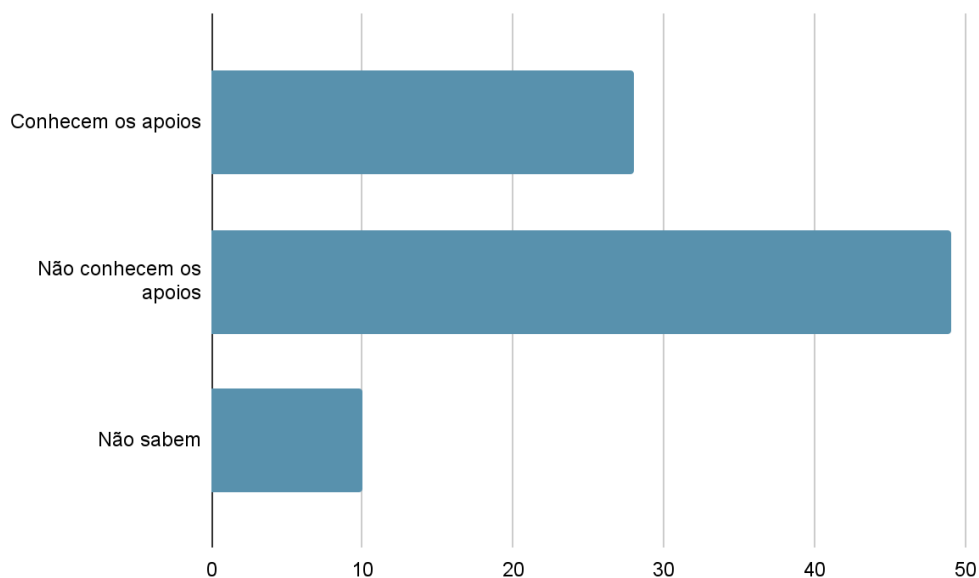


Figura 15- Resposta dos participantes à questão: “Conhece os apoios que são prestados às vítimas de violência no namoro?”

Em relação a questão, “Selecione os apoios que são disponibilizados”, responderam a esta questão 30 estudantes, tendo como resposta: 17 (57%) estudantes selecionaram o apoio proteção; 14 (47%) estudantes escolheram o apoio social; 19 (63%) estudantes selecionaram o apoio jurídico e, por fim, 27 (90%) estudantes escolheram o apoio psicológico.

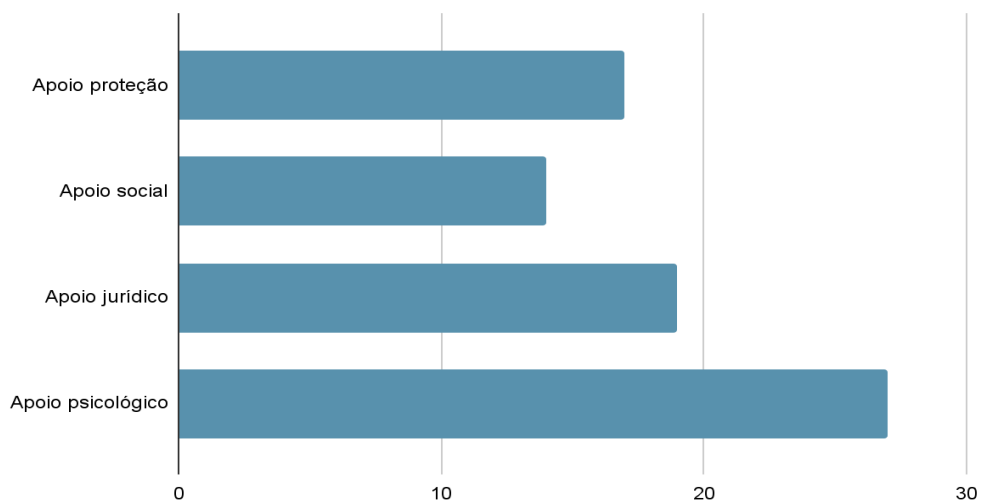


Figura 16-Resposta dos participantes à questão: “Selecione os apoios que são disponibilizados”

No que se refere à questão, “O que deve fazer quando é vítima de violência no namoro?”, responderam a esta questão 88 estudantes, tendo como respostas: 83 (94%) estudantes pediam ajuda e saíam da relação; 3 (3%) estudantes pediam ajuda, mas mantinham-se na relação e 2 (2%) estudantes faziam outra coisa.

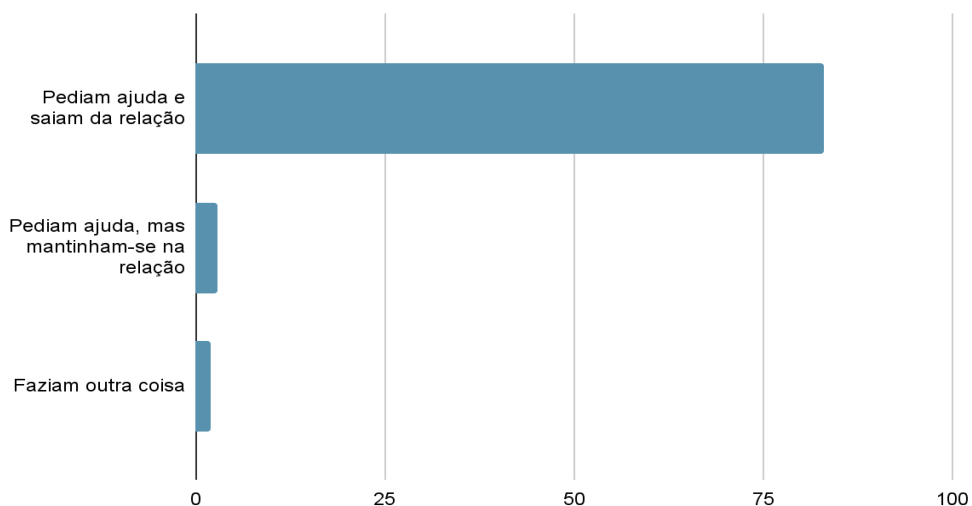


Figura 17- Resposta dos participantes à questão: “O que deve fazer quando é vítima de violência no namoro?”

Em relação à questão, “O que se deve fazer quando se sabe que alguém é vítima de violência no namoro?”, responderam a esta questão 88 estudantes, tendo como resposta: 67 (76%) estudantes contactavam a PSP; 2 (2%) estudantes não ajudavam e deixavam a vítima a sofrer; 17 (19%) estudantes contactavam o Serviço do Ministério Público/Tribunais; 1 (1%) estudante culpava a vítima pela situação; 6 (7%) estudantes apoiavam o/a agressor/a por ser amigo/a ou familiar; 67 (76%) estudantes contactavam a Equipa de Apoio à Vítima de Violência Doméstica; 40 (45%) estudantes falavam com um/a professor/a e, por fim, 9 (10%) estudantes faziam outra coisa, como por exemplo, desabafar com uma pessoa de confiança; abrir os olhos à vítima; apoiar a vítima; tentar fazer a pessoa violentada partilhar com as autoridades; ouvir a vítima; muitos agressores isolam a vítima até esta ter vergonha de falar; incentivar a vítima a fazer queixa e a procurar apoio profissional; guiar a pessoa a ter melhores escolhas, para controlar a situação e sair da situação para que tal consiga ajuda profissional; contactar com os mais próximos e quando possível, afastar o/a agressor/a, não deveria ser a vítima a fugir.

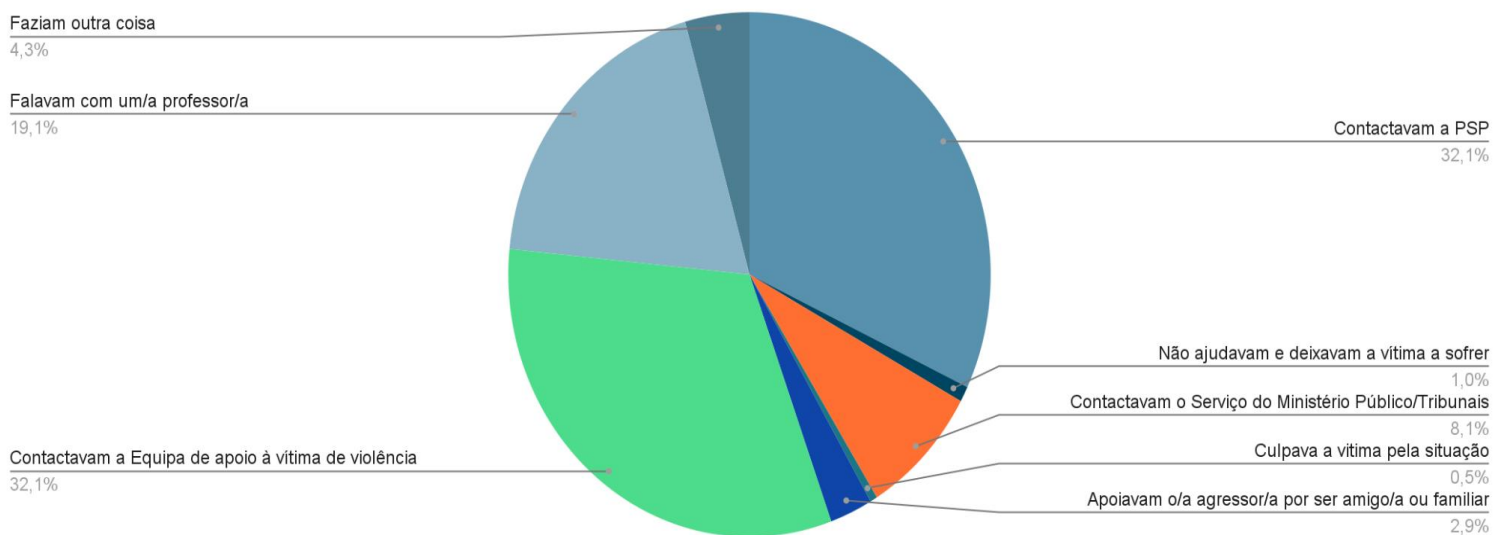


Figura 18-Resposta dos participantes à questão: “O que se deve fazer quando se sabe que alguém é vítima de violência no namoro?”

Em relação à questão, “O que se deve fazer se for vítima de violência no namoro na universidade?”, responderam a esta questão 88 estudantes, tendo como resposta: 53 (60%) estudantes dirigiam-se aos Serviços de Psicologia; 60 (68%) estudantes pediam

ajuda aos docentes; 3 (3%) estudantes não pediam ajuda a ninguém; 66 (75%) estudantes pediam ajuda aos colegas/amigos; 49 (56%) estudantes pediam ajuda ao diretor de curso; 50 (57%) estudantes contactaram o portal de denúncias da Universidade; 62 (70%) estudantes denunciavam e, por fim, 1 (1%) estudante fazia outra coisa, por exemplo, sair da relação.

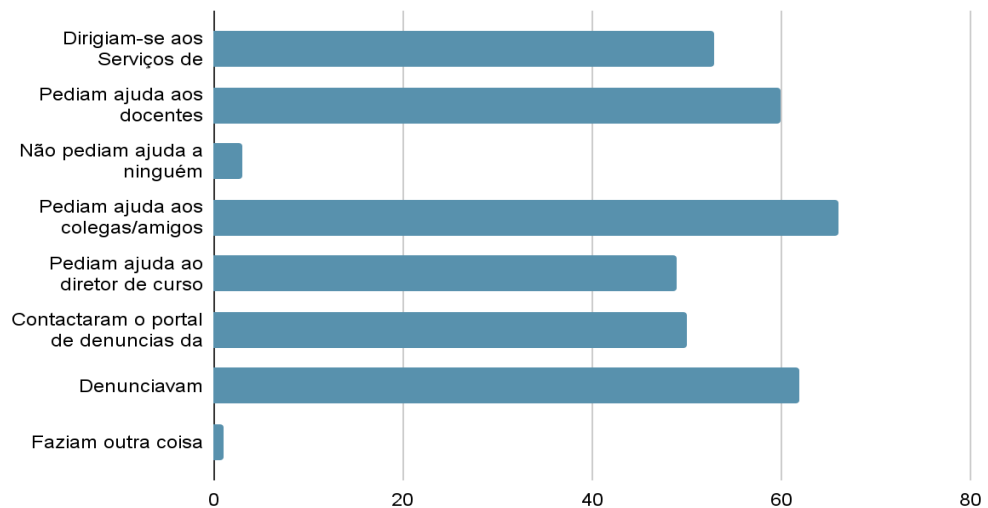


Figura 19- Resposta dos participantes à questão: “O que se deve fazer se for vítima de violência no namoro na universidade?”

Por fim, na questão “O que deveria ser feito na universidade, para consciencializar os estudantes universitários sobre a violência no namoro?”, responderam a esta questão 38 estudantes, tendo como resposta: a realização de mais cartazes, debates, workshops, ações de sensibilização, grupos de apoio, campanhas e palestras com profissionais de saúde e ex-vítimas acerca da violência namoro, bem como, o desenvolvimento de atividades práticas no átrio e programas de formação e voluntariado com organizações sociais.

Conclusão do inquérito por questionário aos estudantes universitários

O inquérito por questionário “A violência no namoro em contexto universitário” teve a participação de 145 estudantes, sendo que o género predominante neste estudo foi o género feminino. Relativamente às idades dos participantes, a faixa etária predominante neste estudo foi a faixa etária dos 18-24 anos de idade. No que diz respeito aos cursos que os participantes frequentam, os cursos que tiveram mais estudantes a participar neste inquérito por questionário foi a Licenciatura em Enfermagem, posteriormente, a Licenciatura em Engenharia Informática e, por fim, o Mestrado de Educação e Desenvolvimento Comunitário.

No que diz respeito à questão “Sabe o que é a violência no namoro?”, podemos concluir que os estudantes universitários sabem o que é a violência no namoro, sendo que mais de metade dos estudantes nunca foram vítimas de violência no namoro. No entanto, dois estudantes afirmam ser vítimas de violência no namoro. Por outro lado, mais de metade dos estudantes afirmam conhecer alguém que já sofreu de violência no namoro.

Relativamente à questão “Conhece alguém que já sofreu de violência no namoro?”, podemos constatar que mais de metade dos estudantes afirmam que conhecem alguém que já sofreu violência no namoro. Em relação à questão “Se foi vítima de violência no namoro, onde aconteceu?”, pudemos verificar que o local predominante a esta questão é em casa.

No que se refere à questão “O que é a violência no namoro? De 0 a 5 identifique os comportamentos que são considerados violência no namoro”, podemos concluir que na perspetiva dos estudantes universitários a violência que é mais praticada é a violência física, e posteriormente, a violência psicológica. No que concerne à questão, “Quais destes comportamentos podem ser considerados violência no namoro?”, podemos verificar que os comportamentos predominantes são controlar o/a parceiro/a; magoar fisicamente o/a parceiro/a sem deixar marca e perseguir o/a parceiro/a.

No que diz respeito à questão, “Selecione as frases que são consideradas violência no namoro”, podemos constatar que as frases que são consideradas violência no namoro pelos estudantes universitário são melhor ter namorado/a violento/a do que não namorar e tem ciúmes “porque me ama.”

Relativamente às questões, “Conhece algum programa de sensibilização sobre a violência no namoro” e “Conhece os apoios que são prestados às vítimas de violência

no namoro?”, podemos constatar que mais de metade dos estudantes universitários não conhecem os programas de sensibilização nem os apoios prestados às vítimas de violência no namoro.

No que diz respeito à questão, “O que deve fazer quando é vítima de violência no namoro?”, podemos verificar que mais de metade dos estudantes universitários pediam ajuda e saíam da relação. Em relação à questão, “O que se deve fazer quando se sabe que alguém é vítima de violência no namoro?”, podemos constatar que mais de metade dos estudantes escolheram contactar a PSP, bem como, contactar a Equipa de Apoio à Vítima de Violência Doméstica.

No que concerne a questão, “O que se deve fazer se for vítima de violência no namoro na universidade?” a resposta predominante a esta questão é pedir ajuda aos colegas/amigos. Por fim, a questão “O que deveria ser feito na universidade, para consciencializar os estudantes universitários sobre a violência no namoro?”, na perspectiva dos estudantes deve ser realizado mais ações de sensibilização (com profissionais de saúde, ex-vítimas e organizações sociais) e campanhas acerca da violência no namoro, bem como, desenvolver atividades práticas que envolvam os estudantes universitários.

4.5- Triangulação dos dados

Ao realizar o cruzamento dos dados das entrevistas e do inquérito por questionário podemos verificar que a faixa etária dos participantes neste estudo varia entre os 18 - 70 anos de idade. Esta variação de idades é uma mais-valia para estudo, pois, segundo Sarmiento (2014), a idade está relacionada com a diversidade de experiências de vida, com o conhecimento e com bem-estar.

Relativamente às habilitações académicas, podemos constatar que todos os participantes ingressaram na Universidade, sendo que os mesmos possuem e/ou estão a concluir a Licenciatura, o Mestrado e o Doutoramento. Realizar este estudo com participantes com diferentes níveis de educação faz com que o estudo tenha uma visão mais ampla e mais completa sobre a temática em foco.

Segundo Ferreira et al (2019), a violência no namoro consiste na realização de atos, de natureza social, física, sexual, psicológica e emocional que decorre no contexto no contexto de relações juvenis entre indivíduos do mesmo sexo ou de sexo diferente e que é praticada por um/a ou ambos/as os/as parceiros/as. Em relação aos entrevistados

de modo geral, alegam que a violência no namoro é violência num relacionamento afetivo/intimidade. Neste sentido, verificamos através das questões realizadas que todos os participantes sabem o que é a violência no namoro. Assim sendo, mais de metade dos estudantes responderam que não foram vítimas de violência no namoro, bem como, os entrevistados que disseram/deram a entender que nunca foram vítimas de violência no namoro. Porém, constatamos que dois estudantes universitários afirmam ser vítimas de violência no namoro.

Conforme a APAV (2015), os comportamentos vistos como forma de violência no namoro são violência verbal; violência psicológica; violência relacional; violência física e violência sexual. Neste sentido, os estudantes universitários e os entrevistados seguem a mesma linha de pensamento da APAV, uma vez que responderam de modo semelhante. Assim sendo, as respostas predominantes dos estudantes universitários são violência física, violência psicológica, controlo e perseguição. Os entrevistados responderam de modo semelhante, na medida que responderam também a violência física, psicológica e controlo, no entanto, acrescentaram a violência sexual, social, limitação de contactos, desconfiança, insegurança e pensar que a relação entre os dois é uma relação de posse.

Segundo Duval et al (conforme citado por Pacheco, 2021) os estudantes universitários, são indivíduos vulneráveis no que diz respeito à violência no namoro, devido ao ambiente social onde estão introduzidos. A violência no namoro nos estudantes universitários está registada em alguns estudos (Pacheco, 2021). Assim sendo, os entrevistados afirmam que existe violência no namoro em contexto universitário, no entanto, um entrevistado alega que não existe violência no namoro nas universidades.

Conforme Neves (2023), denunciar é somente o modo de fazer chegar às autoridades competentes, desde uma fase mais precoce, como numa realidade mais avançada, a informação de um respetivo acontecimento sancionável por lei, sendo visível a relevância da realização das denúncias. Deste modo, os entrevistados afirmam que sensibilizam, informam e auxiliam os estudantes na realização da denúncia, bem como, alegam que a violência no namoro deve ser sensibilizada através de ações de sensibilização. Além do mais, os entrevistados afirmam que não recebem/tem muitas denúncias,

De acordo com Moreira (2020), os serviços de apoio às vítimas identificam a relevância da diretiva e de estarem familiarizados com as normas propostas, a fim de

ativar os instrumentos necessários e legítimos por lei, assegurando uma maior proteção às vítimas e um apoio mais eficiente. Deste modo, os entrevistados afirmam que a instituição faculta apoio psicológico às vítimas, bem como, facultam apoio emocional, avaliação de risco, plano de segurança, o encaminhamento das vítimas, bem como, o aconselhamento das mesmas.

Segundo, Caridade & Machado (2013), os Programas, de um modo em geral, reduzem a probabilidade dos indivíduos se tornarem, futuramente, potenciais vítimas ou agressores. Neste sentido, através das questões realizadas, constatamos que metade dos estudantes universitários não conhecem Programas/ Campanhas sobre a violência no namoro, no entanto, os estudantes universitários que conhecem os Programas/Campanhas selecionaram corretamente os mesmos. Por outro lado, os entrevistados conhecem e desenvolvem Programas/Campanhas sobre a violência no namoro.

De acordo com Ferreira et al (2019), existem serviços especializados que disponibilizam apoio às vítimas de violência, como por exemplo, apoio jurídico, psicológico e social. À vista disso, podemos constatar através das questões realizadas que mais de metade dos estudantes não conhecem os apoios disponibilizados às vítimas, no entanto, aqueles que sabem deram como resposta predominante o apoio psicológico, e posteriormente, o apoio social. Relativamente aos entrevistados, estes conhecem os apoios disponibilizados, sendo que os apoios que os entrevistados afirmam são o apoio psicológico, avaliação de risco, plano de segurança, o encaminhamento das vítimas, bem como, o aconselhamento das mesmas.

Conforme com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2024), as ações de sensibilização têm como intuito informar, sensibilizar e consciencializar os/as cidadão/cidadãs para uma determinada problemática, temática ou fenómeno. Estas ações de sensibilização auxiliam o aumento de conhecimento sobre os temas, possibilitando a desocultação e a identificação de fenómenos de violência e de crime, assim como, a identificação de mecanismos de apoio. Os entrevistados afirmam que a sensibilização poderá ser realizada através das ações de prevenção e através da igualdade de género que sensibiliza os estudantes para a prevenção da violência no namoro.

Segundo Burzi & Sell (2021), a violência nos estabelecimentos de ensino é um dos motivos para o insucesso escolar. Neste sentido, as respostas à questão “o que deveria ser realizado no IES para combater/consciencializar os estudantes”, os

estudantes e os entrevistados responderam de um modo semelhante, uma vez que ambos responderam que deveria ser realizado ações de sensibilização acerca da violência no namoro. No entanto, os estudantes acrescentaram que deveria ser realizado campanhas e desenvolver atividades práticas que envolvam os estudantes universitários. Por outro lado, os entrevistados acrescentaram que deveria ser realizado projetos, workshops e intervenções em grupo.

De acordo com a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (2021f), a igualdade de género consiste no empoderamento, participação, responsabilidade e igual visibilidade quer dos homens quer das mulheres em todos os setores da vida privada e pública dos cidadãos. Neste sentido, os entrevistados afirmam que a igualdade de género é ter as mesmas oportunidades e direitos independentemente do género.

Conforme Gomes (2016), a desconsideração pelos direitos das mulheres origina a desigualdade de género, que corresponde a hierarquia de acesso a bens materiais e a oportunidade entre mulheres e homens. Em relação à desigualdade de género, os entrevistados afirmam que a desigualdade de género é discriminar um indivíduo por base do género recusando conhecimento e determinados recursos. Além disso, os entrevistados ainda afirmam que a desigualdade de género é quando não é cumprido os mesmos direitos e deveres, como por exemplo, gap salarial, dream gap, a violência mais acentuada nas mulheres, as profissões feminizadas e masculinizadas e a desigualdade de oportunidade na política.

De acordo com Heise (conforme citado Félix, 2012) a violência de género pode ser realizada em público ou em privado, sendo que a mesma consiste na prática de qualquer ato de violência, desde violência física, psicológica e sexual, incluindo a privação da liberdade. Em vista disso ambos os entrevistados alegam a existência de desigualdade de género na nossa sociedade e que a mesma é praticada de diversas formas. Os entrevistados ainda alegam que tem haver com diversas atitudes negativas que têm efeitos negativos nas pessoas com base no género que as pessoas se identificam e que a violência de género é baseada por preconceitos e estereótipos, bem como, é qualquer comportamento violento praticado contra alguém devido à sua identidade de género.

Para colmatar a violência de género, bem como, as desigualdades de género, os entrevistados afirmam que é necessário trabalhar as crenças e a tolerância zero à violência e combater a igualdade de género e os estereótipos de género.

5. Considerações finais

Face ao exposto, pretende-se que esta Dissertação de Mestrado seja útil para a comunidade, mais concretamente, para os estudantes universitários, de modo que os mesmos possam consciencializar para a prevenção e a sensibilização da violência no namoro e os seus respetivos comportamentos abusivos. Os estudantes universitários são o presente e o futuro da nossa sociedade, assim sendo, devemos trabalhar com este público, de modo que os mesmos sejam agentes ativos da mudança e que consigam possuir um relacionamento saudável, fazendo prevalecer o amor e a segurança em comum.

A violência no namoro é um problema que afeta todos/as os/as cidadãos/ãs, independentemente da idade, religião, etnia e classe social, e pode ser praticada através da violência psicológica, física, sexual, social, económica e digital. A violência no namoro é considerada crime público de acordo com o artigo 152 do código penal. Para conseguirmos colmatar e/ou reduzir essa violência é fundamental que a comunidade, os estabelecimentos de ensino (desde o pré-escolar até ao ensino superior) e governo trabalhem em conjunto, desenvolvendo programas, campanhas, workshops, palestras entre outras atividades para promover a prevenção e a conscientização da violência no namoro, bem como, promover a igualdade de género, sendo que a desigualdade de género é um dos fatores que desencadeia esses comportamentos violentos. Ao trabalharem todos juntos e ao compartilharem conhecimentos e ferramentas para colmatar a violência, estaremos a desenvolver um ambiente em que os relacionamentos possam ter como base o amor, respeito, igualdade e uma relação de tolerância zero.

À vista disso, analisei diversos documentos, bem como, os inquéritos por questionário realizados aos estudantes universitários e as entrevistas semiestruturadas as entidades externas e internas à Universidade, consigo responder à Questão de Investigação, colocada no início da Dissertação de Mestrado “Como é que a violência no namoro é percebida pelos estudantes universitários”.

Em resposta a essa questão, os estudantes universitários têm conhecimento sobre o que é a violência no namoro, bem como, os comportamentos/atitudes que são considerados violência no namoro. Relativamente aos comportamentos/atitudes praticados, os estudantes universitários, afirmam que a violência física, violência psicológica, controlo e a perseguição são as violências mais praticadas. Sendo que, segundo o estudo da União de Mulheres Alternativa e Resposta de 2024, os comportamentos mais praticados são controlo, violência psicológica e, por fim, a violência através das redes sociais.

Apesar dos estudantes universitários terem conhecimento acerca do que é a violência no namoro, bem como, os seus comportamentos/atitudes, houve cinco estudantes universitários que afirmaram já terem exercido violência sobre alguém no namoro. Essa situação, fez-me refletir, se realmente os estudantes universitários sabem os comportamentos/atitudes, uma vez que, alguns comportamentos não são vistos como violência, mas sim como ato de amor, como por exemplo, os ciúmes e o controlo.

Em relação, aos apoios disponibilizados às vítimas de violência no namoro, bem como, as Campanhas/Programas de sensibilização acerca da violência no namoro, os estudantes universitários não possuem conhecimentos, o que me leva a questionar acerca da eficácia sobre a divulgação dos Apoios às vítimas e as Campanhas/Programas acerca da violência no namoro.

Os estudantes universitários quando questionados o que devem fazer quando são vítimas de violência no namoro, a maioria respondeu que deviam pedir ajuda e sair da relação, o que me leva a acreditar que mesmo não tendo conhecimentos acerca das Campanhas/Programas de sensibilização, os estudantes universitários sabem o que é necessário fazer se forem vítimas de violência no namoro. Além disso, pude reparar que os estudantes em situação de vítima de violência no namoro, pediam ajuda em primeiro lugar aos colegas/amigos, do que um serviço especializado de apoio às vítimas de violência no namoro. Desta forma, leva-me a refletir que ser vítima de violência no namoro é um assunto delicado que os estudantes preferem contar em primeiro lugar a alguém de confiança que se sintam seguros, então para depois pedir ajuda às entidades especializadas.

Tendo em conta que foi anteriormente referido, deveria ser realizado na Universidade mais ações de sensibilização com diversas organizações/instituições, como por exemplo, a UMAR, a Associação Presença Feminina, a PSP, o Instituto da Segurança Social da Madeira, a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género e os Serviços de Igualdade e Cidadania. Além disso, deveria ser realizadas intervenções em grupo com profissionais de saúde, bem como, ex vítimas de violência.

Também deveria ser mais divulgada a temática da violência no namoro na Universidade, não somente nos dias celebrativos, mas sim durante o ano letivo por meio de panfletos, vídeos e atividades práticas na entrada da universidade que envolvam estudantes, bem como, funcionários. Por fim, deveria ser implementado no currículo de todos os cursos da Universidade uma unidade curricular, ou um módulo de formação, que aborde igualdade de género, as desigualdades de género, a violência de género, a violência no namoro, o 'bullying', o 'cyberbullying' e os estereótipos presentes na nossa sociedade. Esta unidade curricular deveria implementar aulas mais dinâmicas, de modo a cativar os estudantes, bem como, promover uma aprendizagem mais agradável e eficaz.

6. Referências

- Alves, M. (2012). *Metodologia Científica*. Escolar Editora.
- Amado, J. & Freire I. (2014). Estudo de Caso na Investigação em Educação. Em J. Amado, *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (pp. 121-143). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J., Costa, A. & Crusoé, N. (2014). A técnica de análise de conteúdo. Em J. Amado, *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (pp. 301-348). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2015). *Folha Informativa- Violência no namoro*. https://apav.pt/apav_v3/images/folhas_informativas/fi_violencia_no_namoro.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2024). *Ações de Sensibilização*. https://prevencao.apav.pt/SE_acoes-de-sensibilizacao.html
- Azevedo, C. & Azevedo, A. (2003). *Metodologia Científica: Contributos práticos para a elaboração de trabalhos académicos*. Universidade Católica Editora.
- Bäckström, B. (2008). *Metodologia das Ciências Sociais Métodos Quantitativos - Caderno de apoio*. Universidade Aberta. https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9499/1/MetodologiaCiencias Sociais_Caderno_Apoio.pdf
- Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Batista, I., Caetano A., Amado, J., Azevedo, M., & País, S. (2021). *Instrumento de Regulação Ético-Deontológica: Carta Ética*. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. <https://www.spce.org.pt/assets/files/CARTA-TICA2.EDICAOFINAL-2020-COMPACTADO.pdf>
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de Investigação*. Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.

- Burzi, E. & Sell, J. (2021). *Violência na escola: conceitos e atitudes na prevenção de atitudes violentas*.
https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1968/Elli_Leonilda_Beije_Burzi_TCCPLS_2021.pdf?sequence=1
- Cantante, F., Estêvão, P., Almeida, T., & Lamelas, F. (2022). *Guia para Avaliação de Postos de Trabalho, com base em critérios objetivos, comuns a homens e mulheres*.
<https://cite.gov.pt/documents/14333/297943/CITE+-+Guia+de+avalia%C3%A7%C3%A3o+de+diferen%C3%A7as+remunerat%C3%B3rias.pdf/2a55800d-328a-465f-ad63-12853d3da9d6>
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24 (4), 485-493. DOI: [10.14417/ap.541](https://doi.org/10.14417/ap.541)
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, XXVII (1), 91-113. <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/244/20>
- Carvalho, T. & Sousa, L. (Coordenação), (2021). *III Plano Regional Contra a Violência Doméstica 2021-2025*. Secretaria Regional de Inclusão Social e Cidadania. https://violenciadomestica.madeira.gov.pt/images/III_Plano_Regional_Contra_Viol%C3%Aancia_Dom%C3%A9stica_2021-2025.pdf
- Carvalho, T. & Sousa, L. (Coordenação), (2015). *II Plano Regional Contra a Violência Doméstica 2015-2019*. Secretaria Regional de Inclusão Social e Cidadania. <https://violenciadomestica.madeira.gov.pt/images/ficheiros/PLANOSREGIONAIS/ii%20prcvd.pdf>
- Comissão Nacional da UNESCO. (s.d). *Educação das mulheres e das crianças*.
<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/educacao-para-o-seculo-xxi/educacao-das-mulheres-e-das-criancas>
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2021a). *Violência no namoro*. <https://www.cig.gov.pt/area-portal-da-violencia/violencia-no-namoro/enquadramento/>

- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2021b). *Portal da violência doméstica*.
<https://www.cig.gov.pt/area-portal-da-violencia/portal-violencia-domestica/rnavvd/enquadramento/>
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2021c). *Igualdade entre mulheres e homens*.
<https://www.cig.gov.pt/area-igualdade-entre-mulheres-e-homens/enquadramento/>
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2021d). *Mecanismos e Organizações para a Igualdade*.
<https://www.cig.gov.pt/area-recursos/mecanismos-e-organizacoes-para-a-igualdade/>
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2021e). *Enquadramento*.
<https://www.cig.gov.pt/area-a-cig/enquadramento/>
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2021f). *Glossário*.
<https://www.cig.gov.pt/bases-de-dados/glossario/>
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2021g). *Campanhas*.
<https://www.cig.gov.pt/area-igualdade-entre-mulheres-e-homens/campanhas/>
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (2022). *Igualdade de Género em Portugal: Boletim Estatístico 2022*. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2022/12/0_Introducao-e-SumExec.pdf
- Comissão para a Igualdade no Trabalho. (s.d). *Quem somos*.
<https://www.cite.gov.pt/web/pt/quem-somos>
- Comissão para a Igualdade de Género. (2015). *V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e Não-discriminação (2014-2017)-Relatório intercalar de execução*.<https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2015/03/Relatorio-Intercalar-de-Execu%C3%A7%C3%A3o-do-V-PNI-2014.pdf>
- Conselho Europeu e Conselho da União Europeia. (2024). *Medidas da UE para pôr termo à violência contra as mulheres*.
<https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/eu-measures-end-violence-against-women/>
- Constituição da República Portuguesa. (1976). Artigo 13º- Princípio de Igualdade.

<https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-aprovacao-constituicao/1976-34520775>

Correia, A., Rocha, H., Costa, S., Borges, J. & Neves, S. (2023). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior: Crenças e Práticas – 2017/2022*.

https://drive.google.com/file/d/1OSLRaD0j6TiXGZVylNbkDxkmY_PJw5CE/view

Coutinho, C. (2004). Quantitativo versus qualitativo: questões paradigmáticas na pesquisa em avaliação. In *Actas do XVII Colóquio ADMEE-Europa*. 18-20 de novembro de 2004.

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6469/1/ADMEE_Clara_Coutinho.pdf

Coutinho, C. (2011). *Metodologia da investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Edições Almedina.

Diário da República. (2007). *Lei n.5/2007, Série I de 2007-01-16*.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/5-2007-522787>

Divisão de Comunicações e Relações Públicas.(2023, fevereiro 3). *#Nãotecales-Não a violência no namoro*. <https://www.gnr.pt/noticias.aspx?linha=21163>

Enterprise Europe Network. (2015). *III Plano Nacional para a Igualdade- Cidadania e Género (2007-2010)*.

https://www.een-portugal.pt/info/RSO/Documents/III%20Plano%20Nac%20Igualdade_2007-2010.pdf

European institute for gender equality. (2021). *Health in Portugal*.

<https://eige.europa.eu/gender-equality-index/thematic-focus/health/country/PT>

European Institute for Gender Equality. (2022). *Portugal*.

<https://eige.europa.eu/gender-mainstreaming/countries/portugal>

European Institute for Gender Equality. (2023a). *Portugal- Promoting Gender Equality in Research*.

<https://eige.europa.eu/gender-mainstreaming/toolkits/gear/legislative-policy-backgrounds/portugal>

European Institute for Gender Equality. (2023b). *Gender Equality Index*.

<https://eige.europa.eu/gender-equality-index/2022/PT>

European Institute for Gender Equality. (2023c). *Gender Inequality*.

- <https://eige.europa.eu/publications-resources/thesaurus/terms/1329>
- European Institute for Gender Equality. (2023d). Forms of violence.
<https://eige.europa.eu/gender-based-violence/what-is-gender-based-violence/forms-of-violence>
- European Institute for Gender Equality. (2023e). *Gender-based violence*.
<https://eige.europa.eu/gender-statistics/dgs/browse/genvio>
- European Institute for Gender Equality. (2023f). *What is gender mainstreaming*.
<https://eige.europa.eu/gender-mainstreaming/what-is-gender-mainstreaming>
- European Institute for Gender Equality. (2024a). *Regulatory and legal framework*.
<https://eige.europa.eu/gender-based-violence/regulatory-and-legal-framework>
- European Institute for Gender Equality. (2024b). *Gender impact assessment*.
<https://eige.europa.eu/gender-mainstreaming/tools-methods/gender-impact>
- Félix, D. (2012). *Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: um estudo exploratório*.
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6891/1/ulfpie040133_tm.pdf
- Ferreira, M., Abreu, A. & Neves, S. (2019). *Guião para a Prevenção da Violência no Namoro em Contexto Universitário*. UNi+ 2.0 Programa de Prevenção da Violência no Namoro em Contexto Universitário.
<https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2019/09/Preven%C3%A7%C3%A3o-da-viol%C3%Aancia-no-namoro-em-contexto-univers.pdf>
- Findlay, E., Costa, M. & Guedes, S. (2006). *Guia para elaboração de projetos de pesquisa*. Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE.
https://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/28/2021/08/guiaprojeto_pesquisa.pdf
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa*. Bookman.
- Freixo, M. (2009). *Metodologia Científica : Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Instituto de Piaget.
- Gama, A., Veríssimo, A., & Tomás, C. (2017). Violência no namoro na Escola Superior de Educação de Lisboa. *ex aequo*. 36, pp. 77-98. DOI:
<https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.05>
- Gil, A. (2008). *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. Editora ATLAS S.A.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6598370/mod_resource/content/1/Livro%20Gil%20Antonio%20Carlos.pdf

- Gladcheff, A. (2003). *Entrevista estruturada: uma eficiente técnica de aquisição de conhecimento* explícito.
<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/8468>
- Gomes, D. (2016). *Igualdade de género e Prevenção da violência de género em contexto escolar e na formação de adultos/as*.
<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/90377/2/170343.pdf>
- Gómez, J., Freitas, O. & Callejas, G. (2008). *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local: perspectivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade*. Profedições.
- Gonçalves, H. (2005). *Manual de Metodologia da Pesquisa Científica*. AVERCAMP.
- Governo da República Portuguesa. (2018). *Empresas passam a ter de assegurar salário igual para trabalho igual*.
<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/comunicado?i=empresas-passam-a-ter-de-assegurar-salario-igual-para-trabalho-igual>
- Governo Regional da Madeira. (2023a). *Campanha “Que Queres?”*.
<https://violenciadomestica.madeira.gov.pt/sbmq/campanha-que-quires.html?id=130>
- Governo Regional da Madeira. (2023b). *Ogima*.
<https://violenciadomestica.madeira.gov.pt/conto-ogima.html>
- Governo Regional da Madeira. (2023c). *Apoio Proteção*.
<https://violenciadomestica.madeira.gov.pt/tipos-de-apoio/social/apoio-proteccao.html>
- Governo Regional da Madeira. (2023d). *Estruturas de apoio*.
<https://violenciadomestica.madeira.gov.pt/estruturas-de-apoio/estruturas-de-atendimento-especializado.html>
- Graal. (2021). *NAMORArte+*. <https://www.graal.org.pt/2021/10/04/namor2>
- Instituto Europeu para a Igualdade de Género. (2016). *A igualdade de género no desporto*. <https://eige.europa.eu/sites/default/files/documents/mh0215937ptn.pdf>
- Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento. (2011). *Estratégia da Cooperação Portuguesa para a Igualdade de Género*.
https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/estrategia_cp_igualdade_genero.pdf

- Junior, E., Oliveira, G., Santos, A. & Schnekenberg, G. (2021). Análise documental com percurso metodológico na pesquisa qualitativa. *Cadernos FUCAMP*, 20(44), pp. 36-51.
<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>
- Madeira, E., & Nogueira, E. (2022). *O Essencial de um Processo de Capacitação de Educadores/as de Pares na Área da Violência no Namoro*. Graal.
https://www.graal.org.pt/wp-content/uploads/2023/01/GRAAL_Livro_web-3.pdf
- Martins, L. (2021). *Empoderamento de mulheres, violência de gênero e feminicídio: um projeto de intervenção em educação para saúde*.
<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/41292>
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S. & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 8 (1), pp. 55-75.
https://www.researchgate.net/publication/292139716_PREVENCAO_DA_VIOLENCIA_NAS_RELACOES_DE_NAMORO_INTERVENCAO_COM_JOVENS_EM_CONTEXTO_ESCOLAR
- Metropolitano de Lisboa. (2018). *Plano de Ação para a Igualdade entre Mulheres e Homens*.
https://www.metrolisboa.pt/institucional/wp-content/uploads/sites/2/2019/02/Plano-para-a-Igualdade-entre-Mulheres-e-Homens-2018_2021_site_ML.pdf
- Minayo, M., & Costa, A. (2018). Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*.
<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6439>
- Moreira, A. (2020). *Direitos da vítima e serviços de apoio: perspectivas dos profissionais de apoio à vítima*.
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/32634/1/Andreia%20Ferreira%20Moreira.pdf>
- Múrias, C. (2019). *Relações in: Igualdade no Namoro. Manual de Educação de Pares para a Erradicação da Violência no Namoro*. Associação Portuguesa de Cidadania Activa.
https://www.cm-figfoz.pt/cmfigueiradafoz/uploads/writer_file/document/1569/manual_de_educacao_de_pares_para_a_violencia_no_namoro.pdf

- Neves, R. (2023). *As denúncias anónimas: análise da sua aplicabilidade no combate à nova criminalidade*.
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/45678/1/203655249.pdf>
- Neves, S., Correia, A., Rocha, H., Costa, S. & Borges, J. (2023). *Observatório da Violência no Namoro – Resultados de 2017-2022*.
<https://drive.google.com/file/d/1ls6pls-ch3At7N3Lx7mfNhl-4V6YObOK/view>
- Oliveira, I., Oliveira, H., & Cordeiro, J. (2022). *A importância do empoderamento feminino como estratégia de enfrentamento à violência doméstica*.
<https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/1edd2378-af1a-4918-a807-a54d73bd33bb>
- Organização Pan-Americana da Saúde. (s.d). *Equidade de Género em Saúde*.
<https://www.paho.org/pt/topicos/equidade-genero-em-saude>
- Pacheco, C. (2021). *Violência no namoro: relação com o autocontrolo e ajustamento em estudantes universitárias*.
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/76747/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%2bCatarina%2bPacheco.pdf>
- Pardal, L., & Lopes, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores.
- Parlamento Europeu. (2023). *Perceber as disparidades salariais entre homens e mulheres: definição e causas*.
<https://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20200109STO69925/perceber-as-disparidades-salariais-entre-homens-e-mulheres-definicao-e-causas>
- Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres. (2011). *A Magna Carta dos direitos das mulheres*.
https://plataformamulheres.org.pt/docs/publ-cedaw/ppdm_pub_CEDAW_encarte
- Pomar, C., Balça, Â., Conde, A., García, A., Nogueira, C., Vieira, C., Saavedra, L., Silva, P., Magalhães, O., García, A., & Tavares, T. (2012). *Guião de Educação Género e Cidadania. 2º ciclo do ensino básico*.
https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2013/12/guiao_educ_2ciclo.pdf

- Pordata. (2024a). *População residente do sexo masculino com idade entre 16 e 89 anos por nível de escolaridade completo mais elevado (%)*. [https://www.pordata.pt/portugal/populacao+residente+do+sexo+masculino+com+idade+entre+16+e+89+anos+por+nivel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+\(percentagem\)-886](https://www.pordata.pt/portugal/populacao+residente+do+sexo+masculino+com+idade+entre+16+e+89+anos+por+nivel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+(percentagem)-886)
- Pordata. (2024b). *População residente do sexo feminino com idade entre 16 e 89 anos por nível de escolaridade completo mais elevado (%)*. [https://www.pordata.pt/portugal/populacao+residente+do+sexo+feminino+com+idade+entre+16+e+89+anos+por+nivel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+\(percentagem\)-885](https://www.pordata.pt/portugal/populacao+residente+do+sexo+feminino+com+idade+entre+16+e+89+anos+por+nivel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+(percentagem)-885)
- Prazeres, V. (2011). *Plano para a igualdade*. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2013/12/PI_MS_revisto.pdf.
- Presidência do Conselho de Ministros. (2018). *Resolução do Conselho de Ministros - R2/2018*. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBAAAAB%2bLCAAAAAAABAAzMTA2AQD%2fxLmvBAAAAA%3d%3d>
- Qualtrics. (2024). *Sobre nós*. <https://www.qualtrics.com/pt-br/sobre/>
- Resolução do Conselho de Ministro n.º49/97. (1997). *Diário da República-I Série-B*. https://cite.gov.pt/documents/14333/154962/Plano_Global_para_a_IO_1997.pdf
- Resolução do Conselho de Ministros n.º184/2003. (2003). *Diário da República-I Série-B*. <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2021/08/10-II-PNI.pdf>
- Rodrigues, L. (2015). *Relatório sobre o empoderamento das jovens através da educação na União Europeia. Relatório enquanto Relatora Principal. Bruxelas: PE* https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-8-2015-0312_PT.=IT
- Rodrigues, L. (2016). *Transgredir para empoderar. O empoderamento das jovens mulheres pela educação. Revista Tempos e Espaços em Educação*. 9 (18). (pp. 91-98). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. 2358-1425 <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/4967/4101>
- Rodrigues, L. (2017). *Violência sobre as mulheres nas regiões ultraperiféricas. Funchal: JM*. Disponível em: https://www.jm-madeira.pt/opinioes/ver/603/Violencia_sobre_as_mulheres_na_s_Regioes_Ultraperifericas

- Rodrigues, L. (coord.), Fernandes, I., Fraga, N. & Lopes, S. (2023). *Violência Doméstica Contra as Mulheres na Região Autónoma da Madeira*. AIDGLOBAL & CIE-UMa. ISBN: 978-989-54390-9-6.
https://www.aidglobal.org/site/uploads/ckeditor/2023_07_Estudo_Violencia_Domestica_RAM.pdf
- RTP Play. (2023, fevereiro 14). *Telejornal da Madeira*.
<https://www.rtp.pt/play/p85/e672659/telejornal-madeira>
- Santos, J., & Henriques, S. (2021). *Inquérito por Questionário: contributos de conceção e utilização em contextos educativos*. Universidade Aberta.
<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10696>
- Sarmiento, M. (2014). *Experiências de Vida e Sabedoria na Pessoa Idosa*.
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/17304/1/201498286.pdf>
- Segurança Social. (2021). *Vítimas de violência doméstica*.
<https://www.seg-social.pt/vitimas-de-violencia-domestica>
- Silva, A., Madeira, E., Moura, M., & Alvarez, T. (2022). *Interseções: Igualdade entre Mulheres e Homens e a Educação para o Desenvolvimento*.
https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2022/05/Recurso_Intersecoes_IMH_ED_atlzd_18mai2022_compressed.pdf
- Stake, R. (2011). *Pesquisa Qualitativa estudando como as coisas funcionam*. Penso.
- UNI+. (2021). *Programa UNi+*. <https://programaunimais.pt>
- União de Mulheres Alternativa e Resposta. (2020). *Resultados dos Distritos e das Regiões Autónomas do Estudo Nacional sobre Violência no Namoro*.
https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2021/02/INFO_ARTEMIS_UMAR.pdf
- União de Mulheres Alternativa e Resposta. (2024b). *Estudo Nacional Sobre a Violência No Namoro - Dados da Região Autónoma da Madeira*.
- União de Mulheres Alternativa e Resposta. (2024a). *Estudo Nacional sobre a violência no namoro*.
https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2024/02/INFO_ARTHEMIS_UMAR_2024_v002_compressed.pdf
- Universidade Católica Portuguesa. (2022). *Plano para igualdade de género*.
<https://www.ucp.pt/sites/default/files/2022-02/PlanoIgualdadedeG%C3%A9neroUCP.pdf>

Who Health Organization. (2022). *Promoting gender equality to prevent violence against women.*

https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/44098/9789241597883_eng.pdf

7. Apêndices

Apêndice 1.- Guião de entrevista ao P1

Guião de entrevista a realizar no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário

Esta entrevista garante o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, que serão utilizados apenas para o presente estudo. A entrevista é de participação voluntária e a qualquer momento o entrevistado pode desistir.

Tema: A violência no namoro em contexto universitário

Objetivos Gerais

- Compreender quais as representações que os estudantes universitários têm sobre a violência no namoro

Guião da entrevista a:

- P1

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco A</u></p> <p>Caracterização do entrevistado</p>	<p>-Legitimar a entrevista</p> <p>- Caracterizar o entrevistado</p>	<p>1. Apresentação dos entrevistados:</p> <p>a) idade;</p> <p>b) habilitações literárias;</p> <p>c) estado civil</p>	<p>- O entrevistador deverá esclarecer quaisquer dúvidas que o entrevistado tenha, por forma a legitimar a entrevista.</p> <p>-Será uma entrevista de modelo semiestruturado</p> <p>-Esta entrevista garante o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, que serão utilizados apenas para o presente estudo.</p> <p>Além disso, este projeto garante o anonimato dos participantes, sendo que a sua identificação nunca será tornada pública em caso algum. O contacto entre entrevistador e entrevistado será sempre em ambientes de máxima privacidade.</p> <p>-Será pedido ao entrevistador a autorização para gravar a entrevista em sistema de áudio e sem imagem.</p>

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco B</u></p> <p>Caracterização da instituição</p>	<p>-Entender o funcionamento da Instituição.</p> <p>-Compreender o papel que a Instituição possui nas denúncias de violência no namoro.</p> <p>- Entender como a Instituição ajuda as vítimas de violência no namoro.</p> <p>-Identificar que apoio a Instituição disponibiliza às vítimas de violência no namoro.</p> <p>-Compreender como a Instituição sensibiliza os jovens para violência no namoro e para a igualdade de género.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Será que poderia dizer-me a localização da instituição? 2. Na instituição que trabalha, como funciona a Instituição em relação aos casos de violência no namoro ? 2. De que forma, é que a Instituição ajuda as vítimas a efetuar a denúncia? 3. De que forma, a Instituição ajuda as vítimas de violência no namoro? 4. Quais são os apoios que a Instituição faculta às vítimas de violência? 5. Que tenha conhecimento, existem casos de violência no namoro no IES? 6. As respostas que a Instituição disponibiliza às vítimas são eficazes? 7. A instituição já desenvolveu algum programa/campanha para prevenção da violência no namoro? 8. A instituição já desenvolveu algum programa/campanha para a promoção da igualdade de género? 9. Na sua opinião, o que deveria ser feito na Instituição para combater a violência no namoro ? 	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco C</u></p> <p>Caracterizar a realidade da violência no namoro</p>	<p>-Analisar o conhecimento do entrevistado sobre a violência no namoro.</p> <p>-Identificar se o entrevistado sabe que tipo de práticas são consideradas violência no namoro</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é a violência no namoro?</p> <p>2. Na sua opinião, a violência no namoro é só praticada por jovens ?</p> <p>3. No seu ponto de vista, que comportamentos/attitudes são considerados como violência no namoro?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco D</u></p> <p>Compreender as diferenças entre o conceito de igualdade de género e o conceito de desigualdade de género.</p> <p>Entender como a desigualdade de género está presente na nossa sociedade e como a mesma executada</p>	<p>-Identificar se o entrevistado conhece o conceito de igualdade de género, bem como, o conceito de desigualdade de género</p> <p>-Analisar o conhecimento do entrevistado relativamente a desigualdade de género da nossa sociedade</p> <p>-Compreender se o entrevistado sabe o que é a violência de género e como a mesma pode ser praticada.</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é igualdade de género e a desigualdade de género?</p> <p>3. No seu ponto de vista, existe desigualdade de género na nossa sociedade? Como é que a mesma é praticada?</p> <p>4. Na sua opinião, o que é violência de género? Como é que a mesma é praticada ?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco E</u></p> <p>Compreender o impacto que a Instituição tem no combate da violência no namoro</p>	<p>-Identificar as ferramentas que a instituição utiliza no combate a violência no namoro</p>	<p>1. Qual é o impacto que a instituição tem no combate a violência no namoro?</p> <p>2. Será que podia quantificar esse impacto de (0 a 20)?</p> <p>3. De que modo, o combate a violência no namoro tem consequências no desenvolvimento da comunidade ?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco F</u></p> <p>Agradecimentos</p>	<p>- Agradecer. -Reiterar a garantia de confidencialidade.</p>	<p>Agradecimentos e confirmação de confidencialidade dos dados recolhidos, bem como a destruição dos mesmos após a defesa da dissertação.</p>	

Mestranda: Sara Raquel Pereira Abreu

Orientadora: Professora Doutora Liliana Rodrigues

Apêndice 2.- Guião de entrevista ao Representante do Gabinete de Psicologia da UMa

Guião de entrevista a realizar no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário

Esta entrevista garante o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, que serão utilizados apenas para o presente estudo. A entrevista é de participação voluntária e a qualquer momento o entrevistado pode desistir.

Tema: A violência no namoro em contexto universitário

Objetivos Gerais

- Compreender quais as representações que os estudantes universitários têm sobre a violência no namoro

Guião da entrevista a:

- Representante do Gabinete de Psicologia da UMa

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco A</u></p> <p>Caracterização do entrevistado</p>	<p>-Legitimar a entrevista</p> <p>- Caracterizar o entrevistado</p>	<p>1. Apresentação dos entrevistados:</p> <p>a) idade;</p> <p>b) habilitações literárias;</p> <p>c) estado civil</p>	<p>- O entrevistador deverá esclarecer quaisquer dúvidas que o entrevistado tenha, por forma a legitimar a entrevista.</p> <p>-Será uma entrevista de modelo semiestruturado</p> <p>- Esta entrevista garante o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, que serão utilizados apenas para o presente estudo. Além disso, este projeto garante o anonimato dos participantes, sendo que a sua identificação nunca será tornada pública em caso algum. O contacto entre entrevistador e entrevistado será sempre em ambientes de máxima privacidade.</p> <p>-Será pedido ao entrevistador a autorização para gravar a entrevista em sistema de áudio e sem imagem</p>

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco B</u></p> <p>Caracterizar o Serviço de Psicologia da UMa</p>	<p>-Entender o funcionamento do Serviço de Psicologia da UMa</p> <p>-Compreender o papel do Serviço de Psicologia da UMa nas denúncias da violência no namoro.</p> <p>- Entender como o Serviço de Psicologia da UMa ajuda as vítimas.</p> <p>-Identificar que apoio o Serviço de Psicologia da UMa disponibiliza às vítimas de violência no namoro.</p>	<p>1. Como funciona o Serviço de Psicologia da UMa em relação aos casos de violência no namoro?</p> <p>2. De que forma, é que o Serviço de Psicologia da UMa ajuda os estudantes universitários a efetuar as denúncias?</p> <p>3. De que forma, o Serviço de Psicologia da UMa ajuda os estudantes universitários que são vítimas de violência no namoro?</p> <p>4. De que maneira, que o Serviço de Psicologia da UMa sensibiliza os estudantes universitários a realizar a denúncia?</p> <p>5. O Serviço de Psicologia da UMa desenvolve alguma campanha de prevenção da violência no namoro?</p> <p>5. Quais são os apoios que o Serviço de Psicologia da UMa faculta aos estudantes universitários vítimas de violência no namoro?</p> <p>6. Os estudantes universitários têm recorrido ao Serviço de Psicologia da UMa para pedir ajuda quando são vítimas de violência namoro?</p> <p>7. Que tenha conhecimento, existem muitos ou poucos casos de estudantes universitários vítimas de violência no namoro no UMa?</p> <p>8. Na sua opinião, as respostas que o Serviço de</p>	

		<p>Psicologia da UMa dá às vítimas de violência no namoro são eficazes?</p> <p>9. Na sua opinião, o que deveria ser feito para prevenir e combater a violência no namoro na UMa?</p>	
--	--	--	--

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco C</u></p> <p>Caracterizar a realidade da violência no namoro</p>	<p>-Analisar o conhecimento do entrevistado sobre a violência no namoro.</p> <p>-Identificar se o entrevistado sabe que tipo de práticas são consideradas violência no namoro</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é a violência no namoro e como esta é praticada?</p> <p>2. Na sua opinião, a violência no namoro é só praticada pelos estudantes universitários?</p> <p>3. No seu ponto de vista, que comportamentos/atitude são considerados como violência no namoro?</p> <p>4. Na sua opinião, a violência no namoro pode desencadear futuramente a violência doméstica?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco D</u></p> <p>Compreender as diferenças entre o conceito de igualdade de gênero e o conceito de desigualdade de gênero.</p> <p>Entender como a desigualdade de gênero está presente na nossa sociedade e como a mesma executada</p>	<p>-Identificar se os entrevistados conhecem o conceito de igualdade de gênero, bem como, o conceito de desigualdade de gênero</p> <p>-Analisar o conhecimento dos entrevistados relativamente a desigualdade de gênero da nossa sociedade</p> <p>-Compreender se os entrevistados sabem o que é a violência de gênero e como a mesma pode ser praticada.</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é igualdade de gênero e a desigualdade de gênero?</p> <p>2. Na sua opinião, existe desigualdade de gênero na nossa sociedade? Como é que esta é praticada?</p> <p>4. No seu ponto de vista, o que é violência de gênero e como é que esta é praticada?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco E</u></p> <p>Compreender o impacto que a Instituição tem no combate da violência no namoro</p>	<p>-Identificar as ferramentas que a instituição utiliza no combate a violência no namoro</p>	<p>1. Qual é o impacto que a instituição tem no combate a violência no namoro?</p> <p>2. Será que podia quantificar esse impacto de (0 a 20)?</p> <p>3. De que modo, o combate a violência no namoro tem consequências no desenvolvimento da comunidade ?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<u>Bloco F</u> Agradecimentos	- Agradecer. -Reiterar a garantia de confidencialidade.	Agradecimentos e confirmação de confidencialidade dos dados recolhidos, bem como a destruição dos mesmos após a defesa da dissertação.	

Mestrando: Sara Raquel Pereira Abreu

Orientadora: Professora Doutora Liliana Rodrigues

Apêndice 3.- Guião de entrevista um representante do Provedor do Estudante

Guião de entrevista a realizar no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário

Esta entrevista garante o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, que serão utilizados apenas para o presente estudo. A entrevista é de participação voluntária e a qualquer momento o entrevistado pode desistir.

Tema: A violência no namoro em contexto universitário

Objetivos Gerais

- Compreender quais as representações que os estudantes universitários têm sobre a violência no namoro.

Guião da entrevista a:

- um representante do Provedor do Estudante

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco A</u></p> <p>Caracterização do entrevistado</p>	<p>-Legitimar a entrevista</p> <p>- Caracterizar o entrevistado</p>	<p>1. Apresentação do entrevistado</p> <p>a) idade;</p> <p>b) habilitações literárias;</p> <p>c) estado civil.</p>	<p>- O entrevistador deverá esclarecer quaisquer dúvidas que o entrevistado tenha, por forma a legitimar a entrevista.</p> <p>-Será uma entrevista de modelo semiestruturado.</p> <p>- Este projeto garante a confidencialidade dos dados dos participantes, utilizando os dados exclusivamente para o presente estudo. Além disso, este projeto garante o anonimato dos participantes, sendo que a sua identificação nunca será tornada pública em caso algum. O contacto entre entrevistador e entrevistado será sempre em ambientes de máxima privacidade.</p> <p>-Será pedido ao entrevistador a autorização para gravar a entrevista em sistema de áudio e sem imagem.</p>

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco B</u></p> <p>Caracterizar o Provedor do Estudante</p>	<p>-Entender o funcionamento do Provedor do Estudante.</p> <p>-Compreender o papel que o Provedor do Estudante possui no combate da violência no namoro, bem como, na promoção da igualdade de género.</p> <p>- Entender como o Provedor do Estudante sensibiliza os jovens acerca da violência no namoro e acerca da igualdade de género.</p> <p>-Identificar programas ou campanhas desenvolvidas pelo Provedor do Estudante.</p>	<p>1. Como funciona o Provedor do Estudante em relação aos casos de violência no namoro?</p> <p>2. De que forma, é que o Provedor do Estudante ajuda a combater a violência no namoro?</p> <p>3. De que forma, é que o Provedor do Estudante promove a igualdade de género?</p> <p>4. De que maneira, é que o Provedor do Estudante sensibiliza os estudantes universitários para prevenção da violência no namoro</p> <p>5. Será que podia-me dizer alguns programas/ campanhas que o Provedor do Estudante já desenvolveu para os jovens relativamente a igualdade de género e a violência no namoro?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco C</u></p> <p>Caracterizar a realidade da violência no namoro</p>	<p>-Analisar o conhecimento do entrevistado sobre a violência no namoro.</p> <p>-Identificar se o entrevistado sabe que tipo de práticas são consideradas violência no namoro.</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é a violência no namoro e como a mesma é praticada?</p> <p>2. Na sua opinião, a violência no namoro é só praticada por jovens?</p> <p>3. No seu ponto de vista, que comportamentos/atitudes são considerados como violência no namoro?</p> <p>4. Na sua opinião, existe violência no namoro no IES?</p> <p>5. Na sua opinião, o que poderia ser realizado na RAM para diminuir a violência no namoro no IES</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco D</u></p> <p>Compreender as diferenças entre o conceito de igualdade de género e o conceito de desigualdade de género.</p> <p>Entender como a desigualdade de género está presente na nossa sociedade e como a mesma executada</p>	<p>-Identificar se o entrevistado conhece o conceito de igualdade de género, bem como, o conceito de desigualdade de género</p> <p>-Analisar o conhecimento do entrevistado relativamente a desigualdade de género da nossa sociedade</p> <p>-Compreender se o entrevistado sabe o que é a violência de género e como a mesma pode ser praticada.</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é igualdade de género e desigualdade de género?</p> <p>2. No seu ponto de vista, existe desigualdade de género no IES?</p> <p>3. Na sua opinião, o que é violência de género e como a mesma é praticada?</p> <p>4. Na sua opinião, o que poderia ser realizado na RAM para promover a igualdade de género e combater a violência de género?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco E</u></p> <p>Compreender o impacto que a Instituição tem no combate da violência no namoro</p>	<p>-Identificar as ferramentas que a instituição utiliza no combate a violência no namoro</p>	<p>1. Qual é o impacto que a instituição tem no combate a violência no namoro?</p> <p>2. Será que podia quantificar esse impacto de (0 a 20)?</p> <p>3. De que modo, o combate a violência no namoro tem consequências no desenvolvimento da comunidade ?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco F</u></p> <p>Agradecimentos</p>	<p>- Agradecer. -Reiterar a garantia de confidencialidade.</p>	<p>Agradecimentos e confirmação de confidencialidade dos dados recolhidos, bem como a destruição dos mesmos após a defesa da dissertação.</p>	

Mestrando: Sara Raquel Pereira Abreu

Orientadora: Professora Doutora Liliana Rodrigues

Apêndice 4.- Guião de entrevista a um elemento da Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania

Guião de entrevista a realizar no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário

Esta entrevista garante o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, que serão utilizados apenas para o presente estudo. A entrevista é de participação voluntária e a qualquer momento o entrevistado pode desistir.

Tema: A violência no namoro em contexto universitário

Objetivos Gerais

- Compreender quais as representações que os estudantes universitários têm sobre a violência no namoro.

Guião da entrevista a:

- Elemento da Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco A</u></p> <p>Caracterização do entrevistado</p>	<p>-Legitimar a entrevista</p> <p>- Caracterizar o entrevistado</p>	<p>1. Apresentação do entrevistado</p> <p>a) idade;</p> <p>b) habilitações literárias;</p> <p>c) estado civil.</p>	<p>- O entrevistador deverá esclarecer quaisquer dúvidas que o entrevistado tenha, por forma a legitimar a entrevista.</p> <p>-Será uma entrevista de modelo semiestruturado.</p> <p>- Este projeto garante a confidencialidade dos dados dos participantes, utilizando os dados exclusivamente para o presente estudo. Além disso, este projeto garante o anonimato dos participantes, sendo que a sua identificação nunca será tornada pública em caso algum. O contacto entre entrevistador e entrevistado será sempre em ambientes de máxima privacidade.</p> <p>-Será pedido ao entrevistador a autorização para gravar a entrevista em sistema de áudio e sem imagem.</p>

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco B</u></p> <p>Caracterizar a Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania</p>	<p>-Entender o funcionamento da Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania.</p> <p>-Compreender o papel que a Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania possui no combate da violência no namoro, bem como, na promoção da igualdade de género.</p> <p>- Entender como a Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania sensibiliza os jovens acerca da violência no namoro e acerca da igualdade de género.</p> <p>-Identificar programas ou campanhas desenvolvidas pela Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania</p>	<p>1.Como funciona a Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania em relação aos casos de violência no namoro?</p> <p>2. De que forma, é que a Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania ajuda a combater a violência no namoro?</p> <p>3. De que forma, é que a Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania promove a igualdade de género?</p> <p>4. De que maneira, é que a Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania sensibiliza os estudantes universitários para prevenção da violência no namoro</p> <p>5. Será que podia-me dizer alguns programas/ campanhas que a Direção de Serviços de Igualdade e Cidadania já desenvolveu para os jovens relativamente a igualdade de género e a violência no namoro?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco C</u></p> <p>Caracterizar a realidade da violência no namoro</p>	<p>-Analisar o conhecimento do entrevistado sobre a violência no namoro.</p> <p>-Identificar se o entrevistado sabe que tipo de práticas são consideradas violência no namoro.</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é a violência no namoro e como a mesma é praticada?</p> <p>2. Na sua opinião, a violência no namoro é só praticada por jovens?</p> <p>3. No seu ponto de vista, que comportamentos/attitudes são considerados como violência no namoro?</p> <p>4. Na sua opinião, existe violência no namoro no IES?</p> <p>5. Na sua opinião, o que poderia ser realizado na RAM para diminuir a violência no namoro no IES</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco D</u></p> <p>Compreender as diferenças entre o conceito de igualdade de género e o conceito de desigualdade de género.</p> <p>Entender como a desigualdade de género está presente na nossa sociedade e como a mesma executada</p>	<p>-Identificar se o entrevistado conhece o conceito de igualdade de género, bem como, o conceito de desigualdade de género</p> <p>-Analisar o conhecimento do entrevistado relativamente a desigualdade de género da nossa sociedade</p> <p>-Compreender se o entrevistado sabe o que é a violência de género e como a mesma pode ser praticada.</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é igualdade de género e desigualdade de género?</p> <p>2. No seu ponto de vista, existe desigualdade de género no IES?</p> <p>3. Na sua opinião, o que é violência de género e como a mesma é praticada?</p> <p>4. Na sua opinião, o que poderia ser realizado na RAM para promover a igualdade de género e combater a violência de género?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco E</u></p> <p>Compreender o impacto que a Instituição tem no combate da violência no namoro</p>	<p>-Identificar as ferramentas que a instituição utiliza no combate a violência no namoro</p>	<p>1. Qual é o impacto que a instituição tem no combate a violência no namoro?</p> <p>2. Será que podia quantificar esse impacto de (0 a 20)?</p> <p>3. De que modo, o combate a violência no namoro tem consequências no desenvolvimento da comunidade ?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco F</u></p> <p>Agradecimentos</p>	<p>- Agradecer. -Reiterar a garantia de confidencialidade.</p>	<p>Agradecimentos e confirmação de confidencialidade dos dados recolhidos, bem como a destruição dos mesmos após a defesa da dissertação.</p>	

Mestrando: Sara Raquel Pereira Abreu

Orientadora: Professora Doutora Liliana Rodrigues

Apêndice 5.- Guião de entrevista a representante de uma ONG que trabalha na área da igualdade de género

Guião de entrevista a realizar no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário

Esta entrevista garante o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, que serão utilizados apenas para o presente estudo. A entrevista é de participação voluntária e a qualquer momento o entrevistado pode desistir.

Tema: A violência no namoro em contexto universitário

Objetivos Gerais

- Compreender quais as representações que os estudantes universitários têm sobre a violência no namoro

Guião da entrevista a:

- Representante de uma ONG que trabalha na área da igualdade de género

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco A</u></p> <p>Caracterização do entrevistado</p>	<p>-Legitimar a entrevista</p> <p>- Caracterizar o entrevistado</p>	<p>1. Apresentação dos entrevistados:</p> <p>a) idade;</p> <p>b) habilitações literárias;</p> <p>c) estado civil</p>	<p>- O entrevistador deverá esclarecer quaisquer dúvidas que o entrevistado tenha, por forma a legitimar a entrevista.</p> <p>-Será uma entrevista de modelo semiestruturado</p> <p>-Esta entrevista garante o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, que serão utilizados apenas para o presente estudo. Além disso, este projeto garante o anonimato dos participantes, sendo que a sua identificação nunca será tornada pública em caso algum. O contacto entre entrevistador e entrevistado será sempre em ambientes de máxima privacidade.</p> <p>-Será pedido ao entrevistador a autorização para gravar a entrevista em sistema de áudio e sem imagem.</p>

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco B</u></p> <p>Caracterizar a ONG</p>	<p>-Entender o funcionamento da ONG</p> <p>-Compreender o papel que a ONG desempenha na ajuda das vítimas de violência no namoro</p> <p>-Identificar como a ONG sensibiliza a população sobre a violência no namoro</p> <p>-Entender que apoio a ONG disponibiliza às vítimas de violência.</p> <p>- Compreender se a ONG recebe as denúncias das vítimas e como as trata?</p>	<p>1. Como funciona a ONG em relação aos casos de violência do namoro?</p> <p>2. De que forma, a ONG ajuda as vítimas de violência no namoro?</p> <p>3. De que maneira, que a ONG sensibiliza os estudantes para a denúncia da violência no namoro?</p> <p>4. Quais são os apoios que a ONG disponibiliza às vítimas de violência no namoro?</p> <p>5. A ONG recebe denúncias das vítimas de violência no namoro? Como é que dá resposta a essas denúncias?</p> <p>6. Existem denúncias de estudantes universitários que sofrem de violência no namoro no IES?</p> <p>7. Consegue dizer-me campanhas/programas que já realizaram ou irão realizar para prevenir e combater a violência no namoro?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco C</u></p> <p>Caracterizar a realidade da violência no namoro</p>	<p>-Analisar o conhecimento do entrevistado sobre a violência no namoro.</p> <p>-Identificar se o entrevistado sabe que tipo de práticas são consideradas violência no namoro</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é a violência no namoro e como a mesma é praticada?</p> <p>2. Na sua opinião, a violência no namoro é só praticada por jovens?</p> <p>3. No seu ponto de vista, que comportamentos/attitudes são considerados como violência no namoro?</p> <p>4. Na sua opinião, o que deveria ser realizado nos IES para combater a violência no namoro?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco D</u></p> <p>Compreender as diferenças entre o conceito de igualdade de género e o conceito de desigualdade de género.</p> <p>Entender como a desigualdade de género está presente na nossa sociedade e como a mesma executada</p>	<p>-Identificar se o entrevistado conhece o conceito de igualdade de género, bem como, o conceito de desigualdade de género</p> <p>-Analisar o conhecimento do entrevistado relativamente desigualdade de género da nossa sociedade</p> <p>-Compreender se os entrevistados sabem o que é a violência de género e como a mesma pode ser praticada.</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é igualdade de género e desigualdade de género?</p> <p>2. Na sua opinião, existe desigualdade de género na nossa sociedade? Como é que a mesma é praticada?</p> <p>3. Na sua opinião, o que é violência de género e como a mesma é praticada?</p> <p>4. Na sua opinião, o que é necessário fazer para combater a desigualdade de género e a violência de género?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco E</u></p> <p>Compreender o impacto que a Instituição tem no combate da violência no namoro</p>	<p>-Identificar as ferramentas que a instituição utiliza no combate a violência no namoro</p>	<p>1. Qual é o impacto que a instituição tem no combate a violência no namoro?</p> <p>2. Será que podia quantificar esse impacto de (0 a 20)?</p> <p>3. De que modo, o combate a violência no namoro tem consequências no desenvolvimento da comunidade ?</p>	

<p><u>Bloco F</u></p> <p>Agradecimentos</p>	<p>- Agradecer. -Reiterar a garantia de confidencialidade.</p>	<p>Agradecimentos e confirmação de confidencialidade dos dados recolhidos, bem como a destruição dos mesmos após a defesa da dissertação.</p>	
--	--	---	--

Mestrando: Sara Raquel Pereira Abreu

Orientadora: Professora Doutora Liliana Rodrigues

Apêndice 6.- Guião de entrevista a um representante de uma ONG que trabalha na área da violência no namoro

Guião de entrevista a realizar no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário

Esta entrevista garante o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, que serão utilizados apenas para o presente estudo. A entrevista é de participação voluntária e a qualquer momento o entrevistado pode desistir.

Tema: A violência no namoro em contexto universitário

Objetivos Gerais

- Compreender quais as representações que os estudantes universitários têm sobre a violência no namoro

Guião da entrevista a:

- Representante de uma ONG que trabalha na área da violência no namoro

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco A</u></p> <p>Caracterização do entrevistado</p>	<p>-Legitimar a entrevista</p> <p>- Caracterizar o entrevistado</p>	<p>1. Apresentação dos entrevistados:</p> <p>a) idade;</p> <p>b) habilitações literárias;</p> <p>c) estado civil</p>	<p>- O entrevistador deverá esclarecer quaisquer dúvidas que o entrevistado tenha, por forma a legitimar a entrevista.</p> <p>-Será uma entrevista de modelo semiestruturado</p> <p>- Esta entrevista garante o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, que serão utilizados apenas para o presente estudo. Além disso, este projeto garante o anonimato dos participantes, sendo que a sua identificação nunca será tornada pública em caso algum. O contacto entre entrevistador e entrevistado será sempre em ambientes de máxima privacidade.</p> <p>- Será pedido ao entrevistador a autorização para gravar a entrevista em sistema áudio e sem imagem.</p>

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco B</u></p> <p>Caracterizar a ONG</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Entender o funcionamento da ONG -Compreender o papel que a ONG desempenha na ajuda das vítimas de violência no namoro -Identificar como a ONG sensibiliza a população sobre a violência no namoro -Entender que apoio a ONG disponibiliza às vítimas de violência. - Compreender se a ONG recebe as denúncias das vítimas e como as trata 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como funciona a ONG em relação aos casos de violência do namoro? 2. De que forma, a ONG ajuda as vítimas de violência no namoro? 3. De que maneira, que a ONG sensibiliza os estudantes para a denúncia da violência no namoro? 4. Quais são os apoios que a ONG disponibiliza às vítimas de violência no namoro? 5. A ONG recebe denúncias das vítimas de violência no namoro? Como é que dá resposta a essas denúncias? 6. Existem denúncias de estudantes universitários que sofrem de violência no namoro no IES? 7. Consegue dizer-me campanhas/programas que já realizaram ou irão realizar para prevenir e combater a violência no namoro? 	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco C</u></p> <p>Caracterizar a realidade da violência no namoro</p>	<p>-Analisar o conhecimento do entrevistado sobre a violência no namoro.</p> <p>-Identificar se o entrevistado sabe que tipo de práticas são consideradas violência no namoro</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é a violência no namoro e como a mesma é praticada?</p> <p>2. Na sua opinião, a violência no namoro é só praticada por jovens?</p> <p>3. No seu ponto de vista, que comportamentos/atitudes são considerados como violência no namoro?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco D</u></p> <p>Compreender as diferenças entre o conceito de igualdade de género e o conceito de desigualdade de género.</p> <p>Entender como a desigualdade de género está presente na nossa sociedade e como a mesma é executada</p>	<p>-Identificar se o entrevistado conhece o conceito de igualdade de género, bem como, o conceito de desigualdade de género</p> <p>-Analisar o conhecimento do entrevistado relativamente a desigualdade de género da nossa sociedade</p> <p>-Compreender se os entrevistados sabem o que é a violência de género e como a mesma pode ser praticada.</p>	<p>1. Na sua opinião, o que é igualdade de género e desigualdade de género?</p> <p>2. Na sua opinião, existe desigualdade de género na nossa sociedade? Como é que a mesma é praticada?</p> <p>3. Na sua opinião, o que é violência de género e como a mesma é praticada?</p> <p>4. Na sua opinião, o que é necessário fazer para combater a desigualdade de género e a violência de género?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco E</u></p> <p>Compreender o impacto que a Instituição tem no combate da violência no namoro</p>	<p>-Identificar as ferramentas que a instituição utiliza no combate a violência no namoro</p>	<p>1. Qual é o impacto que a instituição tem no combate a violência no namoro?</p> <p>2. Será que podia quantificar esse impacto de (0 a 20)?</p> <p>3. De que modo, o combate a violência no namoro tem consequências no desenvolvimento da comunidade ?</p>	

Blocos	Objetivos específicos	Formulário de Perguntas	Observações
<p><u>Bloco F</u></p> <p>Agradecimentos</p>	<p>- Agradecer. -Reiterar a garantia de confidencialidade.</p>	<p>Agradecimentos e confirmação de confidencialidade dos dados recolhidos, bem como a destruição dos mesmos após a defesa da dissertação.</p>	

Mestrando: Sara Raquel Pereira Abreu

Orientadora: Professora Doutora Liliana Rodrigues

Apêndice 7.- Guião do Inquérito por Questionário

No âmbito da dissertação de Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário, está a decorrer uma investigação sobre "A violência no namoro em contexto universitário" na Universidade da Madeira (UMA).

Este inquérito por questionário é de participação voluntária e o participante pode desistir em qualquer momento. Será garantida a confidencialidade dos dados e o anonimato dos participantes. Será utilizada a plataforma certificada Qualtrics do Centro de Investigação em Educação da UMA/FCT. Os dados recolhidos serão destruídos e apagados de todos os dispositivos digitais, dois anos depois da publicação, em open access, da dissertação na biblioteca digital da UMA.

Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para Participação em Estudos de Investigação

Título do estudo: A violência no namoro em contexto universitário

Enquadramento: A violência no namoro consiste num ato de violência, do qual pode ser praticada de forma contínua ou pontual pelo/a agressor/a. Esta violência pode ser manifestada de diversas formas, tais como a violência verbal, sexual, social, económica, física e psicológica. Além disso, a violência no namoro é baseada no desequilíbrio de poder numa relação entre parceiros/as, do qual o/a agressor/a utiliza como estratégias de controlo e incorpora o quadro legal do crime de violência doméstica, no artigo 152 do código penal. Assim, queremos saber a situação da violência no namoro, na

Explicação do estudo: O objetivo do estudo é compreender quais as representações que os estudantes universitários, da UMA, têm sobre a violência no namoro.

Anonimato e confidencialidade: Este inquérito por questionário garante a confidencialidade dos dados e o anonimato dos participantes. Os dados recolhidos serão apenas utilizados exclusivamente para o presente estudo. O inquérito por questionário é de participação voluntária e o participante pode desistir a qualquer momento.

Por favor, leia com atenção esta informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações a Sara Abreu - 2113219@student.uma.pt

Se aceitar participar neste estudo por favor assinale no(s) itens abaixo:

- Tenho 18 anos ou mais

- Declaro que li e compreendi as informações que me foram fornecidas, considero-me devidamente esclarecida(o) acerca dos objetivos e das condições de participação voluntária neste estudo, entendo que posso desistir a qualquer momento de participar neste estudo sem qualquer prejuízo e aceito os termos e condições deste estudo.



Sexo

Feminino

Masculino

Outro

Prefiro não responder

Sexo

Feminino


Masculino

Outro

Prefiro não responder

Qual é o curso que frequenta?



Desenvolvido pela Qualtrics 

Sabe o que é a violência no namoro?

Sim

Não

Mais ou menos

Prefiro não responder

Na sua opinião, o que é a violência no namoro?

Quais destes comportamentos podem ser considerados violência no namoro?

- Partilhar as senhas das redes sociais
- Não ajudar o/a parceiro/a
- Controlar o/a parceiro/a
- "Não dar amor", apoio e carinho ao/a parceiro/a
- Magoar fisicamente o/a parceiro/a sem deixar marca
- Não fazer um gesto de amor ao/a parceiro/a
- Perseguir o/a parceiro/a
- Outro comportamento

Selecione as frases que são consideradas violência no namoro

- É melhor ter namorado/a violento/a do que não namorar
- A violência no namoro acontece em todas as classes sociais
- Há mais homens vítimas de violência no namoro
- A violência no namoro é considerada um crime público
- Há mais mulheres vítimas de violência no namoro
- Só é vítima no namoro quem quer
- Os homens são os principais agressores
- O álcool e a droga são a causa da violência
- A violência no namoro é um problema de pessoas desfavorecidos
- As mulheres são as principais agressoras
- Tem ciúmes "porque me ama"

Conhece algum programa de sensibilização sobre a violência no namoro?

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

Se respondeu sim, selecione os programas de sensibilização. Se respondeu "não" avance para a Q34

- Programa Uni+
- Observação Costeira
- NAMORArte+
- Tod@s somos um
- #namorarsemviolência
- Outro programa

Conhece os apoios que são prestados às vítimas de violência no namoro?

- Sim
- Não
- Não sei
- Prefiro não responder

Se respondeu sim, selecione os apoios que são disponibilizados. Se respondeu "não" avance para a Q36

- Apoio Proteção
- Apoio Social
- Apoio Jurídico
- Apoio Psicológico
- Outro

O que deve fazer quando é vítima de violência no namoro?

- Não pedir ajuda e manter-se na relação
- Pedir ajuda e sair da relação
- Pedir ajuda, mas manter-se na relação
- Outra coisa a fazer é

O que se deve fazer quando sabe que alguém é vítima de violência no namoro?

- Contactar a PSP
- Não ajudar e deixar a vítima a sofrer
- Contactar o Serviço do Ministério Público/Tribunais
- Culpar a vítima pela situação
- Apoiar o/a agressor/a por ser amigo/a ou familiar
- Contactar a Equipa de Apoio à Vítima de Violência Doméstica
- Falar com um/a professor/a
- Outra coisa a fazer é

O que se deve fazer se for vítima de violência no namoro na Universidade?

- Dirigir-se aos Serviços de Psicologia
- Isolar-se dos colegas
- Pedir ajuda aos docentes
- Não pedir ajuda a ninguém
- Pedir ajuda aos colegas/amigos
- Pedir ajuda ao diretor de curso
- Contactar o portal de denúncias da Universidade
- Denunciar
- Outra coisa a fazer é

Na sua opinião, o que deveria ser feito na universidade, para consciencializar os estudantes universitários sobre a violência no namoro?



Apêndice 8.- Processo da Comissão Ética



PARECER Nº 121/CEUMA/2024, DE 17 DE ABRIL

Sobre o pedido de apreciação pela Comissão de Ética da UMA do projeto de investigação: “A violência no namoro em contexto universitário”. -----

A - RELATÓRIO

O pedido de apreciação do documento nº 121 de 2024 respeita ao estudo: “A violência no namoro em contexto universitário”, submetido pela aluna do mestrado **Sara Raquel Pereira Abreu**, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, sob a orientação da **Senhora Professora Doutora Liliana Maria Gonçalves de Góis**, Professora Associada com Agregação da Universidade da Madeira (UMA) e Presidente da Faculdade de Ciências Sociais da UMA.

O pedido em análise está instruído com os seguintes documentos: a) Pedido de Parecer à CEUMA; b) Parecer favorável emitido pela Comissão de Proteção de Dados da Universidade da Madeira; c) *Curriculum Vitae* da responsável e da orientadora; d) Guião da entrevista; e) Consentimento informado; f) Declaração da Orientadora. -----

No documento *Pedido de Parecer à CEUMA*, consta a informação relativa a: identificação do projeto ou estudo (título, âmbito, datas previstas de início e fim, locais onde decorrerá o estudo e a recolha de informação; a equipa de investigação; o tipo de estudo; a descrição do protocolo (fundamentação teórica e justificação científica da investigação, objetivos e propósitos do estudo e a metodologia); e os instrumentos de recolha e destruição de dados. -----

O estudo tem como objetivos: Compreender quais as representações que os jovens universitários têm sobre a violência no namoro; Identificar os tipos de violência no namoro; Descrever as representações dos jovens universitários relativamente a violência no namoro; Elencar os programas nacionais e regionais de prevenção e sensibilização sobre a violência no namoro; Identificar os recursos disponibilizados pelas instituições no apoio à vítima de violência no namoro; Recomendar à UMA procedimentos e formas de combate à violência no namoro.---

O consentimento informado garante a natureza voluntária a todo o tempo da participação, não se vislumbra qualquer estratégia de decepção/engano no guião de entrevista e está assegurada a proteção dos dados recolhidos (cfr. concordância da Encarregada de Proteção de Dados da UMA). -----

Não se levantam questões de ética na metodologia, no processo de recrutamento, na participação, nos critérios de inclusão e exclusão, no guião e na entrevista, no tratamento dos resultados e no consentimento informado. Todas as condições de anonimato e confidencialidade dos dados estão garantidas. -----

Em 11 de Março de 2024, foi solicitada autorização ao Senhor Reitor da UMA para a recolha de dados na Universidade, bem como para a disponibilização do inquérito na página de entrada da UMA e para o envio de um e-mail aos estudantes desta instituição com o link de acesso ao

inquérito por questionário, que será preenchido na plataforma certificada Qualtrics do CIE-Uma.
A Reitoria aguarda o parecer desta CEUMa. -----

B - CONCLUSÃO

A CEUMa deliberou emitir um parecer favorável à realização do estudo, tendo em conta os pressupostos indicados pela Investigadora.

Relator: Juiz Desembargador Dr. Paulo Barreto

Aprovado por unanimidade, em reunião de dia 17 de Abril de 2024

A Vice-Presidente da CEUMa



Professora Doutora Mónica da Silva Cameirão

Apêndice 9.- Pedido de parecer



PARECER

Na qualidade de Encarregado de Proteção de Dados da Universidade da Madeira, e após análise pela equipa de proteção de dados desta instituição, do Projeto de Investigação **“A violência no namoro em contexto universitário”** é nosso parecer que o mesmo cumpre com o Regulamento Geral da Proteção de Dados.

Funchal, 13 de março de 2024

Encarregado de Proteção de Dados

Assinado por: **Filipa Isabel Sousa Mota**
Num. de Identificação: 10993715
Data: 2024.03.13 11:51:30+00'00'



Apêndice 10.- Consentimento informado



Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para Participação em estudos de Investigação

[Este modelo destina-se a ser adaptado a cada caso concreto e os itens e sugestões nele contidos não esgotam os termos e possibilidades que cada investigador queira utilizar para o tornar mais claro. O documento utilizado representa uma forma de "contrato" entre investigador/a e participante, onde cada parte fica com uma via assinada por ambos – o primeiro "outorgante" guarda-o para provar que pediu e obteve consentimento perante eventuais auditorias; o segundo "outorgante" guarda-o para reler, revogar se assim o entender ou reclamar se verificar eventual incumprimento do garantido. A linguagem a utilizar deverá ser tão simples quanto possível, livre de termos técnicos (exceto quando absolutamente necessário) e globalmente adequada à literacia dos participantes a recrutar.]

Identificação do Investigador: Sara Raquel Pereira Abreu

Orientadora: Liliana Rodrigues

Título do estudo: A violência no namoro em contexto universitário

Enquadramento: A violência no namoro não é um problema atual da nossa sociedade, sendo que se verificou por uma retrospção que o ato de violência era comum no passado, e que somente começou a manifestar-se com maior importância a partir da década de sessenta. A partir dessa década, verificou-se uma maior inquietação relativamente à violência presente nos relacionamentos amorosos, o que tem incentivado vários investigadores a estudar esta problemática. Ainda assim, nos dias de hoje, os jovens envolvidos em relacionamentos amorosos e que sofrem de violência no namoro, começam a constatar a verdadeira dimensão de um fenómeno que no decorrer dos anos foi omitido, devido à focalização das investigações nas relações matrimoniais.

No entanto, a maior parte dos jovens estabelecem uma relação de namoro saudável e positiva. Porém, existem casos em que o desejo de dominar e controlar o/a parceiro/a pode desencadear a violência. Assim sendo, a violência no namoro consiste num ato de violência, do qual pode ser praticada de forma contínua ou pontual pelo/a agressor/a. Esta violência pode ser manifestada de diversas formas, tais como a violência verbal, sexual, social, económica, física e psicológica. Além disso, a violência no namoro é baseada pelo desequilíbrio de poder numa relação entre parceiros/as, do qual o/a agressor/a utiliza como estratégias de controlo.

Neste sentido, em 2020, foi realizado pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) um estudo nacional sobre a violência no namoro, do qual se constatou que na Região Autónoma da Madeira, os comportamentos relacionados a perseguição corresponde a (27%), ao controlo (32%) e a violência sexual (22%), sendo estes comportamentos que a maioria dos jovens mais legitimam no relacionamento. No entanto, ainda se constatou através dos indicadores de vitimização um maior predomínio da perseguição (18%), da violência psicológica (21%) e do controlo (20%). Tendo em conta o que foi anteriormente referido, verificamos que a violência no namoro tem aumentado progressivamente, sendo que a mesma é um crime, do qual incorpora o quadro legal do crime de violência doméstica, no artigo 152 do código penal.

Explicação do estudo: O objetivo do estudo é compreender quais as representações que os jovens universitários têm sobre a violência no namoro. Será utilizado para recolher os dados do inquérito por questionários, entrevistas semiestruturadas e entrevistas focais. Será recolhido dados de metodologia qualitativa e de metodologia quantitativa. Após a realização da dissertação, todos os dados recolhidos (áudio) serão totalmente apagados.

Condições e financiamento: Não haverá pagamento para as deslocações ou contrapartidas. Este estudo mereceu parecer favorável da Comissão de Ética.

Anonimato e confidencialidade: Este projeto garante a confidencialidade dos dados dos participantes, sendo que os mesmos serão apenas utilizados para o presente estudo. Este projeto também garante o anonimato dos participantes, sendo que a sua identificação nunca será tornada pública.

Por favor, leia com atenção esta informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações.

Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Assinatura de quem pede consentimento: Sara Abreu



Declaração de Consentimento do Participante

Eu, [*nome*] declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que acima assina/m. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados, que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para fins científicos e publicações que delas decorram e com as garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

Assinatura legível e manuscrita: _____

Data: 09 / 03 / 2024

8. Cronograma

O projeto de investigação anteriormente retratado tenciona-se desenvolver de acordo com o cronograma que se encontra abaixo apresentado. É de realçar que este cronograma pode ser ajustado no decorrer da investigação, conforme com o desenrolar das diversas etapas.

Tarefas a realizar	Anos e Meses												
	2023				2024								
	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Definição da problemática e questões de investigação	×												
Revisão da literatura	×	×	×	×									
Metodologia					×	×	×						
Elaboração dos instrumentos de recolha de dados					×	×	×						
Contacto com os intervenientes								×	×	×			
Recolha de dados								×	×	×			
Análise e interpretação de dados									×	×	×		
Revisão da literatura										×	×	×	×
Redação Final											×	×	×